



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**O FANTASMA NO CASTELO DO MATERIALISMO:
UMA HISTÓRIA DO INCONSCIENTE FREUDIANO**

Autor

HERÁCLITO ARAGÃO PINHEIRO

Orientador

Prof. Dr. RICARDO LINCOLN LARANJEIRA BARROCAS

FORTALEZA
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

HERÁCLITO ARAGÃO PINHEIRO

**O FANTASMA NO CASTELO DO MATERIALISMO:
UMA HISTÓRIA DO INCONSCIENTE FREUDIANO**

Dissertação apresentada ao Departamento
Psicologia do Centro de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Ceará como requisito para
a obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Ricardo L. L. Barrocas.

FORTALEZA
2009

Catálogo na Fonte

P 654f Pinheiro, Heráclito Aragão
O Fantasma no Castelo do
Materialismo: uma História do
Inconsciente Freudiano./ Heráclito
Aragão Pinheiro.- Fortaleza:
Universidade Federal do Ceará, 2010.

90fls.

Dissertação (Mestrado)

Orientador: Dr. Ricardo Lincoln
Laranjeira Barrocas

1. Materialismo dialético- história
2. Freud, Sigmund I. Título

CDD: 146

HERÁCLITO ARAGÃO PINHEIRO

**O FANTASMA NO CASTELO DO MATERIALISMO:
UMA HISTÓRIA DO INCONSCIENTE FREUDIANO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Prof. Dr. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Dr.^a Vlândia Jamile dos Santos Jucá
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva
Universidade Federal do Ceará

O FANTASMA NO CASTELO DO MATERIALISMO: UMA HISTÓRIA DO INCONSCIENTE FREUDIANO

Resumo

Esta dissertação tem por objetivo compreender o percurso de Freud em sua elaboração da noção de inconsciente, perceber de que maneira ele chega até essa noção crucial para a fundação do saber psicanalítico. Para alcançar esse objetivo decidi abordar os modelos e os referentes de Freud. Os principais achados com relação aos modelos que tiveram maior peso em sua elaboração do inconsciente foram sua clínica com as histéricas, bem como seu confronto com as idéias vigentes sobre essa afecção, seu contato com a hipnose e a interlocução que estabeleceu com Charcot, Breuer e Flies. E os principais referentes foram o agnosticismo e o fisicalismo, no que concerne à forma como ele findou se afastando deste.

Palavras-chave: Freud, inconsciente, psicanálise, hipnose, modelos e referentes, fisicalismo, histeria, história das ciências.

THE GHOST IN MATERIALISMS' CASTLE: A HISTORY OF FREUDIAN UNCONSCIOUS

ABSTRACT

This research has the goal of understanding the path of Freud in his elaboration of the notion of unconscious, to realize the ways by which he got to this crucial notion to the foundation of the psychoanalytical knowing. To reach this goal I decided to deal with the models and references of Freud. The principal results were that the models which had more weight in the development of his idea of unconscious were his clinical work with the hysterics, as well as his divergence with the conventional ideas about this affection, his contact with the hypnosis and the interlocution he established with Charcot, Breuer and Fliess. And the principal references were the agnosticism and the physicalism, in relation to what it concerns the form by which he finally distanced himself.

Keywords: *Freud, unconscious, psychoanalysis, hypnosis, models and references, physicalism, hysteria, history of science.*

Dedico este trabalho ao meu filho Ícaro.

O espírito do guerreiro não é dado a caprichos e nem a reclamações, nem a vencer ou perder. O espírito do guerreiro só é dado à luta, e cada embate é a última batalha de um guerreiro sobre a face da terra. Assim, o resultado lhe importa muito pouco, em sua última batalha na terra o guerreiro deixa seu espírito correr livre. E enquanto trava sua batalha, sabendo que sua vontade é impecável, o guerreiro e a sua própria morte são uma só pessoa.

CARLOS CASTAÑEDA.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ricardo L. L. Barrocas.

Aos coordenadores do Programa de Mestrado em Psicologia da UFC – Prof.^a Dr.^a Laéria Fontenelle, Prof.^a Dr.^a Verônica Ximenes e Prof. Dr. Cássio Brás – pela sua preciosa ajuda para que essa dissertação pudesse ser concluída.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e defesa – Prof. Dr. Cristian Paiva, Prof.^a Dr.^a Adelaide Gonçalves e Prof.^a Dr.^a Vlândia Jucá – pela interlocução e pelas sugestões.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Psicologia da UFC. Em especial aos professores da linha de Psicanálise e Psicopatologia.

A todos os meus colegas, mestrandos, em especial aos colegas da linha de Psicanálise e Psicopatologia e, dentre estes, uma menção especial para Isaac Vilanova, Anaxiane, Silvia Amoedo e Eveline.

Ao meu pai, Francisco José Pinheiro, pelo exemplo de intelectual, professor, pesquisador e homem público. Modelo que tento seguir. E pela inestimável ajuda nos inúmeros momentos difíceis desse mestrado, tendo ouvido sempre com atenção e paciência todos os meus dilemas e dissabores e generosamente partilhado comigo sua sabedoria.

A minha mãe, minha avó e tia-avó por estarem sempre presentes quando precisei.

Agradeço ao meu dileto amigo Alex Sandro “Freud” Queirós e Silva, pelo apoio, torcida e pelos livros que comprou para mim em São Paulo.

Agradeço ao meu amigo Filipe Jesuíno pela ajuda durante todo o processo. Certamente, sem essa ajuda eu não teria iniciado o mestrado nem, tampouco, concluído.

Também merece menção a família de meu dileto amigo Filipe Jesuíno, sua esposa Sabrina e seus pais Geraldo Jesuíno e Marlúcia Jesuíno pois, quando em diversas vezes me deparei com obstáculos, souberam me aconselhar com sabedoria e ponderação.

Ao meu avô, Francisco das Chagas Aragão, pelo homem valente e forte que ele foi em vida, tendo sido sempre o modelo em que busquei me inspirar para agir com coragem e honrabilidade, evitando a mesquinhez e a covardia, defeitos que ele jamais demonstrou. *In memoriam.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MÉTODO	12
2.1	A importância e a necessidade do estudo do inconsciente	12
2.2	Os caminhos da pesquisa	15
2.3	O contexto epistemológico de Freud	17
3	O CONTEXTO HISTÓRICO	28
3.1	Freud	28
3.2	A formação intelectual de Freud	32
3.3	Freud e o judaísmo	42
4	A IMPORTÂNCIA DA HISTERIA PARA A FORMULAÇÃO DO CONCEITO DE INCONSCIENTE	47
4.1	A histeria	47
4.2	As concepções anatomopatológica e fisiológica	49
4.3	A influência de Charcot	53
4.4	Histeria, fantasia e inconsciente	56
5	O DISCURSO CIENTÍFICO EM FREUD	58
5.1	A cientificidade em Freud	58
5.2	Hipnose, sonhos, sintomas e atos falhos	69
5.3	Gênese do conceito de inconsciente	72
6	CONCLUSÃO: O FANTASMA NO CASTELO DO MATERIALISMO	84

1 INTRODUÇÃO

A desobediência é uma virtude necessária à criatividade.
(Raul Seixas)

Sigmund Freud, com suas pesquisas iniciadas no último quartel do século XIX, funda a psicanálise e, com ela, uma nova possibilidade de entendimento das patologias anímicas que, em sua gênese, se desvincula da perspectiva médico-psiquiátrica em que o jovem Freud originalmente começara seus estudos. Perspectiva essa que se encaminhava para uma tentativa de explicação do psicopatológico, puramente fisiológica.

Apesar de ter iniciado sua carreira no laboratório de fisiologia de Ernest Brücke (Freud, 1976), Freud, com o prosseguimento de suas pesquisas no campo das doenças nervosas logo se afastou dos rumos corriqueiros tomados pela psiquiatria em voga, devido principalmente à ineficácia de seus métodos.

Meu conhecimento de eletroterapia provinha do manual de W. Erb [1882] [...] logo fui impelido a ver que essas instruções não eram de qualquer valia [...] o que eu tomara por um compêndio de observações exatas era meramente a construção de fantasia. Foi penosa a compreensão de que a obra do maior nome da neuropatologia alemã não tinha maior relação com a realidade do que um livro de sonhos ‘egípcio’[...]. (FREUD, 1976b, v.XX, p.27).

Em seu *Um Estudo autobiográfico* Freud (1976) faz uma citação do *Fausto* de Goethe logo antes de começar uma narração dos inícios de sua carreira como médico. É uma citação curta, todavia, aqueles que tiverem a curiosidade de ler toda a cena podem se dar conta da ironia que Freud (consciente ou inconscientemente) fez com a compreensão médica. Nesta referida cena, o demônio (Mefistófeles) está a falar com um estudante de filosofia e o aconselha a seguir a carreira da medicina por motivos nada éticos.

Besonders lernt die Weiber führen;
Es ist ihr ewig Weh und Ach
So tausendfach
Aus einem Punkte zu kurieren,
Und wenn Ihr halbweg ehrbar tut.¹
(GOETHE, 2004, p.194).

¹ “Regei mormemente o mulhero;/ Os seus gemidos e ais de dó,/ Cem vezes curar-se-ão a fio,/ Num ponto só./ E se ostentardes honradez,/ Tê-las-ei todas de uma vez” (Goethe, 2004, p.195)

Após retornar de sua estada no *Salpêtrière*, Freud já começa a se encaminhar em uma direção, sob muitos aspectos, diferente de seus pares no que diz respeito à compreensão dos estados “mórbidos” associados às doenças nervosas. Inicialmente, no que concerne à histeria, em seu trabalho conjunto com Breuer (Freud, 1988), Segundo Palmer:

[...] ele ter tido seu primeiro treinamento científico em companhia dos materialistas médicos da chamada ‘escola de HelmHoltz’ (...). Seus objetivos foram notoriamente resumidos numa carta escrita por Bois-Reymond em 1842: ‘Brücke e eu fizemos o juramento solene de pôr em prática essa verdade: nenhuma força além das forças físico-químicas comuns age no organismo’. Freud, naturalmente se afastaria muito dessa tentativa de reduzir todos os fenômenos a categorias explicativas da física e da química. (2001, p.18).

O objetivo deste estudo é compreender os modelos e os referentes que contribuíram para a formulação do conceito de inconsciente por Freud.

O segundo capítulo trata de aspectos epistemológicos relacionados à obra Freudiana, bem como de justificar a importância de um estudo do inconsciente e da abordagem dos aspectos metodológicos dessa dissertação.

O terceiro capítulo traça uma espécie de biografia intelectual de Freud, e aborda aspectos históricos importantes para a formação do saber psicanalítico, assim como certos aspectos da biografia de Freud, como, por exemplo, sua relação com o judaísmo.

O quarto capítulo versa sobre a histeria, a forma como era entendida antes de Freud, o contexto histórico do entendimento dessa afecção à época das primeiras formulações teóricas da psicanálise, versa também sobre a influência de Charcot sobre Freud e a relação entre a clínica das histéricas e a elaboração do conceito de fantasia.

No quinto capítulo ocorre a investigação propriamente dita pelas origens da formulação teórica do inconsciente, que Assoun considera o inédito freudiano.

No sexto capítulo tento mostrar minhas conclusões e hipóteses a partir do que foi discutido e elaborado nos capítulos precedentes.

2 MÉTODO

*Philosophie nennt man die geistreiche Überzersetzung des
Unerklärlichen ins Unverständliche.*
(Hans Clarin)

2.1 A importância e a necessidade do estudo do inconsciente

Antes de mais nada, é necessário estabelecer uma diferenciação entre a teoria de um inconsciente proposta por Freud e os rumos e desenvolvimentos posteriores tomados pela psicanálise, notadamente a teoria de Lacan.

Todavia, antes de fazer essa distinção entre as maneiras de se compreender o inconsciente, é preciso salientar algo que é dito por Márcio Peter de Souza Leite de maneira extraordinariamente lúcida. Em suas próprias palavras.

É importante frisar que, às vezes, o estilo de Lacan nos leva a pensar que a melhor maneira de lermos Freud é a dele, o que não é verdade. Há inúmeras possibilidades de fazê-lo e a forma que Lacan escolheu, além de não ser a única existente, também está sujeita a críticas. (1992, p. 45).

O que deve ser observado logo de início é que a noção elaborada por Freud em sua obra não corresponde *ipsi literis* às formulações posteriores feitas com base nessa mesma obra. Tomando Lacan como exemplo desse fato, que deveria ser bastante claro, mas não o é. O mesmo Márcio Peter afirma.

A partir de Freud, Lacan produziu um novo conceito de inconsciente e, mais tarde, chegou até mesmo a falar num “inconsciente Lacaniano”. (1992, p. 45).

Para Lacan o estatuto do inconsciente é ético e não ôntico, pois o estatuto do inconsciente não teria nada a ver com a psicogênese. Ele não pretendia explicar a psicologia do ser humano, sua ênfase era essencialmente clínica, e assim como os lingüistas em que se inspira, procura construir sua estrutura sem se preocupar com sua origem. Para Lacan importa entender como funciona não de onde vem. (Leite, 1992). A noção de inconsciente em Lacan é:

É uma noção de inconsciente modificada, que se sustenta em Freud mas que adquiriu uma leitura bastante mais precisa em Lacan. Essa precisão atinge um ponto tal que a noção de inconsciente mostrará também inconsciente como não existindo sempre, ou seja, ele não estará como pano de fundo de tudo o que se fala (...). (LEITE, 1992, p.53).

Tomando o desenvolvimento posterior que é demonstrado com extraordinária clareza por Márcio Peter de Souza Leite, percebe-se que apesar da origem e das palavras que se usam, seu sentido se altera, assim como a sua importância. Freud sustenta sua psicanálise em uma série de teorizações de uma psicologia profunda com base em sua noção de inconsciente que, ao contrário de Lacan, possui uma preocupação com a psicogênese e mantém o inconsciente com estatuto ôntico. Para o meu objetivo não se faz necessário adentrar mais a fundo nessa seara, mas sim justificar a preocupação em compreender – sublinhe-se o compreender – a formulação freudiana no contexto e no tempo que lhe são próprios, para não incorrer em algum anacronismo ou julgamento indevido.

Logo, o inconsciente de que fala o título desse tópico é o inconsciente Freudiano entendido em seu contexto nativo, tanto a obra de Freud quanto aquilo que Assoun chama de modelos e referentes. Dimensionar a importância desse tipo de estudo é dimensionar a importância do inconsciente na obra de Freud, mas não apenas. Pois como diria Confúcio.

O Mestre disse: “Quem, ao repassar o velho, descobre o novo é apto para ser professor” (2000, p.9).

Há também, segundo Koyré, uma justificativa para o estudo da história das ciências que a entende como um fim nela mesma, pois é essencialmente *theoria*, busca da verdade.

Ela nos revela o espírito humano no que ele tem de mais alto, em sua busca incessante, sempre insatisfeita e sempre renovada, de um objetivo que sempre lhe escapa: a busca da verdade, *itinerarium mentis in veritatem*. Ora, esse *itinerarium* não é dado por antecipação e o espírito não o percorre em linha reta. O caminho na direção da verdade é cheio de ciladas e semeado de erros e nele os fracassos são mais freqüentes do que os sucessos. Fracassos, de resto tão reveladores e instrutivos quanto os êxitos. (KOYRÉ, 1982, p.377).

No que concerne ao estudo da alma e dos males da alma, ou seja, aquilo em que Freud se empenhou por quase toda sua vida, convém igualmente salientar a importância do inconsciente.

Não deixa de ser interessante rever as origens do pensamento de Freud no momento em que vivemos, pois a psiquiatria passa por um processo de retorno ao fisicalismo com a chamada psiquiatria neo-Krapeliana em que há uma primazia dos aspectos descritivos e um esvaziamento da importância dos fatores etiológicos na classificação das desordens mentais. Esse processo se evidencia principalmente na psiquiatria norte americana, já que seu principal manual privilegia esse aspecto descritivo e procura ser “ateórico”, o que por si já é uma escolha teórica (HENNING, 2000).

Essa nova força encontrada no reducionismo ao substrato orgânico, pretensamente objetivo, ou ao menos mais objetivo que os aspectos ditos psíquicos, precisa ser pensada em um contexto mais amplo e numa perspectiva histórica que leve em conta as mudanças e permanências nesse tipo de pensamento, e nas práticas que ele engendra. O sujeito que não é mais “senhor em sua própria casa” já não conta tanto, desde que as desordens psiquiátricas possam ser suprimidas com o auxílio medicamentoso. Por mais que em si mesma a evolução da farmacologia não seja algo ruim, essa perspectiva que reduz o sujeito e seu psiquismo a “algo de saboroso” como disse certa vez Jung, precisa passar por uma séria reflexão. Certamente essa não é uma discussão nova, Jung já em 1948 refletia sobre esse tema.

Uma psicologia para a qual o fato psíquico é um epifenômeno melhor faria se se denominasse fisiologia do cérebro, contentando-se com o magro resultado que uma tal psicologia oferece. O fato psíquico merece ser considerado como um fenômeno em si, pois não há motivo nenhum para concebê-lo como um mero epifenômeno, embora esteja ligado à função cerebral, do mesmo modo como não se pode considerar a vida como um epifenômeno da química do carbono. (1999, p.7).

Foucault (1984) argumenta que o asilamento do período moderno silenciou a loucura, lançando-a detrás dos muros, lugar dos proscritos. Apenas quando pioneiros do estudo da psique – e aí menciona Freud – dirigiu atenções para a desrazão, ela foi trazida de volta. Neste sentido o conceito de inconsciente é de fundamental importância, pois com ele o conhecimento psicológico se apresenta nos termos de Foucault:

Nunca a Psicologia poderá dizer a verdade sobre a loucura, já que é esta que detém a verdade da psicologia. E, contudo, uma psicologia da loucura não pode deixar de ir ao essencial, já que se dirige obscuramente para o ponto onde suas possibilidades se estabelecem; quer dizer que ela sobe sua própria corrente e encaminha-se para estas regiões onde o homem relaciona-se consigo próprio e inaugura a forma de alienação que o faz tornar-se *homo psychologicus*. (1984, p.60).

De tal maneira, a relação com o inconsciente, que trouxe a psicopatologia para a vida cotidiana e a encontrou também nos sonhos é condição indispensável, ainda que estabeleça um paradoxo, para a continuidade da tensão que movimenta o saber psicológico no sentido apresentado por Foucault.

Last but not least, vem-me à mente a interessante argumentação de James em seu *Pragmatism*, onde ele inicia sua primeira palestra, que versava sobre “o presente dilema na filosofia” falando justamente sobre “temperamento”. Argumentava ele, com uma ponta de cinismo, que a história da filosofia era, em grande medida, a história de choques de temperamentos. O próprio James aponta que para qualquer filósofo seu temperamento

desempenha papel reduzido em suas articulações teóricas, o qual procura por argumentos objetivos, mas, argumenta ele, seu temperamento oferece ao filósofo o mais poderoso argumento e ao mesmo tempo o mais inconfessável. Mais poderoso do que qualquer argumento objetivo.

There arises thus, a certain insincerity in our philosophic discussions. The potentest of all our premises is never mentioned. I am sure it would contribute to clearness if in these lectures we should break this rule and mention it, and I accordingly feel free to do so.² (JAMES, 1995, p.3).

Felizmente, alguém da estatura intelectual de James apontou esse argumento que, apesar de ser tão óbvio, é sempre tácito. Dessa forma, alguém como eu, mero estudante que labuta numa dissertação de mestrado pode, não sem também uma ponta de cinismo, utilizar da sinceridade deste argumento. Pois, por temperamento, considero apropriado e importante estudar o inconsciente. Certamente, para a finalidade dos rituais acadêmicos os argumentos objetivos expostos anteriormente possuem muito maior peso, mas por certo esse temperamento particular é o mais potente dos meus argumentos e o que me moveu a essa pesquisa. Não deixa de ser irônico e interessante que, um trabalho sobre a psicanálise – a “peste” nas palavras do próprio Freud – deva ser sempre tão “asséptico” e distante de outros referentes e possibilidades, como a apontada por James, e as que foram incessantemente apontadas por Freud.

Mais interessante ainda, porque me interessa o Freud de seus primeiros anos de elaboração teórica, o Freud “desobediente”, o que ele se torna a seguir, o homem dogmático e rígido, dono da psicanálise e senhor absoluto de seus seguidores, um “demônio do poder” como o denominou Jung muitos anos depois, em foro privado. Pelo menos para mim, o jovem e ousado Freud é bem mais interessante.

2.2 Caminhos da pesquisa

Assoun em sua excelente obra *Epistemologia Freudiana*, chama atenção para o que ele denomina de modelos e referentes da obra de Freud, modelos estariam para além de simples influências, se apresentando como práticas científicas que influem epistemologicamente na obra, assim como referentes são compreendidos como filosofias da

² “Ali aparece então, certa insinceridade em nossas discussões filosóficas, a mais potente de nossas premissas nunca é mencionada. Tenho certeza que para contribuir à clareza dessas palestras nós devemos quebrar essa regra e mencioná-la, e de acordo, sentir-nos livre para fazê-lo”. (Tradução minha).

ciência que em certa medida moldam o saber Freudiano. Não à toa o referido autor usa o termo “grelhas”, a metáfora é vivida e possui um caráter bastante plástico. Não obstante essas tais “grelhas” conceituais, que de certa maneira circunscreverem o saber elaborado por Freud, pois ele certamente parte de uma cultura científica já estabelecida, esse saber transborda a tais limites.

O momento de salto que distancia Freud de seus modelos e referentes seria, ainda segundo Assoun, a formulação da idéia de um inconsciente. Em termos históricos, poderíamos pensar em continuidades e descontinuidades presentes na psicanálise, sendo o grande momento de quebra o inconsciente. Mesmo assim, esses modelos e referentes exercem inegável influência na formulação desse conceito crucial. O abandono ou a refutação pressupõe um momento em que se teve o algo que se deixou para trás. Vem-me à mente de maneira vívida o mito mesopotâmico de criação, no qual o Dragão mãe que representa as águas primordiais, Tiamat, é abatido e despedaçado por Marduk com a ajuda dos ventos e com os pedaços daquele, este cria o mundo. O peculiar desse mito é que Marduk não cria o mundo, mas o recria com o esquartejamento do dragão, ele o reorganiza, assim como o faz Zeus na Teogonia com sua temporalidade tão peculiar.

Mutatis mutandis, a mitologia teórica fundada por Freud – como a chama Foucault – se dá de maneira similar ao esquartejamento do dragão da lenda, ele parte de uma anterioridade, mesmo que em certos momentos essa anterioridade já não possa mais ser facilmente reconhecida na obra de Freud. Pensando nessa peculiaridade de todo ato de criação, mesmo aquele engendrado por potências cósmicas como Marduk e Zeus, o intuito desse trabalho é traçar um quadro compreensivo desses modelos e referentes que ajudam a compreender a formulação Freudiana da teoria do inconsciente.

É certo que a formulação de uma teoria inovadora depende de uma sutil dialética entre as influências sociais e históricas, a biografia e idiossincrasias do autor, bem como naquilo que se pode chamar de gênio. Sem querer fazer pouco caso dessa dialética, as páginas que se seguem darão mais atenção aos primeiros aspectos, em detrimento dos segundos, que também se farão presentes, mas em função de melhor compreender esses antecedentes históricos.

2.3 O contexto epistemológico de Freud

Segundo Assoun, há um inédito Freudiano. A criação da psicanálise por Freud altera significativamente o entendimento dos males da alma, bem como representa um momento de crítica a um modo de pensar europeu, com sólidas raízes no Iluminismo. Essa crítica abrange o escândalo causado por Freud ao postular sua teoria da sexualidade infantil, apesar de, anos depois, ele mesmo redimensionar esse escândalo ao perceber que já havia pesquisas que indicavam o mesmo que suas descobertas clínicas. Além da sexualidade, Freud foi um crítico atroz da religião, algo que nada tinha de inaudito no contexto europeu, mas ele o fez a partir da perspectiva de sua “jovem ciência”, a psicanálise. Não obstante, o que vai interessar mais de perto ao escopo desses escritos, é a crítica de que o inédito Freudiano, o inconsciente, dirige ao ideal filosófico de homem: um sujeito transparente a si mesmo. A máxima Freudiana de que não somos senhores em nossa própria casa, será crucial para o que me proponho. Partindo do pressuposto de Assoun (1983), essa dissertação visa entender como Freud propôs a idéia de um inconsciente psíquico, qual foi o seu percurso e por quais motivos Assoun considera essa a contribuição fundamental da psicanálise.

Assoun, ao pesquisar a epistemologia Freudiana, tem o cuidado de demonstrar que seu intento não é o de imbuir a psicanálise de uma epistemologia que lhe seja estrangeira, ou *ad hoc*, ao contrário ele parte de um fato elementar.

[...] A reivindicação por Freud, da psicanálise como saber. Ora, todo saber possui suas regras de funcionamento próprias e seus referentes específicos, operando na constituição desse saber. (1983, p.10).

É preciso insistir nesse ponto, pois é um cuidado metodológico capital apontado por Assoun e que será seguido à risca nesse trabalho, o cuidado de seguir a letra de Freud na “O que nos interessa é a epistemologia rigorosamente nativa e imanente à *démarche* de conhecimento de Freud”. (ASSOUN, 1983, p.10).

Um dos pressupostos mais basilares a ser seguido nessa dissertação será aquele apontado por Assoun: a existência de um inédito Freudiano.

Sem dúvida, uma vez lembrados os elementos históricos nos prefácios de exposições sobre a psicanálise, apressamo-nos em acrescentar que Freud é *outra coisa*. É verdade que o inédito Freudiano transborda consideravelmente seus modelos. *Mas não podemos temer certa relativização do modelo Freudiano ao situá-lo em seu horizonte*. (1983, p.13, grifo meu).

Há um hiato de compreensão quando se tenta situar Freud de acordo com suas influências – Ernst Brücke, Herbart, Helmholtz, Ernst Mach, Ernst Haeckel – pois o pai da psicanálise não os imita simplesmente, daí surge essa sensação incômoda de uma lacuna no entendimento de Freud.

Donde nossa impressão de que precisamos dar um salto arbitrário para passar da origem de Freud à sua plena realização. Passamos, sem termos compreendido muito bem mediante que mágica, de um Freud profundamente mergulhado nos desafios de seu tempo, filho dócil de seu saber, ao Freud emancipado que se tornou, ele mesmo, “fundador da psicanálise”. (ASSOUN, 1983, p.14).

Faz-se necessário ao apontar a identidade epistemológica de Freud, suas influências – ou modelos como prefere Assoun – que com isso não se use da fidelidade histórica para se abolir o inédito freudiano. Este trabalho não pode jamais estar preso ao ídolo das origens. A origem epistêmica de Freud não basta para compreendê-lo. (ASSOUN, 1983). Todavia, ao situá-lo em seu tempo, as semelhanças e dessemelhanças são realçadas e a nossa visão se torna mais aguda na busca pelo tesouro duramente procurado nos caminhos e descaminhos da letra freudiana.

Segundo Assoun, “Muito mais radicalmente, entendemos por histórico o modo de constituição genealógica do saber freudiano. Aqui, não seria suficiente um catálogo de influências. Portanto, propomos a chamar de *modelos* as grelhas de decifração instauradas numa prática científica regulada.” (1983, p.13). E ainda “falaremos de *referentes* para designar grelhas que não são simplesmente induzidas de práticas a efeitos epistemológicos, mas se apresentam como teorias, metodologias, verdadeiras filosofias das ciências, até mesmo doutrinas – razão pela qual são escritos em *ismos*.” (1983, p.14).

Esta é a pergunta fatal da esfinge que acoisa o autor dessas páginas, enigma a ser desvendado percorrendo o dédalo da obra de Freud. Mas como se encontra tal resposta? Seria a solução desse problema encontrada na Viena da juventude de Freud? Na história da medicina acadêmica que o jovem Freud estudou com afinco? No fato apontado por ele mesmo de ser judeu e estar acostumado ao isolamento, à solidão dos que são perseguidos e odiados? A tarefa do historiador não é fácil, pois ao se debruçar sobre o passado, o imutável passado, *res gestae* no dizer de Koyré, deve fazer suas escolhas por aquilo que calhou restar, pelos registros que os antigos julgaram importantes, pelos vestígios mesmo ínfimos que sobreviveram à sanha do tempo que a tudo devora. Suas escolhas são duplamente condicionadas, para assim empreender sua reconstrução, sua *historia rerum gestarum*. Pois o passado permanece para sempre inacessível.

Assim, as reconstruções históricas são sempre incertas e até duplamente incertas... Pobre pequena ciência conjectural: foi assim que Renan se referiu à história. (KOYRÉ, 1982, p.371).

Freud afirma, reiteradas vezes em sua longa obra, que a psicanálise é uma ciência. Não à toa ele utiliza o termo “jovem ciência” como sinônimo para sua criação. Quase ao mesmo tempo em que Freud labutava em sua clínica e elaborava sua teoria, a ciência encontrava-se em ebulição devido à famosa disputa que ficou conhecida como “querela dos métodos” (*Methodenstreit*), provocada pela ascensão das ciências do homem, ou ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), que reivindicavam um estatuto epistêmico próprio e diverso daquele das chamadas ciências da natureza (*Naturwissenschaften*).

As ciências da natureza (como a física e a química) seriam as suscetíveis aos métodos da ciência galileana, capazes de elaborar leis gerais e que tratam de acontecimentos que se repetem, chamadas também de ciências nomotéticas, que subsumem o particular ao universal. Em contraste com a história e outras ciências do espírito, que lidam com eventos singulares, daí serem também chamadas de idiográficas. Haveria entre estes dois modelos a diferença entre o explicar (*erklären*) e compreender (*verstehen*). Pode-se traçar ainda outro aspecto dessa oposição, pois as ciências da natureza se atêm a juízos de realidade, por outro lado as ciências do espírito implicam uma valorização. Freud denomina a psicanálise de ciência da natureza, todavia, isso não significa uma tomada de posição por parte de Freud, estranhamente, representa mais um meio de escamotear a questão. Freud não toma parte da *Methodenstreit*, pois para o pai da psicanálise *Naturwissenschaft* era praticamente sinônimo de *Wissenschaft*. Não se trata, portanto, de uma escolha, mas da impossibilidade da psicanálise ser qualquer outra coisa, pois, se ela se tratava de uma ciência, só poderia ser uma ciência da natureza. (ASSOUN, 1983).

Freud pode ignorar esse dualismo que era corrente em sua época devido ao seu reducionismo. Para Freud, desde o início, sua concepção do estatuto epistêmico da ciência do psiquismo é reducionista. Este reducionismo funda seu monismo epistemológico. Nessa importante tomada de posição, faz-se sentir em Freud o peso da tradição fisicalista de seus mestres da fisiologia Helmholtz, Brücke, Du Bois-Reymond; e seu famoso juramento fisicalista. Essa importante corrente se opõe ferrenhamente a toda sorte de força emergentista, postulando ordens irreduzíveis, *ipso facto*, o organismo se torna exaustivamente investigável através do método físico-químico.

É por essa razão que, em última análise, não há lugar para se distinguir esferas heterogêneas que seriam investidas, respectivamente, por saberes

heterogêneos. Se não há lugar para se distinguir uma região própria às ciências do Homem, é porque o *humano* não poderia constituir uma matéria específica. A jurisdição do método físico-matemático se estende, pois, à integralidade dos fenômenos. (ASSOUN, 1993, p.54).

Assoun aponta um detalhe interessante, o termo cunhado por Freud, “psicanálise” foi feito em clara analogia ao modelo físico-químico. Freud defende uma aproximação da psicanálise e da química.

Aquilo que a funda, é o fato de as moções pulsionais (*Triebregungen*) constituírem os elementos (*Elemente*) que formam “complexos”, os sintomas, cuja soma forma, por sua vez, o “complexo” que é a doença. (ASSOUN, 1993, p.60).

Dessa forma, fica suposto uma concepção naturalista da moção pulsional. Segundo essa concepção, a doença não passa de uma combinação artificial de moções pulsionais, que seriam elementos naturais. Assim, a análise é uma intervenção artificial de segundo grau que tem por função desfazer esses elementos complexos e reduzi-los a seus constituintes elementares. Essa comparação entre os dois campos, que está presente na pena de Freud, demonstra sua fidelidade ao analitismo. Faz-se necessário sublinhar, que a comparação feita por Freud entre sua prática e a química, tinha como horizonte a química analítica do século XIX nos moldes de Lavoisier, desconsiderando completamente os avanços posteriores da química orgânica. (ASSOUN, 1993).

Freud também, como tantos outros ao seu tempo, foi profundamente influenciado pelo agnosticismo de Du Bois-Reymond. Um agnosticismo que se fundamenta na teoria kantiana dos limites do conhecimento possível, mas tornando-a mais específica para o uso dos cientistas. Todavia, é preciso salientar, Du Bois-Reymond não era um cético (a referência kantiana deveria bastar para afastar dele essa sombra, mas não custa ressaltar isso), os limites impostos pelo *ignoramus* de Reymond, que sejam: o enigma do elo entre matéria e a força, e a consciência em sua relação com as condições materiais e o movimento; delimitam um campo fechado e válido para a investigação científica, balizado pelas brumas do mistério insondável desses dois enigmas, sobre os quais, nas palavras de Reymond “*Ignoramus. Ignorabimus*”. (ASSOUN, 1993, p.77). Era esse o campo sobre o qual os cientistas deveriam atuar.

Uma das conseqüências históricas das posições de Du Bois-Reymond foi o surgimento do que se chamou de uma “psicologia sem alma”, uma psicologia formulada segundo os ditames da ciência da natureza e que por princípio renunciaria a especulações metafísicas sobre a natureza da alma em sua essência última e se ateriam ao estudo das relações

fisiológicas. Dessa maneira, o primado kantiano chega à psicologia, pois se torna *conditio sine qua non* para que esta se torne uma ciência à renúncia do conhecimento da alma “em si”, da alma-substância. Freud ainda ouve os ecos dessa profissão de fé fisicalista. Todavia há uma sutil inflexão desse discurso em Freud, algo que mesmo assim não abala sua fidelidade a esses modelos epistêmicos, mas o torna um tanto ou quanto singular. Ao postular o inconsciente (*Unbewusste*), ele o identifica a coisa em si (*das Ding an sich*) Kantiana, visto serem ambos o dado incognoscível por excelência.

Porque todo castelo possui seu fantasma, e Freud não faz outra coisa senão rebatizá-lo: “inconsciente”. Nem mais nem menos a coisa em si que a antiga, que não compromete a ambição de explicação, mas constitui seu avesso especular. Ponto de junção do interdito de Du Bois-Reymond – “Ignorabimus!” – e de ambição de Lange: “Admitamos uma psicologia sem alma”. Aqui, é justamente o limite que funda a ousadia: o saber, consciente de sua lacuna, torna-se seguro de si, ficando livre para exorcizar o espectro da coisa em si, com uma ironia um tanto inquietada. (ASSOUN, 1993, p.81).

Assoun salienta que Freud estava ligado de maneira muito profunda a referenciais epistêmicos bastante antiquados, não fosse isso o bastante, ele era particularmente impermeável àquilo que não decorresse desses referenciais. Freud teimosamente ignorava tudo aquilo que perturbasse seus referenciais, tratando-os com fria indiferença.

Este é um fato descritivo inegável, que a epistemologia freudiana não poderá negar. Talvez este seja o mais violento paradoxo que o inédito freudiano contrasta com o conformismo de sua posição de objeto. (ASSOUN, 1993, p.76).

Popper tece severas críticas à Psicanálise por considerá-la impossível de ser refutada. Em tempo, ao discutir a tese de Rudolf Carnap sobre as fronteiras entre a metafísica e a ciência, considera inadequada a acepção positivista de “significado” ou “sentido” (ou verificabilidade, confirmabilidade indutiva, etc). Para Popper a diferença não residiria no fato da ciência possuir um “sentido” e a metafísica carecer do mesmo, mas sim, devido aos enunciados metafísicos serem irrefutáveis ao passo que os enunciados científicos sempre seriam passíveis de falseamento ou refutação. Popper considerava que nem a Psicanálise nem o Marxismo eram possíveis de serem refutados, por isso os descarta como conhecimentos científicos. Todavia essa constatação não implicava que seus enunciados carecessem de sentido ou não fossem verdadeiros. A crítica também seria válida para os sistemas psicológicos de Adler e Jung, pois nenhuma dessas concepções se sujeita à prova da refutação, pelo contrário, ambas valem-se de recursos que invalidam qualquer possibilidade de refutação. (PENNA, 2000).

O que nos leva a outra dificuldade que os modelos epistemológicos oriundos das ciências do mundo acarretam quando se busca discutir sobre validade e verdade relacionadas à Psicanálise. Certos modelos de ciência têm como crivo de cientificidade a objetividade, ou dito de outra forma, a eliminação de “indicadores de subjetividade”. (POMMIER, 1992, P.63). Tal esforço caracterizou principalmente o empenho positivista, mas não apenas. Nesse sentido, houve um esforço de impor um logicismo à ciência como parâmetro seguro de validade,

A erradicação do sujeito pelo discurso científico parece entretanto ter sido um objetivo dos próprios epistemólogos. Bertrand Russell esforçou-se para definir, e finalmente eliminar, tudo o que, num enunciado lógico, não constituía, para falar propriamente, objeto da comunicação. Como escreveu em *Significações e verdade*, “o ideal da ciência é dispensar os particulares egocêntricos”. (POMMIER, 1992, p.63).

Pommier, em excelente trabalho, pergunta-se justamente sobre a cientificidade da Psicanálise, relativiza essa posição colocando em evidência o sujeito dividido da Psicanálise, o inconsciente. O autor considera que a eliminação desses “particulares egocêntricos” não elimina a participação do sujeito, mas do eu. Seria esse sujeito eliminado quando as qualidades do eu são eliminadas do discurso? Nesse sentido, seria pura idealização considerar o “científico”, independente dos homens que o constituem. Ao se eliminar o eu, há de restar o inconsciente e sua lógica, pois o sujeito do conhecimento é o mesmo sujeito dividido. O inconsciente, a hipótese de uma instância de incognoscibilidade que não se pode superar constitui um empecilho considerável à razão prática. Deixemos isso em aberto por hora.

A Psicanálise nasce da clínica, e isso não pode ser jamais esquecido ao se discutir sua epistemologia. Uma das preocupações de Freud era a eficácia clínica de seu trabalho. A Psicanálise nasce sob o signo de uma escuta, uma escuta muito particular. Abre espaço para um tipo de discurso que usualmente é alheio à ciência, a verdade do sujeito. Mas por que isso se constitui em um entrave para a aceitação de sua cientificidade? “Não seria finalmente porque a Psicanálise se interessa por ‘sujeitos’ sempre particulares que ela não poderia ser uma ciência?” (POMMIER, 1992, p.62). O questionamento de Pommier não é de balde. Ele encerra graves conseqüências.

Assoun (2000) afirma, sobre o que ele chama de “fenomenismo” do autor da interpretação dos sonhos, que ele esculpe uma certa “racionalidade”, que escapa de um idealismo, ao mesmo tempo em que (e aí está o nosso paradoxo) se funda na clínica, nos achados clínicos e na fala e verdade de um sujeito particular. O que nos remete, a uma tensão, sempre presente, entre o geral e o particular. Pois toda a racionalidade filosófica refere-se ao

geral, ao universal. Estando o particular, a singularidade em segundo plano. Tendo sido sempre a ciência, uma ciência do geral.

E a arte se exprime quando, de um complexo de noções experimentadas, se exprime um único juízo universal dos (casos) semelhantes. Com efeito, ter a noção de que Cálías, atingido de tal doença, tal remédio deu alívio, e a Sócrates também, e, da mesma maneira, a outros tomados singularmente, é da experiência; mas julgar que tenha aliviado a todos os semelhantes, determinados segundo uma única espécie, atingidos de tal doença, como os fleumáticos, os biliosos ou os incomodados por febre ardente, isso é da arte. (ARISTÓTELES, 1984, p.90).

O fio de navalha sobre o qual caminha Freud talvez não fique claro apenas pelas palavras veneráveis do sábio estagirita, pois os caminhos e descaminhos que essa dialética entre o geral e o particular tiveram na história da filosofia no ocidente talvez não sejam imediatamente claros a todos. Para não despender muito tempo nesse debate (que se prolonga desde os veneráveis dias dos sábios da acrópole ateniense até hoje), vale atentar para as palavras de Pena.

Acerca do conhecimento intelectual ou racional, o que o caracteriza é o fato de que ele somente atinge o geral ou o abstrato, mas não o individual e o concreto. Na verdade, o conhecimento intelectual está sempre voltado para a busca de possibilidades. Seu mundo é o mundo do possível. Precisamente por essa razão é que todas as concepções filosóficas de tipo existencial revelam-se antiintelectualistas: elas só se interessam pelo individual. (2000, p.25)

Pena prossegue ainda mais descrevendo como se dá esse processo, em que o pensamento, através da abstração, se afasta do particular.

O modo próprio através do qual se processa o conhecimento inteligível é a abstração. Por ela, precisamente, excluem-se os elementos que respondem pela participação do objeto e se liberam os elementos essenciais ou universais. (Ibidem)

A elucidação destes termos, utilizados por Assoun, faz saltar aos olhos a distância de Freud da discussão filosófica propriamente dita, e também a grandeza de sua obra, que, *mutatis mutandis*, parece equilibrar de alguma forma as medidas desiguais dessa balança entre o geral e o particular, ainda mais brilhantemente por que:

[...] Freud jamais separa, por um momento sequer, a pesquisa da “terapia”. Não há diferença entre pesquisar neurótico e “tratá-lo”. Nada de fascinação, aqui, por uma clínica pura, que desampare o saber. (ASSOUN, 2000, p.24)

Sob o escrutínio atento da lente reveladora de uma reflexão epistemológica, podemos perceber a complexidade da tecitura epistêmica de Freud, que mesmo não tendo, a rigor, refletido seriamente sobre isto (nesses termos, bem entendido) consegue equacioná-los

de maneira interessante, mantendo-se entre esses dois pólos. Diferente de outros grandes nomes como Rogers, por exemplo, que *absit invidia verbo* se revela fascinado por essa “clínica pura”, sobre este ponto em particular, me alinho ao lado de Poincaré quando este afirma.

É que a filosofia antiintelectualista, recusando a análise e o discurso, condena-se, por isso mesmo a ser intransmissível: É uma filosofia essencialmente interna, ou ao menos o que se pode dela transmitir são apenas as negações; como então espantar-se com o fato de que, para um observador exterior, ela tome a forma de ceticismo? Aí está o ponto fraco dessa filosofia; se quer permanecer fiel a si mesma, esgota seu poder numa negação e num grito de entusiasmo. Cada autor pode repetir essa negação e esse grito, variando sua forma, mas sem nada acrescentar.

Além disso, não seria mais conseqüente calar-se? Ora essa, os senhores escreveram longos artigos; para isso não puderam deixar de usar palavras? Assim, não foram muito mais "discursivos" e, por conseguinte, não ficaram muito mais longe da vida e da verdade do que o animal que vive pura e simplesmente sem filosofar? Não seria esse animal o verdadeiro filósofo? (POINCARÉ, 1995, p.158)

Assoun qualifica a reflexão epistemológica de Freud, não sem razão, de “tão radical quanto singular” (2000, p.26), Freud insere na ciência o inconsciente, o não sabido. Não à toa esse conceito ingressa na ciência apenas para romper com o conceito de ciência (p.25), pois o inconsciente se situa como uma instância última e insuperável de incognoscibilidade, que se opõe à noção mesma de ciência, indo à radicalidade etimológica dessa palavra (tão popular em nossos dias) encontra-se o termo latino *scientia*. Pois o termo ciência: conhecimento, saber, informação; do latim *scientia* ciente, que tem ciência (CUNHA, 1986); *scientia/ae* é um substantivo da primeira declinação com significado de conhecimento, ciência, arte na língua filosófica, o conhecimento (Cícero), a especulação (Cícero). (GARNER, 2003). Não é preciso grandes feitos de interpretação para se perceber a evidente antinomia entre os dois termos, ciência e inconsciente.

O Kantismo ocupa lugar central na discussão promovida por Assoun, talvez por que também Kant, a seu tempo, promoveu, como ele mesmo relata em seu *Prolegômenos*, uma “revolução copernicana”, também o filósofo de Königsberg impôs aos seus contemporâneos um severo limite ao saber, e mudou de posição o sujeito do conhecimento. Todavia, Kant certamente teria críticas severas a certos posicionamentos de Freud, e talvez não seja de todo ocioso tomar ciência dessas críticas. Assoun nos relata algo deveras curioso que se encontra na correspondência de Freud.

“Desde que estudo o inconsciente, tornei-me eu mesmo muito interessante.” Para além da frase espirituosa, existe aí a indicação de uma especificidade epistêmica do objeto de estudo da Psicanálise: o “inconsciente” tem essa virtude única em seu gênero, enquanto “objeto de estudo”, de interessar o sujeito em si mesmo – o que contrasta, por sua radicalidade, com a categoria frouxa do “interessante”. (2000, p.26)

A franqueza de Freud é de fato reveladora, ela expõe uma ferida aberta na própria tessitura epistêmica desse saber, que se a rigor, não pode ser chamado de psicologia, pelo menos tem com esta essa característica comum, que aos olhos de Kant, a invalidava *ab ovo*.

Na perspectiva Kantiana, o eu, sujeito de todo julgamento, é uma função de organização da experiência mas do qual não pode haver uma ciência, de vez que ele é a condição de toda ciência (PENNA, 1991 p.36)

Problema esse que se configura como rochedo a bloquear o caminho, irremovível (visto não podermos subir em nossas próprias costas para vermos mais longe), e que, de alguma forma precisa ser contornado, mas não esquecido ou escamoteado. O sentido do sujeito em Freud (segundo Assoun) é paradoxalmente muito próximo do de Kant e ao mesmo tempo, infinitamente distante.

Portanto, se o “sujeito” não é uma categoria, metapsicológica, ele organiza efetivamente a experiência do inconsciente, à maneira de um *a priori* induzido por essa experiência. Toca-se, aí, a versão do mesmo círculo elaborado pelo saber metapsicológico. A *Spaltung* – processo pelo qual o sujeito se cinde (*Einriss*) sob o efeito da representação da castração – obriga a pensar uma versão inédita que constitui um desafio essencial à racionalidade do sujeito elaborada pela tradição filosófica. (ASSOUN, 2000, p.34).

Em ambos (Kant e Freud) esse sujeito organiza a experiência e é condição de toda experiência, mas a similitude termina aí. Para Kant, e, *cum grano salis*, para a filosofia de uma maneira geral, não existe essa *Spaltung* no sujeito do conhecimento, nem tão pouco ele sofre essa *Einriss*, ao contrário, esse sujeito é íntegro, completo, transparente a si mesmo e auto-determinado, a seu tempo o próprio Freud se deu conta dessa situação e sobre isso comentou.

Mas o estudo das repressões patogênicas e de outras manifestações que ainda têm de ser mencionadas compeliu a Psicanálise a adotar o conceito do ‘inconsciente’ de maneira séria. A Psicanálise considerava tudo de ordem mental como sendo, em primeiro lugar, inconsciente; a qualidade ulterior de ‘consciência’ também pode estar presente ou ainda pode estar ausente. Isto naturalmente provocou uma negação por parte dos filósofos, para os quais ‘consciente’ e ‘mental’ eram idênticos, e que protestaram que não podiam conceber um absurdo como o ‘mental inconsciente’. Isto, contudo, não pôde ser evitado, e essa idiosincrasia dos filósofos não merece outra coisa senão ser posta de lado com um dar de ombros. (FREUD, 1976b, v.XX, p.44).

A faculdade da razão, possibilitaria a auto-determinação, esse poder de uma quase semelhança a Deus, ὕβρις de que se pode, com justiça, acusar a filosofia. E que tal acusação, vinda do campo psicanalítico, causa estranheza e, não sem razão, certo temor. Talvez nesse momento eu esteja sendo por demais ousado, mas chego a pensar que, se levada a sério pela filosofia, a crítica Freudiana teria conseqüências, talvez, ainda mais profundas que aquela formulada por Kant, todavia devo *a fortiori* considerar essa afirmação demasiada para o fôlego desse texto.

Como se pode ver claramente, não é tarefa das mais fáceis discorrer sobre a cientificidade da Psicanálise. Tentar forçar Freud a se enquadrar em algum dos crivos científicos existentes acarretaria graves riscos para meu trabalho. Nunca é demais salientar a importância da clínica e a sutil dialética entre o geral e o particular que dela emana, e que poucas epistemologias podem contemplar sem deformá-la grotescamente. Como o assassino Procusto que vivia perto de Eleusis e encontrou seu fim nas mãos de Teseu. O primeiro, para fazer suas vítimas se adequarem a um leito, ou as estirava ou amputava suas extremidades. Não é isso que pretendo. Tampouco julgar Freud, ele mesmo, em vida, foi o mais severo juiz de sua obra. Deve-se lembrar sempre, que este é um esforço de história epistemológica da Psicanálise, e que não abandonei de todo a pena de historiador, como tal, não devo impor ao mestre Vienense um julgamento anacrônico, é preferível tentar compreendê-lo. Este é um fio de navalha perigoso, pois incontáveis são os detratores de Freud, assim como são muitos os seus incansáveis e intransigentes defensores. Suspeito que essas mal traçadas linhas desagradarão a ambos, as palavras sábias de Marc Bloc devem ser lembradas, não apenas como farol para o historiador desorientado, mas como a metodologia que será própria deste trabalho,

Elevando ao absoluto os critérios todos relativos, de um indivíduo, de um partido ou de uma geração, que brincadeira infligir suas normas à maneira como Sila governou Roma ou Richilieu os estados do rei Cristianíssimo! Como aliás nada é mais variável, por natureza, que semelhantes decretos, submetidos a todas as flutuações da consciência coletiva ou do capricho pessoal, a história, ao permitir muito frequentemente que o quadro de honra prevaleça sobre a caderneta das experiências, gratuitamente deu-se ares da mais incerta das disciplinas: às ocas acusações sucedem as incontáveis vãs reabilitações. (BLOC, 2001, p.126)

É preciso buscar na obra de Freud, no contexto próprio de sua época e de seus pares aquilo que é almejado como objetivo desta dissertação. Compreender o momento de nascimento da jovem ciência em suas particularidades, naquilo que possuía de idiossincrasia, bem como naquilo que a atravessava como marca indelével do *Zeitgeist* em que floresceu.

Por infelicidade a força de julgar, acaba-se, quase fatalmente, por perder até o gosto por explicar. Com as paixões do passado misturando seus reflexos aos parti pris do presente sem remédio e, assim como o mundo dos maniqueus, a humana realidade vira apenas um quadro em preto e branco. (BLOC, 2001, p.126).

3 O CONTEXTO HISTÓRICO

The many think humanity made these divinities, and that it can
unmake them again; but we who have seen them pass in rattling
harness, and in soft robes, and heard them speak with articulate voices
while we lay in deathlike trance, know that they are always
making and unmaking humanity, which is indeed
but the trembling of their lips.
(WILLIAM BUTLER YEATS, Rosa Alchemica).

3.1 Freud

Sigmund Freud, fundador da psicanálise, nasceu em 6 de maio de 1856 na vila Morávia de Freiberg (atualmente Příbor, Checoslováquia). Era filho de Jacob Freud, humilde comerciante de lãs, e de sua esposa Amália. A princípio foi registrado como Sigismund Scholomo. Freud nunca usou o Scholomo, nome do avô paterno. Após, usou Sigmund, nos últimos anos de escola. Adotou esse nome algum tempo após seu ingresso na universidade de Viena em 1873. Segundo os registros familiares, foi circuncidado uma semana após o seu nascimento, em 13 de maio de 1856. Em 1855, quando contraiu matrimônio pela terceira vez, Jacob Freud contava quarenta anos, vinte a mais que a sua jovem e atraente esposa. Dois filhos de seu primeiro casamento eram vizinhos de Jacob, um deles, Emanuel, era mais velho que sua madrasta, ao passo que o outro, Philipp, era apenas um ano mais novo que ela. O primeiro companheiro de folgedos de Freud foi seu tio, John, filho de Emanuel e apenas um ano mais velho que ele próprio. (GAY, 2004).

A família de Freud logo deixou a pequena Freiberg, mudou-se para Leipzig, em 1859, e no ano seguinte seguiram para Viena. A jovem madrasta de Freud revelou-se bastante fértil, e nos anos subseqüentes ele foi presenteado com quatro irmãs – Rosa, Marie, Adolfine e Pauline – e o caçula Alexander. Curiosamente, uma tradição familiar dava conta de que o nome do caçula fora escolhido numa reunião familiar, tendo sido sugerido pelo jovem Freud, então com dez anos, em lembrança da magnanimidade e bravura de Alexandre rei da Macedônia.

Em 1873, aos 17 anos, inscreveu-se como estudante de Medicina, não obstante só se graduou em 1881 (ou 1885 Segundo Peter Gay, vale ressaltar que 1881 é a data apontada por Freud em seu *Estudo Autobiográfico*). Na maior parte do tempo, dedicou-se aos estudos

de anatomia do sistema nervoso central no laboratório de Ernst Brücke (1819 – 1892). Freud relutava em se tornar clínico geral, mas premido por necessidades práticas devido a seu noivado com Martha Bernays em 1882 teve de procurar uma forma de sustento adequada, por isso desistiu de seu cargo no laboratório de Brücke e começou a trabalhar no hospital geral de Viena. Em 1885, foi indicado para uma vaga de palestrante em neuropatologia na Universidade, neste mesmo ano ganhou uma bolsa para estudar com Jean-Martin Charcot (1825 – 1893), o mais renomado neurologista da época, e que causou profunda e duradoura impressão em Freud. Em seu retorno a Viena, em abril de 1886, estabeleceu-se num consultório particular como médico de doenças nervosas e, no dia 13 de setembro do mesmo ano, aconteceu seu tão ansiosamente aguardado e igualmente adiado casamento. Teve seis filhos, a última, Anna Freud, viria a se tornar uma importante psicanalista.

Freud continuou a realizar seu trabalho neuropatológico, todavia passou a se interessar mais e mais pelas neuroses e pela aplicação da hipnose no tratamento delas. Esse interesse o fez retomar sua interlocução com Josef Breuer (1842 – 1925). Sete anos antes, Breuer usara hipnose com notável sucesso numa moça de 21 anos, *Fräulein Anna O.* (Bertha Pappenheim), que apresentava um caso agudo de distúrbio psicológico, cuja causa mais imediata era a exaustão física e mental de após ter velado pelo pai gravemente doente. Durante o tratamento, Breuer fez uma descoberta significativa: se sob a hipnose sua paciente rememorasse o momento exato em que um sintoma surgira, e esse momento fosse rememorado com a renovação da experiência e das emoções associadas, os sintomas sumiriam. Breuer comunicou a Freud esse novo tipo de tratamento – batizado de “catarse” – entretanto, apenas em 1889 Freud o aplicou pessoalmente em uma mulher com uma grave histeria, *Frau Emmy von N.* Com a experiência acumulada, Breuer e Freud concordaram em publicar conjuntamente suas descobertas, inicialmente publicaram em 1893 um estudo preliminar, e dois anos depois, viria à luz o *Estudos sobre Histeria*. Resumidamente afirmavam que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”. (PALMER, 2001). Palmer ainda acrescenta.

Muito embora Freud viesse a modificar tanto o procedimento como a teoria estabelecida nesse livro – notadamente em termos do crescente papel que ele atribuía à sexualidade na histeria, e que levou a seu afastamento de Breuer –, ele é um marco no desenvolvimento da psicanálise; e James Strachey está certo em dizer que “a partir desse momento – talvez a partir de 1895 – e até o fim da vida, toda a existência intelectual de Freud girou em torno desse desenvolvimento, de suas implicações de longo alcance e de suas repercussões práticas”. Com isso em mente, o resto da vida de Freud, exteriormente tão parca de eventos, pode ser dividida convenientemente em três períodos adicionais:

1 – o período de auto-análise, que se estendeu de 1895 a 1899;

2 – o desenvolvimento do sistema de psicologia baseado nessa auto-análise, que durou até mais ou menos 1914 e que incluiu dois livros: *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905).

3 – a elaboração e a revisão finais das principais teorias, em particular no tocante a uma variedade de fenômenos culturais, com destaque para a religião (1914 – 1939).

Há três aspectos desta breve biografia que precisam ser acentuados. Cada um deles é invariavelmente mencionado pelos comentadores [...] Referem-se eles à formação religiosa de Freud, à sua formação científica e à sua própria personalidade. (2001, p.15).

Assim, como recomenda Palmer, ao buscar os caminhos e descaminhos tomados por Freud na sua formulação da hipótese de um inconsciente psíquico, enfocarei neste capítulo os três aspectos acima mencionados, a começar pela formação científica.

Em fevereiro de 1923, Freud descobriu um tumor maligno no lado direito do palato. Devido a essa enfermidade teve que se submeter a 33 cirurgias e a utilizar uma prótese. Mesmo com a doença, e tendo se submeter a tratamentos constantes e dolorosos manteve-se produtivo por 16 anos, até que o câncer finalmente o ceifasse. Em março de 1938, sob a sombra temível do nazismo, Freud deixou Viena – graças à intervenção do diplomata americano Willian Bullit e da ajuda financeira de Marie Bonaparte – indo residir em Londres, em Maresfield Gardens 20. Suas irmãs não tiveram tanta sorte, capturadas pelos nazistas, encontraram seu fim, como tantos outros judeus, em um campo de concentração. Freud veio a falecer em 23 de setembro de 1939, a três horas da madrugada. Existindo mais de uma versão para a sua morte.

Muitos dos eventos da vida de Freud são amplamente conhecidos devido às repercussões destes em sua obra. Não raro criador e criatura se confundem. O ingresso na faculdade de medicina em 1873, o trabalho no laboratório de fisiologia de Ernst Brücke, a viagem a Paris para estudar sob a tutela do grande Charcot, a visita a Berlim para conhecer a teoria sobre a hipnose de Betelheim, a amizade com Breuer – que conheceu no laboratório de Brücke – a amizade com Fliess e sua importante correspondência. Muitos desses fatos são narrados por Freud em seus escritos de cunho declaradamente autobiográficos, bem como naqueles, como a *Interpretação dos Sonhos*, que, segundo Peter Gay, finda sendo uma espécie de autobiografia. É difícil fugir à tentação de utilizar a psicanálise como uma metalinguagem para com ela tentar desvendar alguns dos segredos de Freud, como o faz declaradamente Peter Gay em sua excelente biografia do pai da psicanálise.

Não à toa prossigo esses escritos com um sucinto relato da vida de Freud, vida esta que através de sua vasta e polêmica obra, mudou a face do século vinte. *A Interpretação dos Sonhos*, vem à luz no auspicioso ano de 1900. Assim começou o século passado, com as palavras de Freud, ao mesmo tempo revolucionárias e reacionárias. Freud é simultaneamente o herdeiro do iluminismo, com seu ateísmo implacável, seu positivismo tão peculiar, e também o gênio que deu um dos mais severos golpes nas crenças iluministas sobre o homem com a proposição do inconsciente. Não é tarefa fácil entender o posicionamento de Freud, nem caberia no escopo desses escritos tentar tal coisa. O que me proponho é compreender o percurso de Freud até a formulação – ou formulações – de sua idéia de um inconsciente psíquico, “O fantasma no castelo do materialismo” como anota Assoun. (1983). Que motivos práticos, exigências teóricas, elementos de sua formação intelectual, idiossincrasias, e referentes, contribuem para isto. Pois como afirmou Freud certa vez “[...] a história da minha vida e a história da Psicanálise. Elas se acham intimamente entrelaçadas”. (FREUD, p89, vol.XX, 1976).

Toda a paixão com que foram acolhidas as idéias de Freud e o seu estilo parcial, muitas vezes extremamente subjetivo, de auto-revelações e auto-avaliações fazem com que cada dimensão de sua vida seja um convite a interpretações divergentes. Apesar de décadas de pesquisas e séries de estudos, ele continua desconcertante e intensamente controverso. (GAY, 2004, p.14).

Segundo Assoun (1983), o inconsciente figura em meio à vasta obra de Freud, repleta de importantes contribuições teóricas para o entendimento da alma, como o festejado inédito Freudiano. De alguma maneira a psicanálise transborda a seus modelos.

Sem dúvida, uma vez lembrados os elementos históricos nos prefácios de exposições sobre a Psicanálise, apressamo-nos em acrescentar que Freud é *outra coisa*. É verdade que o inédito Freudiano transborda consideravelmente seus modelos. Mas não podemos temer certa relativização do modelo Freudiano ao situá-lo em seu horizonte. (1983, p.13).

É pertinente, caro leitor, nos perguntarmos o motivo dessa idéia ser, na obra Freudiana, tida como inédita, apesar de Eduard von Hartman, no âmbito da filosofia, ter publicado obra intitulada *Philosophie des Umbewussten*. Hartman não foi o único a tratar de alguma maneira da idéia da existência de um inconsciente, não foi nem mesmo o primeiro. Ainda assim, não é de balde que Assoun insiste que há um hiato de compreensão quando se tenta situar Freud de acordo com suas influências, Ernest Brücke, Herbart, Helmholtz, Ernst Mach, Ernst Haeckel. Daí surge essa sensação incômoda de uma lacuna no entendimento de Freud.

Donde nossa impressão de que precisamos dar um salto arbitrário para passar da origem de Freud à sua plena realização. Passamos, sem termos compreendido muito bem mediante que mágica, de um Freud profundamente mergulhado nos desafios de seu tempo, filho dócil de seu saber, ao Freud emancipado que se tornou, ele mesmo, “fundador da Psicanálise”. (ASSOUN, 1983, p.14).

3.2 A formação intelectual de Freud

Apesar de sua ferrenha oposição a toda forma de religião, e de seu declarado ateísmo, Freud jamais negou suas origens judaicas, e recebeu de seu pai, que falava e lia em hebraico, formação religiosa. Jacob Freud não era exatamente um judeu assíduo em seus deveres religiosos, nem tampouco um ateu. Consta que ele lia com freqüência a Bíblia como forma de edificação espiritual, mas que não se interessava muito pelas manifestações exteriores da religião dos patriarcas. O interesse de Freud por assuntos relativos às tradições religiosas pode-se notar com facilidade por algumas de suas obras, cito apenas uma: *Moisés e o Monoteísmo*. Ao completar 35, Jacob regalou o filho com sua Bíblia onde se lia a dedicatória em hebraico “Foi no sétimo ano de sua vida que o espírito de Deus começou a conduzi-lo ao saber”. (GAY, 2004).

Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse. (FREUD, 1976b, vol.XX, p.18).

Todavia, há interpretações que divergem quanto à relação de Freud com o Judaísmo, na biografia “oficial” escrita por Jones, ao se referir à formação religiosa de Freud ele diz.

Ele [Freud] cresceu privado de toda crença num Deus ou na imortalidade e não parece ter sentido necessidade disso. As necessidades emocionais que costumam manifestar-se na adolescência encontraram expressão, a princípio, em cogitações filosóficas bastante vagas e, logo depois, numa fervorosa adesão aos princípios da ciência. (JONES, Vol.III, 1989, p. 32).

Palmer procura referendar a opinião de Jones acerca da relação de Freud com suas raízes judaicas citando as palavras do próprio pai da psicanálise.

Essa afirmação é apoiada pelo próprio Freud em sua mais explícita referência à sua formação religiosa. Em 1926, ao agradecer à Associação B'nai B'rith de Viena por homenageá-lo em seu septuagésimo aniversário, ele escreve: “... sempre fui um descrente, tendo sido criado sem religião, mas não sem respeito pelas chamadas exigências ‘éticas’ da civilização humana”. (PALMER, 2001, p.15).

Em se tratando da complexa e contraditória personalidade de Freud, não duvido que ambas as interpretações, apesar de conflitantes, estejam corretas. Palmer assume uma postura bastante ponderada acerca desse ponto.

Creio que uma visão mais equilibrada é que o ateísmo de Freud era em larga medida intelectual e formal: ele repudia tanto os argumentos da religião como suas observâncias rituais. Mas isso não era um repúdio a sua própria identidade judaica. Ele ainda via a si mesmo como homem inserido numa tradição cultural específica – que ele denomina “judaísmo de afirmação da vida” – que requeria uma firme adesão aos valores familiares e aos mais severos padrões morais, ao lado de uma preocupação com a justiça social e uma grande tenacidade diante da perseguição – esta última qualidade moldada por suas próprias experiências dolorosas de anti-semitismo em Viena. Porém, ele valorizava acima de tudo a independência de pensamento e a coragem intelectual judaicas, características que atribuiu com justiça a si mesmo [...]. (2001, p.17).

Freud também demonstrou ao longo de toda sua vida um grande interesse pela literatura, o que se pode constatar facilmente através de sua obra. Aos dezesseis anos trocava cartas com seu amigo mais íntimo da época, Eduard Silberstein, em espanhol e se tratavam de brincadeira pelos nomes de dois cachorros de uma novela de Cervantes. Essas missivas eram as atividades de sua secreta “Academia Espanhola”. Naquela que é talvez sua obra mais significativa, *A Interpretação dos Sonhos*, Freud cita com grande desenvoltura Sófocles e Shakespeare, Goethe e Heine, Mozart e Ofenbach. Neste mesmo livro, utiliza como epígrafe um verso do sétimo livro da Eneida de Virgílio: *Flectere si nequeo Superos, Acheronta movebo*³. (GAY, 2004).

Freud procurava mestres em vários séculos: os gregos, Rabelais, Shakespeare, Cervantes, Molière, Lessing, Goethe, Schiller, além daquele espirituoso alemão, amante da natureza humana, do século XVIII, Georg Christoph Lichtenberg, médico viajante e autor de memoráveis aforismos. Esses clássicos significavam mais para ele do que o intuitivo psicólogo moderno Friedrich Nietzsche. Freud lera-o quando jovem estudante e pagou um bom dinheiro pelas suas obras reunidas, no começo de 1900, ano da morte de Nietzsche. Ele disse ao amigo Fliess que esperava “encontrar as palavras de muita coisa permanecem em mim”. Mas Freud tratava os escritos de Nietzsche como textos muito mais a se combater do que estudar. É sintomático que depois de anunciar a compra das obras de Nietzsche, tenha acrescentado imediatamente que ainda não os abrira: “Por enquanto, preguiçoso demais”. (GAY, 2004, p.58).

Não raro Freud alegava possuir parco conhecimento de filosofia, chegando mesmo a se privar do estudo de certos autores, como o já citado Nietzsche, para evitar que as idéias e opiniões de outrem lhe privassem de um olhar despido de preconceitos ao analisar o

³ “Se não posso dobrar os poderes superiores, moverei as regiões infernais”. (tradução do autor).

material empírico proveniente de suas pesquisas clínicas. Peter Gay mais de uma vez ao analisar as avaliações do próprio Freud sobre sua obra e sobre si mesmo, afirma que Freud não é um bom juiz, não se podendo fiar muito em seus auto-julgamentos. No que concerne ao conhecimento de Freud sobre filosofia e outras matérias humanísticas, me parece que Freud de fato exagera seu desconhecimento. Mas, apesar do exagero, ele de fato não era muito versado nessas matérias. Jung em seus escritos, ao se referir a sua relação com Freud, freqüentemente falava de maneira queixosa ao desconhecimento de Freud em matéria de filosofia, o que gerava inúmeros mal entendidos entre ambos. Apesar das afirmações do próprio Freud, alguns filósofos tiveram influência sobre ele, e seu conhecimento, apesar de não ser enciclopédico como o de Jung, estava longe de ser tão parco quanto ele protestava.

Ele começou sua carreira universitária cedo, aos dezessete anos; terminou-a tarde, em 1885, quando estava com 25 anos. Sua intensa curiosidade e suas preocupações com a pesquisa impediram-no de se formar no prazo usual de cinco anos. A universalidade de Freud era programática. “quanto ao primeiro ano na universidade” anunciou a seu amigo Silberstein, “vou dedicá-lo inteiramente ao estudo de temas humanísticos, que não têm absolutamente nada a ver com minha futura profissão, mas que não serão inúteis para mim”. [...] Por mais crítico que estivesse se tornando em relação à filosofia e àqueles que, como Silberstein, haviam “se rendido à filosofia por desespero”, Freud pessoalmente dedicou-se bastante à filosofia naqueles anos. É significativo, porém, que o pensador que leu com maior proveito tenha sido Ludwig Feuerbach. “Entre os filósofos”, informou a Silberstein em 1875, “é este homem que mais venero e admiro”. (GAY, 2004, p.43).

Freud, “herdeiro do iluminismo do século XVIII” tinha muito motivos para admirar Feuerbach. Um vigoroso Hegeliano de esquerda, assim como Freud posteriormente, Feuerbach considerava um dever combater e desmascarar a teologia, revelando suas raízes puramente mundanas na experiência humana. A teologia deveria ser convertida em antropologia. Seu método, bem como sua doutrina, tinham o propósito de formar ateístas. Em seu livro mais notório, *A Essência do Cristianismo*, sua idéia central era a da “destruição de uma ilusão”, nada mais compatível com Freud. (GAY, 2004).

Feuerbach era compatível com Freud ainda sobre outro aspecto: era tão ou quase tão crítico em relação à maior parte da filosofia quanto à teologia. Ele apresentou sua maneira própria de como a verdadeira antítese, a “*dissolução*”, da “*especulação absoluta, imaterial, enfatuada*”. De fato, ele reconheceu (melhor, avisou), à semelhança do que Freud viria a fazer mais tarde, que não tinha talento para o “filosófico formal, o sistemático, o metodológico-enciclopédico”. Estava em busca não de sistemas, mas da realidade, e chegava a negar a sua filosofia o nome de filosofia, e a si mesmo o nome de filósofo. “Não sou senão um *pesquisador intelectual da natureza*” – um *geistiger Naturforscher*. Era um nome que Freud julgaria adequado para si próprio. (GAY, 2004, p.43).

Não apenas Freud, mas outro judeu famoso e ferrenho opositor da religião, Marx foi leitor de Feuerbach, como inúmeros outros nomes de menor monta nessa mesma época. Há inúmeras referências dispersas à religião nos primeiros artigos e nas cartas de Freud. Não obstante, os estudos mais direcionados aos aspectos da cultura, em particular a religião datam principalmente do período de 1914 – 1939, quando, já tendo estabelecido os principais elementos da psicanálise, Freud passou a resumi-los e revisá-los. Entre os primeiros escritos sobre a temática religiosa, o mais importante é o pequeno artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907). Nesse artigo, Freud introduz vários temas que desenvolveu seis anos mais tarde em *Totem e Tabu*. Dentre esses temas, destaca-se sua concepção de que a neurose obsessiva pode ser considerada a contraparte patológica da religião. A neurose obsessiva seria uma espécie de religiosidade individual, funcionando a religião como uma neurose obsessiva universal. Os rituais religiosos e os rituais sintomáticos desempenhados pelos obsessivos teriam a mesma origem, e a mesma finalidade: evitar certas tentações inconscientes, bem como prevenir as punições que advêm ao se sucumbir a essas tentações. De maneira similar ocorre na neurose obsessiva, a religião surge a partir da supressão de certas pulsões, ou da renúncia delas. A religião é, para Freud, uma expressão de pulsões que ela mesma suprimiu. (Palmer, 2001).

Seis anos depois, em seu estudo sobre Leonardo da Vinci (1910), também ressaltou que o sentimento de culpa e a necessidade de proteção que marcam a religião advêm da condição biológica humana de total desamparo nos primeiros anos de vida, mais especificamente devido a um complexo parental experimentado pela criança indefesa; a sensação de intimidação e autoridade que emana do pai. (PALMER, 2001).

Outro filósofo que impressionou o jovem Freud estudante de medicina foi Franz Brentano. Ele assistiu a, pelo menos, cinco séries de conferências e seminários oferecidos pelo filósofo, e o procurou para entrevistas.

Brentano, ex-padre, era um eloqüente intérprete de Aristóteles e da psicologia empírica. Um instigante professor que acreditava em Deus e, ao mesmo tempo, respeitava Darwin, ele levou Freud a questionar as convicções ateístas que levara consigo para a universidade. “Temporariamente”, confessou a Silberstein, quando a influência de Brentano ainda estava no auge, “não sou mais um materialista, e também ainda não um teísta.” Mas Freud nunca se tornou um teísta; no fundo ele era, como informou ao amigo no final de 1914, “um estudante de medicina ateu e um empirista”. [...] Mas Brentano havia estimulado e tornado mais complexo o pensamento de Freud, e seus textos sobre psicologia deixaram sedimentos significativos na mente de Freud. (GAY, 2004, p.44).

O período no qual Freud esteve na universidade certamente marcou sua vida intelectual de maneira indelével, para sua sorte, a Universidade de Viena reunia uma constelação de brilhantes professores e pesquisadores vindos de toda a parte da Europa, mas a maioria de origem alemã. Entre esses professores figuram alguns dos principais referentes aludidos por Assoun em seu brilhante estudo sobre a epistemologia Freudiana.

Durante o período em que frequentou a Universidade de Viena, como estudante e pesquisador, o corpo docente de medicina formava uma confraria magnífica, altamente seleta. Seus membros, em sua maioria, haviam sido importados da Alemanha: Carl Claus, que chefiava o Instituto de Anatomia Comparada, fora recém-transferido Göttingen; Ernst Brücke, o famoso fisiologista, e Hermann Nothnagel, que comandava o Departamento de Medicina de Doenças Internas, tinham nascido no norte da Alemanha e se formado em Berlim; Theodor Billroth, um famoso cirurgião, talentoso músico amador e um dos amigos mais íntimos de Brahms, fora atraído a Viena depois de ocupar cátedras em sua Alemanha natal e em Zurique. Esses professores. Luminares em seus campos, davam um ar de distinção intelectual e amplitude cosmopolita à provinciana Viena. Não é por acaso que a escola de medicina, naqueles anos, atraiu cada vez mais estudantes estrangeiros – de outras partes da Europa e dos Estados Unidos. (GAY, 2004, p.44).

Esses luminares, que foram os mestres de Freud em seus anos de estudante, possuíam ainda outras qualidades. Eles não tinham nenhuma relação com a agitação anti-semita que se alastrava pela cultura de Viena. Eram liberais, francamente contrários ao anti-semitismo e com hostilidades anti-clericais declaradas. Eram, portanto, modelos ideais para o jovem Freud. (GAY, 2004).

Freud teve sua iniciação no hábito científico sob a tutela de Ernst Brücke, em seu laboratório de Fisiologia. Brücke assim definia seu objeto de estudos (ASSOUN, 1983).

A fisiologia é, para Brücke, animador da sociedade berlinense de física nos anos de 1845, uma extensão da física. Ela tem por objeto sistemas físico-químicos particulares, os organismos, dotados de propriedades especiais, como a faculdade de assimilação; mas a particularidade do objeto não obriga a se postular uma diferença de objetividade. O fisiólogo não é outro senão o físico dos organismos. Aquilo que unifica esses campos, é o princípio de conservação de energia, em virtude do qual “a soma das forças permanece constante em todo sistema isolado”. (ASSOUN, 1983, p.116).

Brücke, juntamente com Du-Bois Reymond adotavam quase como dogma o princípio fisicalista, tendo até mesmo, realizado um juramento solene a este respeito.

Seus objetivos foram notoriamente resumidos numa carta escrita por Du-Bois Reymond em 1842: ‘Brücke e eu fizemos o juramento solene de pôr em prática essa verdade: nenhuma força além das forças físico-químicas comuns age no organismo’. Freud, naturalmente se afastaria muito dessa tentativa de

reduzir todos os fenômenos a categorias explicativas da física e da química. (PALMER, 2001, p.18).

Emile Du-Bois Reymond também era um eminente fisiologista, que em 1870 tornou-se reitor da Faculdade de Berlim e em seu discurso de posse proferiu o famoso discurso que por muito tempo serviu como profissão de fé para o cientificismo de seus contemporâneos. Além de seu célebre discurso de 1872, proferido no congresso dos naturalistas de Leipzig, que ficou conhecido como “*Ignorabimus*” (ASSOUN 1983).

Nesse texto, Du Bois Reymond desenvolve um agnosticismo resolutivo que se apóia na teoria kantiana do limite do conhecimento, mas especificando-a para o uso dos cientistas que, a partir de então, de bom grado retirarão dela seus filosofemas. (ASSOUN, 1983, p.79)

Em 1875 Freud viajou a Manchester para fazer uma visita aos seus meio-irmãos. Desde sua infância Freud lia e apreciava bastante a literatura inglesa. Ao retornar de sua viagem, Freud trouxe em sua bagagem mais do que souvenirs e recordações agradáveis, havia entrado em contato com vários livros científicos ingleses: Tyndall, Huxley, Lyell, Darwin, Thomson, Lockyer, etc. Além disso, o empirismo inglês e sua aversão à metafísica o haviam encantado, e ajudado a afastar seus interesses das especulações filosóficas. Em seu retorno à universidade, concentrou-se em seu trabalho no laboratório de Carl Claus – que era um dos mais eficientes e prolíficos divulgadores de Darwin em língua alemã . Foi por essa época, sob a tutela de Carl⁴, que Freud viajou ao mediterrâneo para pesquisar as gônadas das enguias, tendo dissecado um número enorme delas. “A busca das gônadas da enguia contribuiu para ensinar a Freud a observação paciente e exata, o tipo de atenção concentrada que mais tarde julgaria tão indispensável ao ouvir seus pacientes”. (GAY, 2004, p.46).

Depois de trabalhar com Carl Claus, Freud juntou-se ao laboratório de fisiologia de Brücke. Foi uma época singularmente feliz para Freud, que adorava seu trabalho junto ao fisiologista, explorando os mistérios do sistema nervoso, bem como adorava ao próprio Brücke, tendo afirmado que ele foi “a maior autoridade que agiu sobre mim”. Em 1892, após a morte de Brücke, Freud deu ao seu quarto filho o nome de Ernst, em homenagem ao seu falecido mentor. Foi também junto ao círculo de dele que Freud conheceu um amigo que desempenharia papel decisivo e talvez indispensável na formação da psicanálise: Josef Breuer, importante fisiologista e médico bem sucedido, homem de grande erudição, rico e quinze anos mais velho que Freud. A influência de Breuer sobre a formação da psicanálise e sua relação com Freud serão tratadas em pormenor no próximo capítulo.

⁴ Não há menção há Claus Carl nos escritos autobiográficos de Freud.

A filosofia da ciência de Brücke foi tão formativa para Freud quanto seu profissionalismo. Era um positivista por temperamento e convicção. O positivismo não era tanto uma escola organizada de pensamento, e sim uma atitude difusa em relação ao homem, à natureza e aos métodos de investigação. Seus partidários tinham a esperança de trazer o programa das ciências naturais, suas descobertas e métodos, para a investigação de todo o pensamento e ação humanos, públicos e privados. Típico dessa tendência intelectual é que Auguste Comte, o profeta do positivismo do começo do século XIX em sua forma mais extremada, tenha considerado possível dar bases sólidas ao estudo do homem em sociedade, inventando o termo “sociologia” e definindo-a como uma espécie de física social. Nascido do iluminismo do século XVIII, rejeitando a metafísica de maneira apenas ligeiramente menos categórica do que a teologia, o positivismo havia prosperado no século XIX, com as vitórias espetaculares da física, da química, da astronomia – e da medicina. Brücke era seu representante mais eminente em Viena. (GAY, 2004, p.48).

Brücke havia trazido seu estilo de fazer ciência de Berlim. Ainda acadêmico de medicina, havia se juntado a seu colega Emil Du Bois-Reymond para difundir o ideário positivista e combater sem tréguas todo tipo de superstição, misticismo e panteísmo. Ambos materialistas convictos acreditavam que apenas as forças físico-químicas agiam no organismo, e que qualquer força atuante na matéria deveria ser redutível a componentes da atração e repulsão. A dupla, Brücke e Du Bois-Reymond, se uniu ao admirável Hermann Helmholtz - personalidade renascentista que deu contribuições de grande valor nas mais diversas áreas da ciência – juntos, seu prestígio intelectual era enorme. (GAY, 2004).

Helmholtz foi médico militar, professor de fisiologia e, a partir de 1871, professor de física em Berlim. (ASSOUN, 1983).

O duplo interesse pela física e pela fisiologia, dado da época, indica por si só o sentido do empreendimento de Helmholtz. Este afirma seu projeto, desde seu trabalho *Da conservação da energia* (1847), onde aplica o princípio da conservação da energia aos fatos fisiológicos. Eis o enorme papel histórico que, a partir de então, recomenda Helmholtz como autoridade aos sábios de sua época: é ele quem, apenas cinco anos depois da introdução da conservação de energia por Mayer no domínio da física, a estabelece como postulado para a fisiologia. Dessa forma, a fisiologia funda sua pretensão de seguir os passos de sua irmã mais velha, a física. (ASSOUN, 1983, p. 180).

As concepções desses três luminares do positivismo deitaram raízes profundas no espírito de Freud, que mesmo na formulação de sua ciência, a psicanálise, nunca se afastou completamente dos principais postulados de seu admirado mestre Brücke. O trio de médicos positivistas, que tanto inspirou Freud em seus anos de estudante, encontrou ainda maior fôlego na obra de Darwin, no início dos anos de 1870. A teoria evolucionista ainda era uma novidade extremamente controversa, mas que surgia no cenário intelectual como mais um argumento para o agnosticismo defendido por Helmholtz. Não havia a necessidade de se

apelar para uma divindade criadora para se compreender a ordem natural dos seres vivos, tudo podia ser remetido a um entrelaço de forças, a “struggle for life” defendida por Darwin. (GAY, 2004).

O grande naturalista inglês teve profunda influência no pensamento de Freud. Principalmente em suas pesquisas voltadas para a compreensão da religião e da cultura em geral. Em 1913, ao escrever *Totem e Tabu*, Freud se inspirou no trabalho de um número considerável de autores, entre eles Darwin.

Embora de início estimulado pelo trabalho de Wilhelm Wundt e Carl Gustav Jung, Freud tem como principais fontes *The Descent of Man* (1871), de Darwin, as *Palestras sobre a religião dos semitas* (1889), de W. Robertson Smith, *A lei primal* (1903), de J. J. Atkinson, e os dois volumes de Sir James Frazer, *O ramo de ouro* (1903) e *Totemismo e exogamia* (1910). (PALMER, 2001).

A teoria de Darwin influencia o conteúdo de *Totem e Tabu*, não tanto a teoria evolucionista, mas a tese de Darwin sobre a “horda primitiva”. Segundo essa teoria, a vida dos homens primitivos era muito similar a dos símios superiores: eles viviam em pequenas “hordas” comandadas por um pai poderoso que possuía muitas mulheres e muitos filhos. Para manter seu poder, esse macho alfa os impedia de cruzar com as fêmeas do grupo, o que obrigava os jovens machos a procurar fêmeas fora da tribo, enquanto as jovens fêmeas podiam acasalar somente com ele. A essa teoria Freud acrescentou duas outras descobertas. A primeira de Atkinson; como consequência da horda primitiva os jovens machos se tornaram exógamos. A segunda idéia veio de Robertson Smith; ele sugeriu que parte do sistema totêmico envolvia uma cerimônia de “refeição totêmica”. Neste referido ritual o animal totem era sacrificado e devorado por toda a tribo, em seguida era pranteado. Esse ritual estabelecia um vínculo sagrado entre a comunidade e sua divindade. (PALMER, 2001).

Freud usa as teorias de Darwin, de Atkinson e de Smith para apresentar a seguinte reconstrução: a posição do macho dominante no âmbito da horda primitiva não era garantida de uma vez por todas. Um dia, os filhos combinaram matar e devorar o pai, que fora tanto o seu inimigo quanto o seu ideal, e, assim, não só se identificaram com ele e adquiriram uma parcela de sua força como, ao fazê-lo, levaram ao fim a horda patriarcal. A partir de então, contudo, os filhos, tomados pela culpa daquilo tinham feito e incapazes individualmente de assumir a posição do pai, formaram um câ de irmãos, passaram a praticar a exogamia – removendo assim o motivo original do assassinato do pai – e criaram um substituto do pai na forma do totem. Dessa maneira, a celebração anual da refeição totêmica não passava da comemoração solene do crime original do assassinato do pai. (PALMER, 2001, p.39).

Para justificar que esse ato diacrônico engendre uma marca “atávica” sobre a humanidade, Freud utiliza uma teoria muito vaga sobre um mecanismo de herança, ou de memória herdada de franca inspiração Lamarkista. Para explicar tal coisa ele faz uso de dois termos amplamente aceitos à época, introduzidos pelo biólogo alemão Ernst Haeckel e já empregados por Frazer: *ontogenia* e *filogenia*. (PALMER, 2001). Essa teorização de Freud encontrou inúmeros críticos, entre eles A. L. Kroeber, Malinowski, e mais recentemente, Evans-Pritchard.

[...] A teoria da horda primitiva de Freud é uma hipótese insubstanciada, baseada nas especulações de Darwin, elas mesmas escritas numa época em que não se dispunham de dados confiáveis. Mas pesquisas subseqüentes revelaram uma ampla variação em termos dos agrupamentos sociais dos primatas, tendo o autor, Paul Simonds, assinalado organizações baseadas em indivíduos solitários, pares acasalados, grupos isolados de um só macho e bandos de machos e fêmeas adultos com filhotes. Os gorilas têm reconhecidamente uma estrutura social semelhante a uma horda primitiva; não obstante, como nos lembra Zuckermen, “o fato de os macacos viverem em grupos familiares não é em si prova de que os primeiros homens tenham feito o mesmo...; não há uma razão clara para que o comportamento social dos ‘pré-humanos’ seja considerado semelhante ao dos macacos de grande porte e não ao dos macaquinhos. (PALMER, 2001, p.85).

Em 1879 e 1880 Freud teve de deixar o laboratório de Brücke por um período de um ano para o serviço militar obrigatório, algo que ele considerou tedioso. Não obstante, Freud foi muito elogiado por seus oficiais superiores. Em seu tempo ocioso, para se distrair ele traduziu quatro ensaios das obras reunidas de John Stuart Mill, graças a uma indicação de Brentano, que recomendou o jovem Freud ao editor de Mill – o eminente historiador Theodor Gomperz. (GAY, 2004).

Uma das personalidades mais controversas e que maior influência teve sobre a vida e obra de Freud foi, sem dúvida, como atesta a vasta correspondência entre ambos, Fliess.

Fliess, um otorrinolaringologista de Berlim, chegara a Viena no outono de 1887, para aprofundar seus estudos. Por conselho de Breuer, havia assistido a algumas conferências de Freud sobre neurologia e, no final de novembro, depois de voltar para casa, ele recebeu uma proposta sincera de Freud. “Embora minha carta de hoje tenha um motivo profissional”, escreveu Freud, “devo iniciá-la com o reconhecimento de que nutro a esperança de manter relações com o senhor, e que o senhor deixou uma profunda impressão sobre mim”. Era, ao mesmo tempo, mais formal e mais emocional do que o estilo usual de Freud, no entanto sua amizade com Fliess viria a ser uma experiência única para ele. (GAY, 2004, p.67).

Fliess foi, por vários anos, para Freud, um ouvinte, confidente e incentivador, sempre pronto a aplaudir e que acompanhava Freud em suas especulações sem jamais se

chocar com nada. Freud confiava quase cegamente em Fliess, e o tinha como um dos amigos mais íntimos, sendo para com ele extremamente crédulo. Hoje se sabe que Fliess era um sujeito “original”, excêntrico era dizer o mínimo. Ele possuía uma mania com relação à numerologia que foi considerada francamente patológica, e suas teorias são bastante esquisitas. Considerava o nariz como o órgão dominante do corpo humano, capaz de influenciar tanto a saúde quanto a doença, se isso já não fosse estranho o bastante, também estava obcecado por um esquema de ciclos biorrítmicos de 23 e 28 dias, aos quais homens e mulheres estariam sujeitos e que permitiriam ao médico realizar todo o tipo de diagnóstico. Não obstante, o que nos soa hoje como total absurdo, na virada do século encontrava uma audiência favorável. Além disso, as credenciais de Fliess eram impecáveis, era um especialista muito conceituado e fora recomendado por ninguém menos que Breuer. (GAY, 2004).

A despeito de suas esquisitices, Fliess era um homem de erudição científica abrangente, e de imensa ambição como cientista. Ele também impressionava por sua aparência e refinamento. Para alguém como Freud, cujas teorias também estavam passíveis de serem consideradas tresloucadas para sua época, e que havia se convertido num médico “subversivo”, o fato de Fliess também não se conformar as idéias em voga, e ter teorias que diferiam bastante do pensamento mais corriqueiro deve ter sido um fator importante para criar a empatia que logo os uniu. Certamente, a exceção de Fliess, Freud teve pouca ou nenhuma interlocução para suas idéias em seus primeiros anos de pesquisa sobre as neuroses.

Fliess demonstrava uma sólida compreensão das teorizações de Freud, e fornecia-lhe apoio e idéias. Era um leitor dedicado e atento dos manuscritos de Freud. Deu a ele uma visão da unidade básica de toda a cultura humana e do valor comprobatório das manifestações humanas: “você me ensinou”, disse-lhe Freud com gratidão, em junho de 1896, “que uma ponta de verdade se esconde por trás de toda sandice popular”. Ajudou Freud a voltar sua atenção aos chistes, como material útil para o escrutínio psicanalítico. E, ainda, Fliess fazia reflexões sobre a sexualidade infantil nos textos que publicou em meados dos anos 1890, anos antes que Freud se dispusesse a converter uma idéia tão escandalosa em algo coerentemente seu. Embora Freud pareça ter sido o primeiro a insistir que, no centro de todas as neuroses, encontra-se alguma perturbação sexual, Fliess, por sua vez, promoveu a idéia da bissexualidade humana e acompanhou atentamente Freud em sua elaboração para convertê-la num princípio fundamental. (GAY, 2004, p.68).

Além da contribuição teórica e da valiosa interlocução que Fliess manteve com Freud, parece-me que há uma concordância entre os estudiosos do tema que Fliess desempenhou ainda outro papel um pouco mais insólito. Peter Gay chega a afirmar que a

relação de Freud para com Fliess era transferencial, e que por um longo tempo ele assumiu, *mutatis mutandis*, o papel de analista de Freud.

Talvez seja ampliar demais o termo para além de seu terreno legítimo, mas, sob importantes aspectos, Freud impôs a Fliess um papel similar ao do psicanalista. A prolongada omissão de Freud, quase que sua recusa em avaliar de maneira realista seu amigo íntimo, sugere que estava envolvido numa séria relação de transferência [...]. (GAY, 2004, p.70).

Quanto ao outro grande amigo e colaborador de Freud, Breuer – que assim como Fliess terminou sua amizade com Freud de modo amargo – tratarei de maneira pormenorizada sua contribuição no próximo capítulo. Vale lembrar, que a despeito da forma como eles se separaram, por longos anos Breuer incentivou a carreira de Freud, e lhe ajudou financeiramente de forma substancial, sem jamais esperar pelo retorno de seu dinheiro. Além disso, confiou em Freud o bastante para lhe relatar os detalhes do caso Anna O., que certamente lhe despertava sentimentos ambíguos e que um cavalheiro da era vitoriana movido pelo bom senso preferiria que caísse no esquecimento. Breuer também propiciou a Freud um ambiente de acolhimento e amizade que foi importante no início de sua carreira e de sua vida de casado.

Afinal, a dívida de Freud para com Breuer era mais do que monetária. Fora através de Breuer que Freud aprendera sobre a catarse, e ele o ajudara a se libertar das inúteis terapias mentais então correntes; fora Breuer que se dispusera a lhe contar, nos mais sugestivos detalhes, o caso de Anna O.; o qual, retrospectivamente, Breuer encarava com uma mescla de emoções. Além disso, o procedimento científico de Breuer podia servir a Freud como um modelo de modo geral admirável: Breuer era um fecundo criador de palpites científicos e um atento observador, mesmo que por vezes sua fecundidade excedesse sua observação – o que também ocorria com Freud. Na verdade, Breuer estava plenamente ciente do fosso muitas vezes enorme entre hipótese e conhecimento; em *Estudos sobre a Histeria*, ele citava Teseu em *Sonho de uma Noite de Verão*, sobre o drama: “O melhor nesse gênero são apenas sombras”, e anunciava a esperança de que pudesse haver pelo menos alguma correspondência entre a idéia de histeria do médico e a coisa real. (GAY, 2004, p.78).

3.3 Freud e o judaísmo

Quando em 1873, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo, verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque era judeu. Recusei-me de maneira absoluta a fazer a primeira dessas coisas. Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha ‘raça’. Suportei, sem grande pesar, minha não aceitação na comunidade, pois parecia-me que apesar dessa exclusão, um

dinâmico companheiro de trabalho não poderia deixar de encontrar algum recanto no meio da humanidade. Essas primeiras impressões na universidade, contudo, tiveram uma conseqüência que depois viria a ser importante, porquanto numa idade prematura familiarizei-me com o destino de estar na Oposição e de ser posto sob o anátema da ‘maioria compacta’. Estavam assim lançados os fundamentos para um certo grau de independência de julgamento. (FREUD, 1976b, Vol.XX. p.19).

Numa perspectiva da sociologia do conhecimento, a idéia de Freud de que suas origens judaicas foram um diferencial importante não é descabida. Burke nos lembra, de um ensaio de Veblen (1919) que sugeriu que a proeminência de uma intelectualidade judaica na Europa em auge no século XIX se devia a assimilação dos judeus ao cristianismo, todavia sua criatividade advinha justamente de não se conformar completamente à cultura vigente. Os judeus rejeitavam sua cultura original, mas não se conformavam totalmente à cultura dos gentios. Localizando-se numa tênue fronteira que os deixava mais livres. “Sua posição na fronteira de dois mundos culturais os tornara cétricos”. (BURKE, 2003).

Sua independência em relação às idéias consideradas verdadeiras no mundo à sua volta encorajava esses intelectuais de extração judaica a se tornarem inovadores intelectuais. (BURKE, 2003, p.14).

Essa poderia bem ser uma descrição da situação intelectual do próprio Freud. Não é de balde que ao se recordar de seus anos de juventude, especialmente quando de seu ingresso na universidade, haja um tom amargo em suas recordações. A vida não era fácil para os judeus naquela época, e ainda viria a piorar muito com a sombra nefasta do nazismo alemão que em algumas décadas obscureceria o firmamento europeu.

O ano em que o jovem e ambicioso Freud ingressou na Universidade de Viena foi um ano negro para a Áustria, e foi ainda mais sinistro para os judeus que ali viviam. O império dos Habsburgo, especialmente Viena, era um lugar que possuía atrativos para os judeus. Vinha passando por reformas liberais e os judeus podiam aspirar alguma participação política e ascensão social. Não que estivessem livres do anti-semitismo e da perseguição, que grassavam por toda a Europa, mas em Viena essa perseguição era, em termos comparativos, mais branda. Não obstante, tudo se precipitou no caos e na incerteza quando ocorreu a “Sexta-Feira Negra”. Em 9 de maio de 1873, bancarrota e falências bancárias em massa arruinaram especuladores imprudentes e correntistas desafortunados. Desde artesãos e agricultores até homens de negócios perderam todas as suas economias, e não raro, tudo o que possuíam. (GAY, 2004).

Confrontados com a súbita perda de suas economias ou investimentos, e à procura de um bode expiatório, os austríacos entregaram-se a uma orgia de

explosões anti-semitas. Jornalistas acusavam as “maquinações” dos banqueiros judeus como responsáveis pelo colapso; caricaturistas populares desenhavam corretores de nariz adunco e cabelos crespos, gesticulando furiosamente na frente da Bolsa de Ações de Viena. (GAY, 2004, p.31).

Desde 1848 a situação jurídica dos judeus nas terras dos Habsburgo vinha gradativamente melhorando. Houve a legalização dos ofícios religiosos judaicos, o fim dos elevados e humilhantes impostos específicos para a comunidade judaica. Os judeus ganharam o direito de ter propriedades imobiliárias, ingressar em qualquer profissão e assumir qualquer cargo público. Na década de 1850 os judeus se viram livres de leis intolerantes e humilhantes como as que proibiam lares judeus de empregarem criadas cristãs. Em 1867 praticamente todos os resquícios de discriminação legal haviam caído por terra, graças às reformas liberais. Certamente era algo alentador, mas o fim da discriminação legal não significava necessariamente o fim do sentimento de anti-semitismo que grassava na Áustria, bem como por toda a Europa. (GAY, 2004).

Infelizmente, para os judeus, a ascensão dos liberais na Áustria chegou ao fim. Em 1897, o demagogo Karl Lueger, utilizando o anti-semitismo como plataforma eleitoral conseguiu se eleger para a poderosa e prestigiada posição de prefeito de Viena. “O advento de Luedger, portanto, selou a derrocada do liberalismo austríaco de modo definitivo”. (GAY, 2004, p.32).

Freud durante toda sua vida teve uma posição resoluta e corajosa frente ao anti-semitismo, em claro contraste com seu pai. Seu pai, um dia, ao levá-lo para um passeio, entabulava uma conversa quando, resolveu lhe narrar um fato bastante insólito para mostrar a ele como a vida dos judeus na Áustria havia melhorado. Em sua juventude, seu pai havia saído num sábado e havia ido dar voltas pelas ruas da cidade onde Freud nascera, todo enfeitado e com um gorro novo de pele na cabeça. Então, surgiu um cristão e de súbito lhe arrancou o gorro da cabeça e o jogou no estrume, gritando “judeu! Fora da calçada!”. Freud perguntou ao pai o que ele havia feito, ao que ele respondeu que simplesmente havia recolhido seu gorro e continuado seu passeio. Freud jamais seguiu o exemplo do pai, tendo mais de uma vez permanecido resolutamente firme diante de manifestações anti-semitas. Em momentos diversos de sua vida demonstrou a solidez pétrea dessa resolução de não se curvar diante do anti-semitismo.

Na sua juventude, ao entrar em um trem, foi vítima da pilhéria de um grupo de jovens estudantes anti-semitas que pretendiam expulsá-lo do trem, Freud se levantou e os desafiou a ponto deles desistirem de suas pretensões e de seus gracejos. Noutra ocasião,

quando estava em uma estância de águas com a família, um numeroso grupo passou a gritar insultos anti-semitas contra um de seus filhos, Freud sozinho os dispersou a todos a bengaladas. (GAY, 2004).

Não obstante a sua coragem e a sua fibra moral ao se deparar com situações como as descritas anteriormente, Freud era completamente cético com relação às crenças que haviam garantido a unidade de seu povo por tantos séculos. Quando se casou, sua esposa, que era extremamente religiosa, se viu proibida pelo marido de executar qualquer um dos rituais domésticos da religião dos patriarcas, Freud não os admitia em sua casa. A posição de Freud era bastante ambivalente; não negava suas raízes históricas, nem tão pouco, utilizava-se do cômodo expediente de tentar escondê-las. Mas, ao mesmo tempo, considerava a religião com declarado desdém, sendo um ateu convicto. Freud também negava que a psicanálise fosse um fenômeno judaico, e o ingresso de Jung em suas fileiras quando da expansão do movimento psicanalítico, lhe trazia alegria justamente porque demonstrava a aceitação de sua ciência fora dos círculos judaicos.

Quando o psicólogo francês Pierre Janet sugeriu que a psicanálise só poderia ter brotado na atmosfera sensual de Viena, Freud considerou a insinuação como uma injúria maliciosa e, no fundo, anti-semita. Na verdade, Freud poderia ter desenvolvido suas idéias em qualquer cidade que contasse com uma faculdade de medicina de primeira ordem, e um público culto suficientemente rico e numeroso que lhe trouxesse pacientes. (GAY, 2004, p.27).

Apesar de seu ateísmo declarado, Freud teve um grande interesse pela religião, e foi para ele uma preocupação constante o quanto a sua posição social como judeu poderia influir nos rumos da psicanálise. Quando aconteceu o penoso e demorado rompimento com Jung, que ele havia declarado seu “herdeiro”, Freud assim se referiu ao episódio.

Ao enviar a Ferenczi a carta de Jung sobre o fato de não tê-lo visitado em Küsnacht, Freud interpretou-a como uma provável demonstração de que a neurose de Jung devia ser ativa. Tristemente admitiu seu malogro ao tentar fundir “judeus e não judeus a serviço da ψA ”. Infelizmente, “eles se separam como azeite e água”. A questão evidentemente preocupava-o; no mês seguinte, disse a Rank que tivera a esperança de realizar a “integração de judeus e anti-semitas no solo da ψA ”. Mesmo na adversidade, este continuava a ser o objetivo de Freud. (GAY, 2004, p.221).

É provável que o julgamento de Freud sobre si mesmo exposto logo no início deste tópico seja correto. Ao enfrentar a ferrenha oposição que as suas idéias provocavam, a resolução de Freud já havia sido testada e temperada pela constante perseguição a que seu povo estava sujeito em Viena. Ao se defrontar com o anti-semitismo e, ao mesmo tempo,

negar as crenças de sua religião soa até modesta a expressão usada por ele para o que havia conseguido: “certo grau de independência de julgamento”.

4 A IMPORTÂNCIA DA HISTERIA PARA A FORMULAÇÃO DO CONCEITO DE INCONSCIENTE

Das Gefühl fängt dort an, wo der Verstand aufhört.
(Gerhard Uhlenbruck)

4.1 A histeria

Dupré assim definia a histeria: “Estado no qual o poder da imaginação e da sugestibilidade, unido a esta sinergia particular do corpo e do espírito que denominei psicoplasticidade, resulta na simulação mais ou menos consciente de síndromes patológicas, na organização mitoplástica de organizações funcionais, impossíveis de distinguir das dos simuladores.” Esta definição clássica define como sintomas superiores da histeria, a sugestibilidade, e o aparecimento de perturbações como a paralisia, a anestesia, a anorexia, que não têm, na ocorrência, fundamento orgânico, mas uma origem exclusivamente psicológica. (FOUCAULT, 1975, p.6).

Um dos primeiros trabalhos de Freud dedicado às afecções foi justamente sobre a histeria. O trabalho clínico de Freud com os pacientes que padeciam desse mal lhe forneceu material empírico que foi o combustível necessário a vários de seus *insights* que deram origem a psicanálise. Freud se insere numa longa tradição de autores e pensadores que se debruçaram sobre a miríade aparentemente desconexa de sintomas da histeria. Mesmo o termo possui uma história venerável, histeria é uma palavra de origem grega. Platão no *Timeu* associa a etiologia da histeria a uma prolongada falta de atividade do útero. Caso o útero esteja em condições favoráveis para gestar um bebê, mas mesmo assim permanecer inativo, esse órgão se tornaria a fonte de inumeráveis males, de angústias a obstruções das passagens de ar (QUINET, 2005).

Galeno, no século II, também relacionava a etiologia da histeria ao útero, mas a diferença de muitos de seus predecessores, ele abandona a idéia de que o deslocamento desse órgão causaria a afecção. Ele cria a hipótese da “retenção da semente feminina”, que seria semelhante ao esperma masculino. Os estados histéricos são o resultado da ausência do escoamento da semente que ocorre durante o coito. Ainda segundo Galeno, mulheres bruscamente privadas de intercurso sexual, como as viúvas, são as mais afetadas. A partir do século III até o renascimento, todos os fenômenos que antes eram identificados como histeria e associados de uma maneira ou de outra ao útero, passam a ser reconhecidos como possessão demoníaca. Os fenômenos identificados como possessão demoníaca, sob a influência da

igreja, nesse período, são interpretados no final do século XIX – especialmente pela escola fundada por Charcot – como fenômenos histéricos. Será a prova histórica para Charcot de que a histeria não estava sendo inventada no século XIX, mas que sempre existiu.

O alquimista Paracelso, no século XVI, chamava a histeria de “*Chorea Lasciva*”, Rabelais, autor do *Pantagruel*, defendia que a histeria seria passível de controle intelectual voluntário pela pessoa por ela afetada. Já no século XVII, surge uma nova etiologia para este velho mal. Para Lange, em seu *Tratado dos vapores* (1689) a histeria seria causada, *por exemplo*, “vapores seminais”. Ao acumular a “semente” em demasia, por falta de exercício da sexualidade, esse acúmulo geraria vapores que ao chegarem ao cérebro desencadearia toda a sorte de sintomas: convulsões, delírios, manias, etc. Thomas Willis (1621 -1675) é adepto da teoria dos “espíritos animais”, átomos constituídos por partículas minúsculas que sob o efeito do calor e da fermentação se formariam nas cavidades do coração iriam parar no cérebro devido à circulação sanguínea.

Segundo Willis, “o que parece constituir a histeria formal são os movimentos no baixo-ventre e como a ascensão de uma bola, gritos, tentativas de vômitos, a distensão dos hipocôndrios, eructações e borborigmos, a respiração desigual e dificultada, o calor na garganta, a vertigem, a convulsão e a rotação dos olhos, risos e choros desmedidos, palavras absurdas, por vezes a afonia e a imobilidade, a pulsação nula ou fraca, movimentos convulsivos na face e nos membros e por vezes em todo o corpo, ainda que as convulsões generalizadas sejam raras e não sobrevenham senão nos casos graves... As mulheres de todas as idades e de todas as condições são sujeitas a essa doença, ricas ou pobres, virgens, esposas ou viúvas... Eu a vi, mesmo algumas vezes entre homens.” (QUINET, 2005, p.95).

Thomas Sydenham (1624 – 1689) opunha-se a teoria uterina e propunha a teoria da “sede cerebral”, e tinha a histeria como “uma doença enganadora”, em sua variada sintomatologia ela imitaria várias outras doenças, sendo um Proteu capaz de assumir mil formas, sendo difícil, senão impossível definir um quadro estável de sintomas capaz de definir a histeria. No século XVIII, Phillipe Pinel (1745 – 1826), alienista pioneiro, um dos antecessores de Charcot na Salpêtrière, foi o primeiro a libertar os loucos dos grilhões e não era adepto da teoria da “sede cerebral” de Sydenham, ao contrário, reafirmava a etiologia uterina, e chegava mesmo a recomendar o matrimônio como tratamento. Ele distingue a ninfomania ou “furor uterino”, da histeria, mas classifica a histeria como neurose.

O *Tratado Médico-Filosófico sobre a Alienação Mental*, de Pinel, publicado em 1801 e republicado em 1809, é a obra que inaugura a psiquiatria como especialidade médica. A concepção teórica de Pinel, exposta em seu já referido livro, considerava a loucura como

comprometimento ou lesão do intelecto e da vontade, manifestando-se no comportamento dos pacientes sob as mais variadas formas. Mesmo variedades muito diferentes de sintoma podiam ter em comum um mesmo tipo de lesão da vontade ou do juízo. Estas propriedades comuns poderiam servir como base para a classificação e o diagnóstico. Todavia, para tal coisa ser possível, encontrar essa base comum de variados sintomas se fazia necessária à observação diligente de numerosos pacientes. O critério básico de definição para ele era, portanto, a lesão do intelecto e/ou da vontade. (PESSOTTI, 2001).

Em seu tratado, Pinel salienta que uma das “características físicas” dos alienados é o excesso de excitação sexual, a isso se somavam características físicas como à masturbação e o homossexualismo. Essas perturbações sexuais eram compreendidas como complicadores do processo de tratamento do alienado. Tratamento este que consistia de certos aspectos simples: um diretor espiritual e um regime físico e moral bastariam para eliminar a alienação mental. (PESSOTTI, 2001).

Ex expositis, percebe-se que a etiologia sexual da histeria e das neuroses em geral proposta por Freud não era, em absoluto, uma grande novidade. Apesar disso, essa tese defendida por ele lhe granjeou muita oposição e não raro seus críticos o acusaram de uma “monomania sexual”. Outros autores, como *por exemplo*, Adler discordaram de Freud nesse ponto. Adler acreditava que a vontade de poder estava na raiz de todos os fenômenos neuróticos. Jung por sua vez, não considerava a teoria Freudiana ou a Adleriana como equivocadas, elas seriam casos particulares subsumidos por sua teorização de uma energia psíquica geral não substancialista. Não obstante, Freud inova ao propor um modelo psicológico para os mecanismos atuantes nos fenômenos histéricos, bem como na sua teoria de que muitos desses mecanismos desvendados de maneira indireta são inconscientes.

4.2 As concepções anatomo-patológica e fisiológica

Freud inicia sua carreira no laboratório de fisiologia de Ernest Brücke, a princípio comungando das crenças fisicalistas de seu professor. Palmer diz:

[...] ele ter tido seu primeiro treinamento científico em companhia dos materialistas médicos da chamada ‘escola de HelmHoltz’ (...). Seus objetivos foram notoriamente resumidos numa carta escrita por Bois-Reymond em 1842: ‘Brücke e eu fizemos o juramento solene de pôr em prática essa verdade: nenhuma força além das forças físico-químicas comuns age no organismo’. Freud, naturalmente se afastaria muito dessa tentativa de reduzir

todos os fenômenos a categorias explicativas da física e da química. (2001, p.18).

É por influência de Brücke que Freud realiza a viagem que mudaria radicalmente sua vida e o curso de seus estudos, a viagem a Salpêtrière. Por essa época Charcot estava envolvido no debate acerca de uma série de querelas sobre os estudos psiquiátricos e, apesar de seu ponto de vista ser similar ao de Brücke, já diferia em pontos importantes. Por essa época, o último quartel do século dezenove, vários ramos da Psiquiatria defendiam que a histeria (entendida como “ataques histéricos” agudos com paroxismos de gestos involuntários, contorções do corpo, exclamações; ou sintomas crônicos como cegueira histérica mutismo e paralisia), decorria uma alteração anatômica no sistema nervoso, especialmente o cérebro, que seria a causa de toda essa sintomatologia aparentemente tão diversa. Charcot⁵ possuía uma tese que divergia da hipótese anatomopatológica, ele concordava que a histeria deveria estar associada a algum tipo de anomalia do sistema nervoso, não obstante, insistia que não havia qualquer tipo de alteração anatômica envolvida, portanto, estudos autópticos não levariam a qualquer descoberta nova nem elucidariam a natureza de tais distúrbios. (LEVIN, 1980).

Por todo o século XIX, debateu-se acaloradamente na medicina acadêmica acerca da utilidade relativa da Anatomia Patológica, que consistia em acompanhar os pacientes até a necropsia a fim de correlacionar os sintomas aos dados e alterações anatômicas. Em contrapartida a essa perspectiva, havia a Fisiologia que colocava um maior acento na experimentação laboratorial com cobaias animais com o fim de investigar os modos de funcionamento em vez da estrutura. Chegando-se mesmo a debates escolásticos como, *por exemplo*, o que seria mais próximo de um ser humano vivo: um ser humano morto ou um animal vivo? Em Paris, desde a revolução francesa, colocava-se maior acento à Anatomia Patológica. Foi em Paris que pela primeira vez a Psiquiatria se estabeleceu como especialidade separada, *ipso facto*, de Paris saíram os mais importantes compêndios acadêmicos de Psiquiatria, e sua ênfase na Anatomia Patológica dominou o cenário da Psiquiatria acadêmica européia durante a primeira metade dos anos oitocentos. (LEVIN, 1980).

A partir de 1840, a universidade de Viena, em claro contraste com as demais instituições de peso de língua germânica, adotou a tendência anatômica e também ficou estabelecida a Psiquiatria como disciplina universitária. Viena logo suplantou a importância

⁵ Por essa época Charcot era professor de Neuropatologia da Universidade de Paris, e diretor clínico do Salpêtrière. (LEVIN, 1980, p.12)

de Paris e tornou-se o principal centro europeu de uma Psiquiatria de orientação ainda predominantemente anatômica. (LEVIN, 1980).

Durante essas décadas, o método patológico-anatômico logrou, de fato, esclarecer a natureza de numerosas doenças neurológicas e psiquiátricas, e sua eficácia justificou, em grande parte, a sua contínua hegemonia. Mas o seu próprio êxito acarretou, inevitavelmente, desafios e contestações a tal abordagem, pois na medida em que os estudos anatômicos removeram efetivamente síndromes da lista de doenças de patologia desconhecida, eles deixavam ficar nessa lista aquelas doenças que eram menos acessíveis à abordagem anatômica e que recebiam uma atenção crescente como enigmas ainda por resolver (LEVIN, 1980, p.13).

Em princípios da década de 1880, numerosos pesquisadores passaram a contestar a ênfase na pesquisa das estruturas anatômicas e a buscar outros tipos de enfoques. A histeria e as neuroses afins haviam resolutamente desafiado a pesquisa anatômica, o que resultou em inúmeras controvérsias e tentativas de ambos os lados de obter respostas satisfatórias. A teoria de Charcot caminhava nesse sentido, para ele a histeria tinha como etiologia anormalidades fisiológicas difusas no sistema nervoso central, e esses fatos não acarretavam mudanças estruturais. Charcot também propôs explicações psicológicas para diversos fenômenos histéricos.

Existiram ainda, nos anos oitocentos, diversas concepções sobre a histeria. Para o fundador da Psiquiatria alemã, Wilhelm Griesinger (1817-1868) a histeria era uma “doença detestável”, que mesmo em seus casos mais suaves levaria a um grave comprometimento psíquico e que as pessoas acometidas desse mal seriam “seres insuportáveis para o meio em que vivem”. Benedict-Augustin Morel (1809-1873), médico francês, retoma em 1853 a descrição do caráter histérico na linha da desqualificação aberta por Griesinger, dizia ele sobre as histéricas: “se afogam nas mais bizarras suposições, as mais falsas, as mais ridículas e as mais injustas. Como o amor pela verdade não é uma virtude predominante de seu caráter, (...) enganam seus maridos, seus pais, seus amigos assim como seus padres confessores e seus médicos”. Para Charles Lasègue (1816-1883), alienista francês, os sintomas histéricos seriam completamente anômicos, sendo a histeria um fenômeno impalpável e caótico por natureza, seria impossível referir-se a uma tipificação do fenômeno, mesmo que meramente descritiva. Para Jules Falret (1824-1902), haveria cinco traços principais do caráter histérico: grande mobilidade dos estados psíquicos; o espírito de contradição e controvérsia; a duplicidade e a mentira; rapidez na produção de idéias, impulsos e atos; e o espírito sonhador e romanesco que levaria a fantasia a predominar sobre a vida real. Para Lasègue as histéricas seriam mais vaidosas e coquetes do que verdadeiramente ardentes e passionais, podendo chegar à “loucura

raciocinante dos histéricos”: ninfomania, ciúme malsão e tirânico, sendo perversas na vingança. Paul Briquet (1796-1881), médico francês, confere dignidade à histeria e a considera uma doença a ser encarada com seriedade, seria uma doença das paixões devida “à existência, na mulher, dos sentimentos mais nobres e mais dignos de admiração. Sentimentos que somente ela é capaz de experimentar”. James Braid (1795-1860) criou o termo hipnose, e percebeu que através dela se podia reproduzir sintomas histéricos. Deve-se a ele a descoberta dos efeitos de sugestão no tratamento da histeria. Hyppolite Bernheim (1837-1919), da Escola de Nancy, era um ferrenho opositor de Charcot e afirmava que todas as manifestações de histeria não passavam de produto de sugestão. Joseph Babinsk (1857-1933), aluno de Charcot, sugere a mudança do nome histeria por pitiatismo, a histeria seria um mero “piti” curável pela persuasão. Em sua concepção a histeria não passaria de simulação, assim todo sujeito histérico não passaria de um simulador. (QUINET, 2005). Freud endossava o modelo fisiológico de Charcot, mas com ressalvas.

Acreditava que a anormalidade fisiológica era a fonte da vulnerabilidade da pessoa à neurose, e que essa anormalidade era também causa direta de certos sintomas histéricos específicos. Mas acreditava também que, em virtude do estado rudimentar da Neurofisiologia da época, a tentativa de realização de modelos orgânicos só poderia resultar em hipóteses altamente especulativas e inúteis. Portanto, preferiu concentrar-se na explicação daqueles sintomas que pareciam ser o produto de fatores psicológicos. Também se concentrou na resolução terapêutica dos sintomas histéricos. (LEVIN, 1980, p.14).

Por essa época Freud em concordância com Charcot e Brücke também não era partidário da perspectiva da Anatomia Patológica e planejou junto de Charcot suas pesquisas futuras baseada nessa crença, e já no limiar de uma pesquisa psicológica propriamente dita.

Antes de partir de Paris, examinei com o grande homem um plano para um estudo comparativo das paralisias histéricas e orgânicas. Desejava estabelecer a tese de que na histeria as paralisias e anestésias das várias partes do corpo se acham demarcadas de acordo com a idéia popular dos seus limites e não em conformidade com fatos anatômicos. Ele concordou com esse ponto de vista, mas foi fácil ver que na realidade não teve qualquer interesse especial em penetrar mais profundamente na psicologia das neuroses. Quando tudo já havia sido dito e feito, foi a partir da anatomia patológica que seu trabalho havia começado. (FREUD, 1976b, v.XX p.25)

Tratarei da relação entre Freud e Charcot, a quem o pai da Psicanálise freqüentemente se refere como “o grande homem”, de maneira mais detalhada adiante, por hora basta salientar que Freud impressionou-se sobremaneira com as teatrais apresentações de hipnose de Charcot, sua indução de fenômenos histéricos através do hipnotismo em pessoas sadias e a desconcertante afirmação de que havia homens histéricos.

O que mais me impressionou enquanto privei com Charcot foram suas últimas investigações acerca da histeria, algumas delas levadas a efeito sob meus próprios olhos. Ele provava, por exemplo, a autenticidade das manifestações históricas e de sua obediência a leis ('introite et hic dii sunt') a ocorrência freqüente de histeria em homens, a produção de paralisias e contraturas históricas por sugestão hipnótica e o fato de que tais produtos artificiais revelam, até em seus menores detalhes, as mesmas características que os acessos espontâneos, que eram muitas vezes provocados traumáticamente. (FREUD, 1976b, v.XX, p.24).

Esta última descoberta de Charcot, transmitida a Viena através de Freud, chocou sobremaneira o público médico, que por nenhum meio se deixou convencer da veracidade dessa descoberta francesa. De fato Freud queixou-se de "má recepção".

Pessoas de autoridade, como o presidente (Bamberger, o médico), declararam que o que eu disse era inacreditável. Meynert desafiou-me a encontrar alguns casos em Viena semelhantes àqueles que eu descrevera e a apresentá-los perante a sociedade. Tentei fazê-lo; mas os médicos mais antigos, em cujos departamentos encontrei casos dessa natureza, recusaram-se a permitir-me observá-los ou a trabalhar neles. Um deles, velho cirurgião, na realidade irrompeu com a exclamação: 'Mas, meu caro senhor, como pode dizer tal tolice? Hysteron (sic) significa o útero. Assim como pode um homem ser histórico?' (FREUD, 1976b, v.XX, p.26).

4.3 A influência de Charcot

Poucas das pessoas que travaram contato com Freud exerceram sobre ele uma influência tão profunda e duradoura quanto Jean Martin Charcot. Freud havia conseguido graças à intervenção de Brücke uma modesta bolsa de estudos para passar seis meses em Paris, sob a tutela de Charcot. Nesse período, Freud estava interessado em conseguir um meio de prover a sua subsistência para, finalmente, casar-se com sua noiva Martha Bernays. Apenas seis semanas após noivar Freud entrou para o hospital Geral de Viena, onde permaneceu por três anos. Foi em 1885 que ele requereu à faculdade a bolsa de viagem, por essa época, ainda esperava por sua indicação de *Privatdozent* no hospital. (GAY, 2004).

Charcot nascido em Paris e falecido em Morvan, França, alcançou fama no terreno da psiquiatria na França, na segunda metade do século XIX. Foi um dos maiores clínicos e professores de medicina da França e juntamente, com Guillaume Duchenne, o fundador da moderna neurologia. Era professor de Neuropatologia da Universidade de Paris, e diretor clínico do Salpêtrière. O nome desse hospital vem do fato de ter sido construído no local de uma antiga fábrica de pólvora, cujo componente principal é o salitre, em francês,

salpêtre. O hospital foi primitivamente um albergue e orfanato, criado por édito real de 1656, para os mendigos da cidade, no qual as loucas mais agitadas ficavam acorrentadas até morrer. Somente no início do século XIX, a situação da seção de alienados mudou por obra do psiquiatra Philippe Pinel. Na segunda metade do século XIX, quando o Jean-Martin Charcot assumiu a responsabilidade por essa seção, Salpêtrière tornou-se um centro de estudos psiquiátricos mundialmente famoso.

Freud legou para a posteridade várias de suas impressões sobre Paris e o caráter dos franceses em sua abundante correspondência para sua noiva Martha. Era uma época de penúria para o jovem Freud, que dispunha de poucos recursos. Mesmo assim ele logo tratou de explorar a cidade e conhecer seus parques, jardins, praças e teatros. Encantou-se particularmente pelo *Louvre* e sua coleção de artefatos da antiguidade: estátuas gregas e egípcias, bustos de imperadores, baixos relevos egípcios (GAY, 2004).

Mas o mais importante é que, desde o começo, Freud ficou deslumbrado com Jean Martin Charcot. Por cerca de seis semanas, ele trabalhou no estudo microscópico de cérebros infantis no Laboratório Patológico de Charcot, na Salpêtrière (...) Mas a presença poderosa de Charcot afastou-o do microscópio e impeli-o a uma direção para a qual, conforme alguns sinais visíveis, já vinha se encaminhando: a psicologia. (GAY, 2004, p.60).

Charcot era um conferencista brilhante, sempre claro, teatral, tratando com grande seriedade os problemas que se propunha a discutir, mas, algumas vezes, apelando para o humor em seus argumentos. Charcot era muito franco em suas conferências, apresentando seu raciocínio com riqueza de detalhes e sem tentar escamotear suas dúvidas e incertezas. Pelo contrário, suas hesitações eram habilmente utilizadas em suas argumentações “como conferencista e defensor, Freud, que explorava habilmente suas próprias incertezas, procederia da mesma forma” (GAY, 2004). Freud também se impressionara vivamente com as demonstrações clínicas de Charcot ao diagnosticar doenças mentais. Esse aspecto do trabalho de Charcot lembrava a Freud o mito de Adão, que havia nomeado todos os animais. “Freud, o insuperável nomenclador que se comportaria como o Adão da psicanálise, neste e em muitos outros aspectos foi discípulo de Charcot.” (GAY, 2004). Não obstante, a maior das ousadias de Charcot e que causara viva impressão no espírito do jovem Freud, sem dúvida era o uso de que fazia da hipnose. Charcot a tinha resgatado das mãos dos curandeiros e charlatões, e com seus modos teatrais, demonstrava a cura ou indução de paralisias histéricas através de seu uso.

Segundo a escola de Charcot, a hipnose era definida como “uma condição mórbida artificialmente produzida – uma neurose”, com inegáveis componentes somáticos.

Charcot também era defensor da idéia de que o estado hipnótico só poderia ser induzido em histéricos. Não obstante, havia na própria França, posicionamentos contrários ao de Charcot e seus seguidores, *por exemplo*, Hippolyte Bernheim advogava que a hipnose era uma mera questão de sugestão; *ergo*, qualquer um poderia ser eventualmente susceptível a ela (GAY, 2004). Freud, durante um certo tempo, inclinou-se a acreditar que a posição de Charcot acerca da hipnose era a mais acertada, mas em 1889, quando visitou Bernheim em Nancy para aprender mais sobre hipnose, considerou essa uma das experiências mais proveitosas de sua vida. Poder-se-ia dizer que o antigo ditado se aplicava a Freud: *amicus Plato, sed magis amica veritas*; bastaria trocar o nome Platão por Charcot.

Outros aspectos da postura de Charcot no que diz respeito à histeria assomam como influências de fundamental importância para os desenvolvimentos posteriores a que as pesquisas e elucubrações de Freud o levariam.

Charcot era muito mais que um ator. Ao mesmo tempo luminar da medicina e celebridade social, gozando de um prestígio sem par, ele havia diagnosticado a histeria como uma verdadeira enfermidade, ao invés do refúgio de doentes imaginários. E mais, havia reconhecido que a histeria – ao contrário de todas as idéias tradicionais – aflige tanto os homens quanto as mulheres. (GAY, 2004, p.61).

A hipnose não era uma novidade para Freud, no ano de 1885, ainda estudante de medicina, já havia se convencido de que o estado hipnótico era um fenômeno autêntico, apesar da crença generalizada em contrário. Todavia, deveria ser alentador ver sua convicção respaldada pelo “grande homem”, epíteto que com freqüência utilizava para designar Charcot. *Ex positis*, fica claro o papel de relevo desempenhado pela hipnose nas pesquisas de Freud. Os aspectos dinâmicos do inconsciente encontraram comprovação através dos fenômenos induzidos através da sugestão hipnótica, os fatores etiológicos das neuroses também haviam sido prospectados por Freud através da recordação de lembranças esquecidas provocada artificialmente com o uso da hipnose; mesmo a práxis clínica de Freud, como propriamente psicanalítica, surge quando ele se emancipa da hipnose e, como vimos acima no caso de *Frau Moser*, ele chega à técnica de associação livre. Não apenas isso, mas o *rapport* hipnótico, a capacidade do magnetismo do hipnotizador de estabelecer uma relação com seu paciente a fim de colocá-lo em transe, foi posteriormente identificado por Freud como o fenômeno da transferência (*Übertragung*), que viria a se tornar uma poderosa ferramenta terapêutica no arsenal psicanalítico. Freud pôde presenciar isso em primeira mão através das reações dos pacientes de Charcot, ocorridas durante e depois da hipnose.

Nas palavras de Pierre Janet, o aluno mais famoso de Charcot, eles desenvolviam uma “paixão magnética” pelo hipnotizador – um sentimento de amor, seja de caráter filial, maternal ou puramente erótico. Freud descobriu não muito tempo depois que essa paixão tinha seu lado inconveniente; num dia surpreendente em Viena, uma de suas primeiras pacientes, tendo se libertado das dores histéricas depois de uma sessão de hipnótica, lançou seus braços ao pescoço de quem a curara. Essa experiência embaraçosa, rememorou Freud, deu-lhe a pista para o “elemento místico” oculto na hipnose. Mais tarde, ele identificaria esse elemento como um exemplo de transferência e viria a empregá-lo como poderoso instrumento de técnica psicanalítica. (GAY, 2004, p.61).

Charcot fora para Freud, assim como Bürke antes dele, um modelo, uma importante figura paterna que reunia em si qualidades que seriam absorvidas por ele de diversas maneiras. Com o tempo, Charcot passou a devotar a ele uma atenção particular, e Freud passou a freqüentar seu círculo mais próximo no Salpêtrière, e a freqüentar eventos sociais em sua mansão. Tamanha foi a impressão deixada por Charcot em Freud, que um de seus filhos foi batizado com o nome de Jean Martin, assim como anos antes, havia batizado um de seus filhos de Ernst em homenagem a Brücke.

O que mais interessava a Freud era que seu modelo se dispunha claramente a levar a sério o comportamento bizarro de seus pacientes, aprestando-se também a alimentar estranhas hipóteses. Ao dar a mais cuidadosa e percuciente atenção a seu material humano, Charcot era um artista e, segundo ele mesmo, um *visuel* – “um homem que vê”. Confiando no que via, ele defendia a prática acima da teoria; uma observação que fez em dada ocasião imprimiu-se com ferro ardente na mente de Freud: *La théorie, c'est bon, mais ça n'empêche pás d'exister*. (GAY, 2004, p.62).

4.4 Histeria, Fantasia e Inconsciente

A teoria do trauma é relativizada devido à formulação por Freud do conceito de fantasia e o abandono da teoria da sedução. A teoria do trauma, é elaborada devido ao contato com os fenômenos aparentemente incongruentes da histeria, quando Freud e Breuer tomaram como literais os relatos de abusos sexuais sofridos por suas pacientes. Quando Freud percebe que esses relatos não podiam ser todos “verídicos” no sentido mais comum dado a palavra, surge a necessidade de reelaborar a etiologia e o tratamento propostos por ele. Paradoxalmente ele percebe que tais relatos são reais, no sentido de uma realidade psíquica e que surgiam na forma de fantasias.

O tratamento “psicanalítico” adotado por Freud, ainda tendo como horizonte a teoria do trauma, consistia em levar o paciente a rememorar todos os possíveis elos associativos relacionados ao mesmo e percorrer todas as cadeias de associações de uma cena traumática a outra, até que finalmente emergiria um conteúdo sexual, desse modo era possível abreagir os sintomas.

Com o caso Dora, Freud passa por um momento de revolução interna em sua obra e sua técnica. Com o surgimento do conceito de fantasia traz novas exigências clínicas. A noção de inconsciente torna-se necessária nesse ponto para unir em uma lógica teórica coerente suas várias formulações. Não fossem essas fantasias de origens inconscientes, poder-se-ia facilmente retornar à concepção da histeria associada a mulheres sonhadoras, ou más e sedutoras que gostavam de contar lorotas.

Do ponto de vista econômico a interferência da fantasia nas relações com a consciência se justifica devido à relação entre o conteúdo fantástico e o recalque primário.

(...) o representante pulsional se desenvolve de forma mais desimpedida e com maior riqueza quando, por meio do recalque é retirado da influência consciente. Ele então prolifera, por assim dizer, na escuridão e encontra formas de expressão extremas. Estas, ao serem traduzidas e apresentadas ao neurótico, não só terão que lhe parecer estranhas, mas também irão assustá-lo, ao lhe espelharem a imagem de uma força pulsional extraordinariamente perigosa. Essa força pulsional enganosa é o resultado tanto de um desdobramento desinibido da representação na fantasia quanto do acúmulo ocorrido quando a satisfação foi impedida. (FREUD, 2004, p.179).

5 O DISCURSO CIENTÍFICO EM FREUD

O último esforço da razão é reconhecer que existe
uma infinidade de coisas que a ultrapassam.
(BLAISE PASCAL).

5.1 A cientificidade em Freud

Meu conhecimento de eletroterapia provinha do manual de W. Erb [1882] (...) logo fui impelido a ver que essas instruções não eram de qualquer valia (...) o que eu tomara por um compêndio de observações exatas era meramente a construção de fantasia. Foi penosa a compreensão de que a obra do maior nome da neuropatologia alemã não tinha maior relação com a realidade do que um livro de sonhos ‘egípcio’ (...). (FREUD, 1976b, v.XX, p.27).

Início essa discussão com as palavras do próprio Freud quando, refletindo sobre sua vida e a jovem ciência que fundara, tece essas jocosas e nada elogiosas considerações sobre as técnicas terapêuticas empregadas em seus tempos de neurologista. Freud fez esses comentários antes que sua escuta da clínica das histéricas, sob a profunda influência de Charcot, mudasse para sempre a sua compreensão das neuroses e outras afecções. Talvez não seja mero acaso que a referência do pai da Psicanálise, quase em forma de chiste, sobre a psiquiatria de seu tempo faça uma analogia à arte egípcia de interpretar sonhos. Arte esta que Freud resgatou das areias do tempo e introduziu na seara científica. É justamente essa interpretação dos sonhos que serve de título a uma de suas mais destacadas obras *die Traumdeutung* e que se revelaria a “via régia de acesso ao inconsciente”. Freud considera a interpretação dos sonhos como a “pedra fundamental da obra psicanalítica” (Freud, 1974b, v.XIII, p.204) e sua mais importante contribuição à psicologia. Ao mesmo tempo, suas descobertas nesse campo, até então inaudito para o homem de ciência, levaram a um conflito com o saber estabelecido.

Trata-se de interpretação de *sonhos*, que causou o primeiro conflito da Psicanálise com a ciência oficial, o que passou a ser seu destino. (FREUD, 1974b, v.XIII, p.203).

Essa tensão entre as explicações médicas para os fenômenos abordados por Freud e a explicação propriamente psicanalítica norteará a busca da cientificidade formulada por ele. Desta feita, posso desde já mostrar as linhas mestras de minha pesquisa e iniciar debates que serão pormenorizados adiante. De que maneira o sonho adquire tal vulto para a obra psicanalítica, a ponto de levar a esse destino conflituoso Freud e o saber médico? Freud define

a sua criação nos seguintes termos “A Psicanálise é um procedimento médico que visa à cura de certas formas de doenças nervosas (as neuroses) através de uma técnica psicológica”. (FREUD, 1974b, v.XIII, p.199). Apesar dessa definição, em outro de seus escritos ele advoga em favor da prática da clínica da Psicanálise realizada por leigos (leia-se não médicos)⁶.

Freud acreditava que a psicanálise permitiu o tratamento eficaz e a compreensão de várias formas de distúrbios psíquicos, entre eles as convulsões histéricas e as paralisias, assim como os diversos sintomas de neuroses obsessivas. Quanto à psicose e outras formas mais graves de perturbação mental, Freud confessa a ineficácia de sua técnica, entretanto com a ressalva de que foi capaz de chegar a importantes *insights* sobre a origem e do mecanismo das neuroses e psicoses. (FREUD, 1974b, v.XIII). Ou seja, ele propõe pela primeira vez uma etiologia das neuroses e psicoses ao invés de simplesmente classificá-las de acordo com a fenomenologia de seus sintomas, e que conduz a uma técnica clínica eficaz para o tratamento das neuroses.

O fato de a Psicanálise ter nascido da prática clínica rendeu ao seu criador uma acusação que sempre o perseguiu e que Freud não cansou de refutar: a de que a Psicanálise aplica aos casos normais descobertas a que chegou a partir de material patológico. (FREUD, 1974b, v.XIII). A maneira como Freud formula e justifica suas descobertas, e como refuta a retrocitada crítica são de valor capital para essa dissertação, farei por isso uma digressão.

Freud sublinha a importância do estudo das parapraxias⁷ (*Fehlleistung*), assim como os sonhos, esses processos haviam sido negligenciados pela pesquisa psicológica por terem sido reduzidos a resultados de distúrbios orgânicos ou falhas do aparelho mental. Tais fenômenos, quando não foram completamente ignorados, foram relegados à patologia e se tentou encontrar explicações fisiológicas que sempre se mostravam insatisfatórias. As pesquisas e elaborações teóricas de Freud mudaram esse quadro.

A Psicanálise, pelo contrário, foi capaz de demonstrar que todos esses fenômenos podem ser explicados por meio de hipóteses de natureza puramente psicológica e encaixados na cadeia de fatos psíquicos que já conhecemos. Assim, se por um lado a Psicanálise restringiu a área submetida ao ponto de vista fisiológico, por outro trouxe uma grande parte da patologia para a esfera da psicologia. Nesse caso, os fenômenos normais oferecem as provas mais convincentes. (FREUD, 1974b, v.XIII, p.200).

⁶ Trata-se do texto A Questão da Análise Leiga, presente no Vol. V das obras completas.

⁷ Freud assim define as parapraxias: “(...) a ocorrência em pessoas sadias e normais de fatos como esquecimento de palavras e nomes que nos são normalmente familiares; esquecimento do que pretendíamos fazer; incursão em lapsos de linguagem e escrita; erros de leitura, colocação de coisas em lugares errados e incapacidade de encontrá-las; perda de objetos; enganos em assuntos que conhecemos muito bem e certos gestos e movimentos habituais.” (1974b, v.XIII, p.200).

A explicação psicanalítica das parapraxias é fundamental para a refutação de Freud da acusação de entender a psicologia normal enviesada pela psicologia dos estados patológicos. De fato as parapraxias são fenômenos que podem ser facilmente identificados em pessoas normais sendo, portanto “(...) o material mais conveniente para quem desejar convencer-se da fidedignidade das explicações psicanalíticas” (FREUD, 1974b, v.XIII, p.201). Até então esses fenômenos eram considerados como exemplos de distração e atribuídos à fadiga ou a efeitos colaterais de certas doenças leves. Todavia, a pesquisa psicanalítica chegou à conclusão de que esses fatos que eram tidos como causas funcionavam apenas como fatores facilitadores. (FREUD, 1974b, v.XIII).

As parapraxias são fenômenos psíquicos plenamente desenvolvidos e sempre possuem um significado e uma intenção. Servem a propósitos definidos que, devido à situação psicológica predominante, não podem ser expressos de nenhuma outra maneira. Essas situações, via de regra, envolvem um conflito psíquico que impede a intenção subjacente de encontrar expressão direta e a desvia ao longo de caminhos indiretos. (FREUD, 1974b, v.XIII, p.201).

Dessa forma, ficava demonstrado que os processos normais e aqueles chamados de patológicos seguiam as mesmas regras. O conflito surgia ao se recalcar uma intenção, que poderia doravante se manifestar como parapraxia para se evitar o desprazer “O ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer”. (FREUD, 1974b, v.XIII, p.171). Acontecendo por isso os mais variados fenômenos. Cito dois exemplos: recentemente, um prezado amigo meu pretendia candidatar-se a uma vaga de emprego, por isso preparou seu currículo, entretanto antes de ir entregá-lo passou em minha casa para me pedir ajuda com uma pesquisa, mas ao chegar, deu-se conta de que havia esquecido o currículo. Para sanar tal lapso ele imprimiu-o novamente em minha casa, mas ao sair, esqueceu-o outra vez, por fim desistiu de se candidatar ao emprego, que na realidade não desejava. Outras vezes a explicação analítica não é tão simples, devido ao processo psicológico denominado por Freud de deslocamento (*Verschiebung*). Alguém esquece o nome de uma pessoa, mas essa pessoa e seu nome não lhe causam desprazer, contudo a análise revela que esse nome despertou a lembrança de outrem, com nome semelhante ou idêntico e com quem há razões para se antagonizar. Tal conexão propicia o esquecimento do nome da pessoa inocente.

Essa percepção revela que mesmo nas pessoas normais e sadias existem motivos contraditórios que as levam com assustadora freqüência a agir contra si mesmas ou contra sua vontade consciente. Há aí uma volição do sujeito que ele próprio não admite, ou não pode admitir. O valor heurístico das parapraxias se deve a sua fácil solução em termos analíticos e sua assustadora freqüência. Não obstante esse valor não se compara ao da interpretação dos

sonhos. Para a Medicina de então, segundo Freud, os sonhos eram explicados como fenômenos puramente orgânicos.

A pesquisa médica explica os sonhos como sendo fenômenos puramente somáticos, sem sentido ou significação, e considera-os como a reação de um órgão mental, mergulhado em estado de sono, aos estímulos físicos que o mantêm parcialmente desperto. A Psicanálise eleva a condição dos sonhos a de atos psíquicos possuidores de sentido e intenção e com um lugar na vida mental do indivíduo, apesar de sua estranheza, incoerência e absurdo. Segundo esse ponto de vista, os estímulos somáticos simplesmente desempenham o papel de material que é elaborado no decurso da construção do sonho. Não existe um meio termo entre essa duas opiniões sobre os sonhos. O argumento usado contra a hipótese fisiológica é a sua esterilidade, e o que pode ser argumentado em favor da hipótese psicanalítica é o fato de ter traduzido e dado um sentido a milhares de sonhos, usando esse sentido para iluminar os pormenores mais íntimos da mente humana. (FREUD, 1974b, v.XIII, p.203).

Ex positis, percebe-se que a posição de Freud se encaminha para rumos inauditos se comparada à psiquiatria de sua época. Freud descarta a hipótese exclusivamente fisiológica, devido à sua esterilidade ela nada explica. Freud narra um fato curioso, antes de viajar a Paris para estudar sob a tutela de Charcot, ele havia desviado seu interesse de pesquisa da neurofisiologia para a anatomia cerebral e estava se tornando conhecido por seus diagnósticos precisos. Isto atraiu a atenção de médicos estrangeiros para as conferências que ministrava no hospital sobre seus diagnósticos, não obstante, o pai da psicanálise humildemente afirma que (por volta de 1882) “Sobre as neuroses eu nada compreendia.” (FREUD, 1976b, v.XX, p.23), e que suas prematuras atividades como professor, tiveram um fim abrupto quando apresentou à platéia de médicos um caso de neurose como sendo meningite crônica localizada. Essa diagnose equivocada não era privilégio exclusivo do jovem Freud.

À guisa de desculpas, posso acrescentar que isso aconteceu numa época em que maiores autoridades do que eu, em Viena, tinham o hábito de diagnosticar a neurastenia como tumor cerebral. (FREUD, 1976b, v.XX, p.23).

Com relação aos sonhos, percebe neles um sentido e significado, sua estranheza se deve ao mecanismo que denominou de elaboração onírica, pois o sonho de que nos recordamos seria apenas o conteúdo manifesto, que já passou por esse processo. Por trás do conteúdo manifesto jazem os pensamentos oníricos latentes. A elaboração deforma os pensamentos oníricos latentes tornando-os irreconhecíveis no conteúdo manifesto. A elaboração amplia o conhecimento psicológico e traz à luz os processos de condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*), descobre-se por isso a existência de uma

censura, algo que age independentemente da volição consciente, como um órgão de verificação que atua em nós com o intuito de evitar o desprazer, tornando o sonho o guardião do sono. Todo sonho seria uma realização de desejo em forma alucinatória “(...) o sonho é invariavelmente uma tentativa de livrar-se de uma perturbação do sono por meio de uma realização de desejo, de maneira que o sonho é um guardião do sono.” (FREUD, 1975, v.XIII, p.197).

Um estudo da elaboração onírica nos força, de uma maneira irresistível, a uma visão da vida mental que parece decidir os mais controversos problemas da psicologia. A elaboração onírica nos compele a pressupor a existência de uma atividade psíquica inconsciente que é mais abrangente e mais importante do que a familiar atividade ligada à consciência. (FREUD, 1974b, v.XIII, p.205).

As parapraxias não seriam mais apenas efeitos de segunda ordem causados pelo cansaço ou desatenção, nem tampouco os sonhos⁸ seriam fenômenos puramente somáticos, produções absurdas e desprovidas de sentido, como seria correto e científico afirmar até então.

Freud, desde os seus primeiros estudos de neuroses, evitou sistematicamente as especulações a respeito de possíveis explicações orgânicas para essas doenças e concentrou-se, na verdade, na interpretação psicológica de sintomas neuróticos. (LEVIN, 1980, p.11).

Freud relativiza a hipótese fisiológica, mas não a abandona de todo “Os fenômenos de que estamos tratando não pertencem somente à Psicologia; têm um lado orgânico e biológico também (...)” (FREUD, 1975, v.XIII, p.224), percebe seus limites com clareza e sua esterilidade heurística.

Se acreditamos que as neuroses não diferem, em qualquer aspecto essencial, do normal, o seu estudo promete render valiosas contribuições para o conhecimento do normal. (FREUD, 1975, v.XXIII, p.212).

O pai da Psicanálise chega, levado por todos esses fenômenos, ao sujeito dividido, à proposição do inconsciente (*Unbewusst*). Ao trazer o sonho ao campo da discussão científica Freud assume o destino de conflito com certas posições científicas estabelecidas, em nome da eficácia clínica e da possibilidade de compreender os fenômenos da alma. Bem antes de Freud já se falava de inconsciente. Leibniz introduzira essa noção em sua filosofia, Kant e

⁸ Freud afirma sobre o sonho em seu último escrito, significativamente batizado por ele de Esboço de psicanálise que: “Um sonho, então, é uma psicose, com todos os absurdos delírios e ilusões de uma psicose. Uma psicose de curta duração sem dúvida, inofensiva, até mesmo dotada de função útil, introduzida com o consentimento do indivíduo e concluída por um ato de sua vontade” (1975, v.XXIII, p.199), compreende-se que ao se propor os mecanismos da dinâmica onírica (censura, condensação e deslocamento), também se compreende os mecanismos da psicose, mesmo que não se possa efetivamente tratá-la.

Schelling expressaram opiniões sobre o inconsciente. Carus foi quem pela primeira vez a partir desse conceito elaborou um sistema, que foi sucedido por Eduard Von Hartmann com sua obra *Philosophie des Unbewussten*. Todavia a primeira teoria médico-psicológica a abordar o inconsciente (a Psicanálise de Freud), pouco ou nada tem a ver com esses antecedentes, visto que ela nasce de sua experiência real com o tratamento clínico das neuroses e não de uma filosofia especulativa. (JUNG, 1986).

O autor da análise dos sonhos aponta que a obra de Arthur Schopenhauer coincide em larga medida as suas próprias descobertas, até mesmo no que concerne ao mecanismo do recalque (*Verdrängt*) e a importância capital da sexualidade. Outro filósofo apontado por ele é Nietzsche, que em suas especulações filosóficas havia chegado a conclusões que reforçavam a Psicanálise em muitos pontos. Todavia ele confessava ser um homem pouco lido e ter deliberadamente evitado que seu trabalho e observações clínicas se contaminassem pela leitura desses autores. (FREUD 1976b, v.XX). O próprio Freud afirmava que evitava tomar ciência das discussões filosóficas e se atinha às suas observações clínicas e técnicas.

[...] sempre fiquei no mais íntimo contato com o material analítico e jamais deixei de trabalhar em pontos detalhados de importância clínica ou técnica. Mesmo quando me afastei da observação, evitei cuidadosamente qualquer contato com a filosofia propriamente dita. (FREUD 1976b, v.XX, p.75).

Percebemos até aqui que existem certos pontos de atrito entre o que Freud intitula de “ciência oficial” e a “jovem ciência”. Estes seriam a interpretação dos sonhos e das parapraxias, a proposição de um inconsciente e, como veremos mais tarde, a proposição da sexualidade infantil.

O criador da psicanálise se via atormentado por sua preocupação com a eficácia de sua clínica, por razões diversas, sejam éticas, teóricas e, mais pragmáticas, como seu próprio sustento e o de sua família.

Qualquer um que deseje ganhar para subsistência com o tratamento de pacientes nervosos deve ser claramente capaz de fazer algo para ajudá-los. Meu arsenal terapêutico continha apenas duas armas, a eletroterapia e o hipnotismo; receitar uma visita a um estabelecimento hidropático após uma única consulta era uma fonte insuficiente de renda. (FREUD, 1976b, v.XX, p.27).

Freud abandona em favor da eficácia de seu tratamento as técnicas mais corriqueiras de sua época: a hidroterapia, a eletroterapia, massagens e a cura pelo repouso, de Weir Mitchell. Para o mestre Vienense todas não passavam de ficções que, quando muito, conseguiam resultados parcamente satisfatórios a custo de sugestão. (FREUD, 1976b, v.XX).

Freud passou a se utilizar do hipnotismo como forma de tratamento para as neuroses, apesar dos professores de Psiquiatria por longo tempo “declararem que o hipnotismo era não somente fraudulento como perigoso, e de considerarem os hipnotizadores com desprezo.” (FREUD, 1976, v.XX, p.28). Todavia esse fora o método que o mestre vienense presenciara, não sem grande espanto e admiração, ser utilizado por Charcot. Com a sugestão hipnótica alcançou maior sucesso em seus tratamentos e também abandonou a terapêutica de transtornos orgânicos.

Isso implicou, naturalmente, em eu ter abandonado o tratamento de doenças nervosas orgânicas; mas isso foi de pequena importância, pois, por um lado, as perspectivas no tratamento de tais desordens em nenhum caso jamais eram promissoras, enquanto que, por outro lado, na clínica particular de um médico exercendo suas atividades numa grande cidade, a quantidade de tais pacientes era nada em comparação com as multidões de neuróticos, cujo número parecia ainda maior pelo modo como eles corriam, com seus males não solucionados, de um médico a outro. E, independente disso, havia algo de positivamente sedutor em trabalhar com o hipnotismo. Pela primeira vez havia um sentimento de haver superado o próprio desamparo, e era altamente lisonjeiro desfrutar da reputação de ser fazedor de milagres. (FREUD, 1976b, Vol.XX, p.28)

O uso da hipnose foi crucial para o surgimento do método catártico desenvolvido em conjunto por Breuer e Freud. Esse método já diferia significativamente dos usos mais corriqueiros da sugestão hipnótica utilizada por outros médicos e teve a importância capital de ter propiciado ao jovem Freud os *insights* clínicos fundamentais para o efetivo surgimento da Psicanálise. O método catártico, e a teoria a ele associada, a teoria do trauma, bem como a técnica de ab-reação (*Abreagieren*) dos sintomas, foi um passo decisivo de Freud em direção à criação da Psicanálise propriamente dita. Tanto o esforço do pai da Psicanálise em busca de eficácia clínica quanto seu conflito com a “ciência oficial”, nos levam à compreensão do surgimento do método catártico e das razões de seu abandono posterior por Freud.

Mesmo contente com os resultados promissores da hipnose, Freud não tardaria a reconhecer suas limitações. Nem todos os pacientes eram susceptíveis e, mesmo dentre os que eram hipnotizáveis, alguns não atingiam um estado profundo de transe (a fase de sonambulismo com amnésia) o que dificultava seu tratamento. Para se aperfeiçoar na técnica de sugestão hipnótica Freud, no verão de 1889, empreendeu uma viagem a Nancy para estudar com Liébeault. Este foi muito franco com seu colega vienense ao expor os limites de sua técnica. Ele também não conseguia hipnotizar todos os seus pacientes e seus grandes êxitos terapêuticos eram conseguidos apenas em sua clínica hospitalar e não com seus pacientes particulares. (FREUD, 1976b, v.XX).

Freud cedo alteraria o método de sugestão hipnótica devido às suas demandas clínicas, seu esforço para auxiliar seus pacientes a mitigar seus males, bem como sua curiosidade de pesquisador.

(...) bem desde o início fiz uso da hipnose de outra maneira, independentemente da sugestão hipnótica. Empreguei-a para fazer perguntas ao paciente sobre a origem de seus sintomas, que em seu estado de vigília ele podia descrever só muito imperfeitamente, ou de modo algum. Não somente esse método pareceu mais eficaz do que meras ordens ou proibições sugestivas, como também satisfazia a curiosidade do médico, que, afinal de contas, tinha o direito de aprender algo sobre a origem da manifestação que ele vinha lutando para eliminar pelo processo monótono da sugestão. (FREUD, 1976b, v.XX, p.31).

Freud admite ter chegado a esse método inovador do uso da hipnose devido a Josef Breuer.⁹ Antes mesmo da viagem de estudos de Freud a Paris Breuer havia contado a ele sobre um interessante caso de histeria que havia tratado entre 1880 e 1882. Esse caso havia lhe permitido penetrar profundamente na causação e significado dos sintomas histéricos devido à maneira peculiar com que o havia tratado.

Um dos motivos que fizeram de Anna O. uma paciente tão exemplar é que ela realizou sozinha grande parte do trabalho de imaginação. Considerando a importância que Freud aprenderia a atribuir ao dom de escutar do analista, é muito cabível que um paciente tenha contribuído para a formação da teoria psicanalítica quase tanto quanto seu terapeuta Breuer ou, nesse sentido, o teórico Freud. Breuer alegou, um quarto de século depois, e com razão, que seu tratamento de Bertha Pappenheim continha “a célula germinativa do conjunto da psicanálise”. Mas foi Anna O. quem fez descobertas importantes, e haveria de ser Freud, e não Breuer, quem as com afinco, até lhe renderem uma colheita rica e insuspeitada. (GAY, 2004, p.75).

O referido caso aparece descrito em detalhes nos Estudos sobre Histeria (FREUD, 1988, v.II), onde a paciente Bertha Pappenheim¹⁰ aparece sobre a alcunha de Anna O. Ela assim foi descrita por Breuer e Freud.

A própria paciente fora sempre saudável até então e não havia mostrado nenhum sinal de neurose durante seu período de crescimento. Era dotada de grande inteligência e aprendia as coisas com impressionante rapidez e intuição aguçada. Possuía um intelecto poderoso, que teria sido capaz de assimilar um sólido acervo mental e que dele necessitava - embora não o recebesse desde que saíra da escola. Anna tinha grandes dotes poéticos e imaginativos, que estavam sob o controle de um agudo e crítico bom senso. (FREUD, 1988, v.II, p.57).

⁹ Joseph Breuer era quatorze anos mais velho que Freud, e um dos médicos de família mais respeitados de Viena e que havia produzido trabalhos científicos sobre a respiração e o órgão do equilíbrio.

¹⁰ Bertha Pappenheim era amiga da então noiva de Freud Martha, que viria a ser sua esposa. (GAY, 2004).

Seus sintomas eram “[...] um quadro variado de paralisias com contraturas, inibições e estados de confusão mental.” (FREUD, 1976b, v.XX, p.32). Breuer, fortuitamente chega a um método inesperado para trazer algum alívio à sua paciente. Assim como os demais pacientes histéricos, a *Fräulein* Pappenheim não era capaz de discernir a origem de seus sintomas ou sua ligação com algum fato de sua vida, mas em estado de sonambulismo hipnótico ela conseguia se recordar com clareza dos eventos que haviam desencadeado os sintomas. Para a surpresa do Dr. Breuer, todos os sintomas remontavam a fatos comovedores que havia vivenciado ao permanecer junto ao leito de seu pai moribundo. Essa descoberta levou a suposição por parte de Freud que os sintomas tinham um significado e eram reminiscências daquelas situações emocionais. Isso se mostrou verdadeiro não apenas para a *Fräulein* Pappenheim, mas uma ocorrência presente em todos os casos de histeria.

O mecanismo descoberto por Freud e Breuer para a etiologia dos sintomas neuróticos poderia ser assim descrito: havia sempre na origem do sintoma algum pensamento ou impulso que havia sido suprimido, e como substituto do mesmo surgiu depois um sintoma. Surgia a teoria do trauma de Freud/Breuer. Anos depois Freud assim a descreveu:

Essa teoria foi de qualquer maneira despretensiosa e quase não ultrapassou a descrição direta das observações. Não procurou estabelecer a natureza da histeria mas apenas lançar luz sobre a origem de seus sintomas. Assim, dava ênfase à significação da vida das emoções e à importância de estabelecer distinção entre os atos mentais inconscientes e os conscientes (ou, antes, capazes de ser conscientes); introduziu um fator dinâmico, supondo que um sintoma surge através do represamento de um afeto, e um fator econômico, considerando aquele mesmo sintoma como o produto da transformação de uma quantidade de energia que de outra maneira teria sido empregada de alguma outra forma. (Esse segundo processo foi descrito como conversão.) Breuer referiu-se ao nosso método como catártico; explicou-se sua finalidade terapêutica como sendo a de proporcionar que a cota de afeto utilizada para manter o sintoma, que se desencaminhara e que, por assim dizer, se tinha tornado estrangulada ali, fosse dirigida para a trilha normal ao longo da qual pudesse obter descarga (ou ab-reação). (FREUD, 1976b, v.XX, p.34).

O método catártico, ou *talking cure* como *Fräulein* Pappenheim o havia apelidado, utilizava a princípio a hipnose, mas esta nem sempre surtia os efeitos desejados e Freud logo a substituiu pelo que chamou de “um estado de concentração”. Todavia, qual foi a importância da hipnose para a psicanálise? A hipnose permitiu a superação da amnésia na histeria, permitindo que os pacientes rememorassem a ligação entre seus sintomas e fatos de suas vidas, coisa impossível em estado de vigília. Este talvez tenha sido o primeiro indício da existência de uma vida mental inconsciente. Aquilo que as pacientes podiam manifestar em

vigília não correspondia à totalidade de sua vida anímica, havia mais, algo de subterrâneo e de difícil acesso, que através da hipnose começou a ser desvelado.

O abandono da hipnose representou para Freud um novo passo na difícil senda em que se embrenhara. Ao deixar de lado os meros comandos e sugestões hipnóticas, ele deparou com a resistência, a relutância dos pacientes em se curarem. Este foi mais um passo decisivo em direção a gênese da Psicanálise, e que ampliou sua compreensão dos processos mentais. Cada vez mais Freud deixava de lado a sugestão hipnótica e passou a utilizar a associação livre por parte dos pacientes, com a finalidade de esclarecer aqueles elos obscuros na cadeia dos sintomas. Foi essa nova ferramenta terapêutica que lhe permitiu chegar a sua mais importante descoberta técnica: a análise dos sonhos. Ora, com a análise dos sonhos Freud começa a obter um vislumbre do que veio a ser chamado de processo primário, e da dinâmica entre este processo primário e nossos pensamentos e ações conscientes. Dessa maneira surgia uma nova ferramenta técnica a interpretação (*Deutung*).

A psicanálise, como Freud a desenvolveu em meados dos anos 1890, foi uma emancipação da hipnose. Mas uma série de artigos e resenhas do início dos anos 1890 revela raízes em experiências hipnóticas, e de fato a hipnose continuou por alguns anos no repertório de Freud. (GAY, 2004, p.63).

A partir da análise dos sonhos, Freud lança as pedras fundamentais do edifício psicanalítico: o complexo de Édipo e a sexualidade infantil. O trabalho com as histéricas lhe revelou também outra das peculiaridades da clínica, e que depois se tornou peça chave de seu arsenal terapêutico, a transferência (*Übertragung*), que Breuer sofreu em primeira mão. Como mostrei anteriormente, durante muito tempo se buscou debalde uma etiologia anatômica para a histeria, baseada talvez na crença antiqüíssima do deslocamento do útero, presente desde o antigo Egito e reafirmada na velha Hélade por Hipócrates, que acreditava que essa mobilidade seria desencadeada pela ausência prolongada de intercurso sexual, similar à tese posterior de Platão (QUINET, 2005) (vê-se que Freud, definitivamente, não foi o primeiro a associar a etiologia da histeria à sexualidade¹¹). Quando essa busca anatômica mostrou-se completamente infrutífera, passaram-se as hipóteses fisiológicas, igualmente estéreis. Ora, numa mentalidade extremamente materialista, em que tudo estava na dependência do substrato físico-químico, se não se encontrava nenhuma alteração aí, nada mais natural do que assumir que a histeria não passava de um *piti*, uma farsa elaborada e encenada por mulheres más e dominadoras. Havia aí outro pressuposto tácito fundamental, um rebento do

¹¹ Sobre isso o próprio Freud nos fala: “Também não estava cômico de que ao derivar a histeria da sexualidade eu estava voltado aos próprios inícios da medicina e acompanhando um pensamento de Platão. Só depois é que vim a saber disso por um ensaio de Havelock Ellis.” (FREUD, 1976b, v.XX, p.36)

iluminismo: a crença de um sujeito transparente a si mesmo e completamente auto-determinado. A matemática desse pressuposto é simples: alma é igual à consciência.

Com a escuta clínica atenta, e o uso da hipnose, Freud, em certa medida, consegue ultrapassar esse horizonte intelectual e postula a existência de uma vida mental inconsciente. Esse foi talvez o passo decisivo, primeiro para levar a sério os terríveis sintomas e o sofrimento daqueles pacientes, e principalmente para levar a sério o dado psicológico, tomar a vida mental e as fantasias dos pacientes com seriedade, conferindo-lhes a dignidade de fenômenos genuínos e lhes garantindo um lugar privilegiado em sua jovem ciência. Dessa forma é possível perceber que Freud rompe com esses postulados. Com o postulado filosófico da autodeterminação do sujeito ele rompe de maneira radical e inequívoca, todavia no que diz respeito ao materialismo de seu tempo o pensamento de Freud se revela sinuoso, essa é uma passagem incompleta, pois ele não rompe radicalmente com o discurso fiscalista, mas, mesmo assim, abre espaço para a alma e para suas manifestações.

Freud atina para a etiologia das neuroses com o advento de sua teoria da sexualidade infantil.

Aprendi então por experiência própria, a qual aumentava rapidamente, que não era qualquer espécie de excitação emocional que estava em ação por trás dos fenômenos da neurose, mas habitualmente uma excitação de natureza sexual, quer fosse um conflito sexual comum, quer o efeito de experiências sexuais anteriores. (FREUD, 1976b, v.XX, p.36).

O acento freudiano na sexualidade revela o quão sinuoso seu pensamento pôde ser, pois o dado psicológico estaria na íntima dependência de um dado somático (biológico), a sexualidade.

O aspecto médico do assunto era, além disso, apoiado pelo fato de que a sexualidade não era algo puramente mental. Possuía também uma faceta somática sendo também possível atribuir-lhe processos químicos especiais, e atribuir à excitação sexual a presença de algumas substâncias específicas, embora desconhecidas no momento. (FREUD, 1976b, v.XX, p.38)

Freud parte de dados biológicos em sua pesquisa médica, chega ao aspecto anímico do problema da neurose e retorna com a sexualidade ao dado biológico. Mesmo que nesse retorno seu acento continue sendo psicológico, devido à incapacidade da ciência de pormenorizar tais aspectos fisiológicos e por razões de natureza clínica. Como já expus anteriormente, a hipótese exclusivamente orgânica se revelava estéril na lida prática com as neuroses.

5.2 Hipnose, sonhos, sintomas e atos falhos

O primeiro passo é a partir das primeiras formulações de Freud sobre o tema perceber elementos importantes em seu percurso para se chegar ao Inconsciente. Em texto de 1912 (*Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse*), ele procura assim delimitar esse conceito, a princípio se contrapondo à noção filosófica de que “‘consciente’ e ‘psíquico’ sejam idênticos” (FREUD, 2004, p.83).

(...) designemos como “consciente” apenas a representação que está sendo percebida e que está presente em nossa consciência. Portanto, estaremos atribuindo ao termo “consciente” unicamente esse sentido. Em contrapartida, todas as representações latentes que tenhamos motivos para supor existam na dimensão psíquica – como era o caso da memória – serão denominados “inconscientes”. (FREUD, 2004, p.83).

Assim sendo, para Freud “Uma representação inconsciente é, portanto, aquela que não percebemos, mas cuja existência admitimos com base em indícios e evidências” (2004, p.84). Há aqui uma importante indicação metodológica acerca da necessidade prática de se postular a existência de uma instância psíquica que exista para além da esfera consciente. Justamente esses dados indiretos que não podem ser facilmente reduzidos a causas fisiológicas nem tão pouco serem atribuídos à consciência, que não os cria, mas sofre seus efeitos. Na realidade não se sabe de onde surgem tais efeitos, essas “evidências indiretas”, que afetam a consciência (lapsos e atos falhos, sintomas, sonhos, etc), apenas que não provém da consciência, daí postula-se uma esfera psíquica inconsciente, hipoteticamente deduzida das evidências indiretas.

Todavia, essa é uma concepção meramente descritiva do inconsciente, ou meramente classificatória. (FREUD, 2004). Mas para Freud o inconsciente possui caráter dinâmico. Aqui se chega a um ponto capital para se entender o percurso de Freud até a formulação desse conceito, a importância de sua experiência com a hipnose.

Devido aos experimentos com hipnose é possível perceber o caráter dinâmico do inconsciente e realizar uma distinção conceitual de grande alcance prático entre idéias inconscientes e idéias ou pensamentos latentes. Assim, de maneira artificial através da hipnose, o médico ordena ao paciente que realize alguma tarefa certo tempo depois. Tanto a memória do que ocorreu durante a hipnose quanto a sugestão não são acessíveis à consciência, entretanto, quando é chegado o momento essa ordem se impõe à consciência e

leva o indivíduo a agir como fora ordenado. Não obstante, executa a ação sem saber por que o faz. A sugestão tornou-se objeto da consciência em determinado momento e ao mesmo tempo se tornou ativa, mas aquilo que realmente impulsionou a ação permanece obscuro.

Porém enquanto a consequência dessa ordem – ou seja, a representação da ação a ser executada – se revelou à consciência, a representação da ordem recebida não surge na consciência; permaneceu inconsciente e, portanto, permaneceu ao mesmo tempo *ativa e inconsciente*. (FREUD, 2004, p.84).

O que se pode perceber com alarmante clareza através dos produtos artificiais do hipnotismo, também é genuíno para os fatos encontrados nas dramáticas manifestações das histéricas. Representações inconscientes atuam com força coercitiva sobre a mente das histéricas ocasionando os sintomas, sem que seja perceptível à consciência a origem da variada sintomatologia apresentada pelas que padecem desse mal.

O mundo interno do paciente histérico está recheado de representações psíquicas ativas, mas inconscientes; todos os seus sintomas originam-se delas. Uma das características mais marcantes da mentes das histéricas é o fato de ser dominada por representações inconscientes. (FREUD, 2004, p.84).

Assim, a análise do fenômeno da sugestão hipnótica e dos fenômenos neuróticos leva a importante distinção já mencionada. Um pensamento latente ou inconsciente não é necessariamente fraco. Assim há uma diferença entre as idéias latentes e inconscientes. Pois acreditava-se que uma idéia era latente por estar fraca e que só podia se tornar consciente a medida que ganhava força. Todavia, *Ex expositis*, existem idéias latentes que por mais fortes que sejam não chegam à consciência. Assim, as idéias latentes fracas são chamadas de *pré-conscientes* (*Vorbewusst*), são chamadas inconsciente aquelas idéias e representações estudadas na neurose e na sugestão hipnótica.

O termo *inconsciente*, que havíamos utilizado somente em sentido descritivo, adquire agora um sentido mais amplo. Ele denomina não só idéias latentes em geral, mas sobretudo aquelas com determinado caráter dinâmico, ou seja, aquelas que, apesar de sua intensidade e atividade, se mantêm distantes da consciência. (FREUD, 2004, p.85).

Percebe-se aqui já uma clivagem que será extremamente importante para os objetivos desse texto, especialmente quando forem aludidas as idéias de Janet e Charcot. A diferenciação entre *pré-consciente* (*Vorbewusst*) e *inconsciente* (*Unbewusst*) fica clara porque o primeiro tem seu acesso à consciência facultado com mais facilidade que o segundo. A atividade inconsciente propriamente dita enfrenta uma resistência para chegar à consciência, pois seus conteúdos são incompatíveis, essas idéias e atividades são repelidas da consciência

por essas forças de resistência. Vencidas essa resistência as idéias inconscientes podem chegar à consciência. A distinção entre ambas não é primária, mas só se estabelece depois que aparece a repulsa (*Abwehr*). Para se chegar a tal formulação, foi preciso para Freud o conhecimento advindo da hipnose e da clínica com as histéricas. Em ambos os casos pode-se perceber a influência de Charcot, mesmo quando Freud começa a trilhar sua própria senda, sem pisar sobre as pegadas de ninguém. É notável também, que a etiologia dos fenômenos neuróticos (quando levados a sério) necessita da hipótese do inconsciente.

A hipótese de um inconsciente psíquico se deparou com inúmeras resistências, interessando nesse momento principalmente a objeção de que Freud aplica “(...) a psicologia das pessoas normais conclusões tiradas a partir do estudo dos estados patológicos” (FREUD, 2004, p.86), a primeira resposta a essa oposição já expusemos no tópico precedente,

[...] de modo análogo ao que ocorre com os sintomas neuróticos, também em indivíduos saudáveis encontramos com freqüência determinados distúrbios funcionais [...] como se pode facilmente demonstrar, esses distúrbios são dependentes da ação de idéias inconscientes fortes. (FREUD, 2004, p.86).

Ou seja, esses distúrbios apontados por Freud (*lapsus linguae*, erros de memória e fala, etc) ocorrem em pessoas perfeitamente saudáveis e podem ser explicados pela mesma lógica da dinâmica inconsciente encontrada por Freud nos distúrbios patológicos, *ergo*, não se podem estabelecer fronteiras rígidas entre o normal e o patológico como fundamentalmente distintos ou de naturezas diversas, em todos os fenômenos pode-se sentir de maneira indireta e algumas vezes insidiosa os efeitos do inconsciente.

Freud possui ainda mais uma réplica e essa objeção (que sempre o acompanhou) e devo me deter um pouco nela. Freud aponta à possibilidade de compreender a atividade onírica por essas mesmas hipóteses como mais um dado fundamental para refutar a crítica de que de maneira ilícita aplica suas descobertas advindas da esfera da patologia e as quer universais, pois o sonho é um fenômeno que ocorre a todos (sejam sadios ou doentes) e que só encontra explicação plausível para sua complexa fenomênica com a hipótese de um inconsciente psíquico.

O estudo da interpretação dos sonhos leva Freud à conclusão de que: “[...] as leis da atividade psíquica inconsciente diferem em muito daquelas da atividade consciente” (FREUD, 2004, p.88). Isso leva a mais uma consideração sobre o inconsciente.

À falta de uma expressão melhor e menos ambígua, daremos o nome de “o inconsciente” ao sistema que se revela por meio de um signo indicativo da

inconsciência de cada um dos processos psíquicos que o compõem.
(FREUD, 2004, p89)

4.3 Gênese do conceito de inconsciente.

Antes do advento da psicanálise propriamente dita, a parceria entre Freud e Breuer resultou na publicação dos “Estudos sobre histeria” entre os anos de 1893 e 1895. Justamente nestes escritos Freud, conjuntamente com Breuer, faz uma primeira tentativa de por ordem no aparente caos dos sintomas histéricos, elaborando sua etiologia desses fenômenos através da, assim chamada, teoria do trauma. Falarei de alguns aspectos dessa teoria, bem como da posição assumida principalmente por Breuer em relação à Janet, e da posição adotada por Freud, bem como dos desdobramentos dessas pesquisas que levaram ao surgimento da psicanálise, e conseqüentemente ao inconsciente, e do fim da relação de amizade entre os dois autores. Apresentando também as objeções de Breuer aos desenvolvimentos posteriores sugeridos por Freud, algo extremamente significativo para os objetivos desse trabalho. Apresentarei, igualmente, o quadro mais amplo das correntes psiquiátricas desse período, tendo como foco principal Charcot, para que se possa delimitar o contraste entre a perspectiva propriamente Freudiana, ou psicanalítica (nos primórdios da psicanálise é mais do que justo admitir essas expressões como equivalentes).

Breuer inicia sua discussão teórica acerca da teoria do trauma elaborada em parceria com Freud, justamente com uma delimitação daquilo que se tornaria posteriormente uma característica marcante da psicanálise, a delimitação de um campo de pesquisa e atuação propriamente psicológico, sem com isso recair em algum psicologismo, pois Breuer mantinha a antinomia entre espírito (*Geist*) e a vida biológica, como sendo necessária para fazer jus ao fenômeno da histeria, todavia sublinhava que o campo próprio para um debate psicológico deveria ter um acento nos aspectos propriamente anímicos.

No que se segue, far-se-á pouca menção ao cérebro e nenhuma absolutamente às moléculas. Os processos psíquicos serão abordados na linguagem da psicologia; e, a rigor, não poderia ser de outra forma.
(FREUD, v.II, 1988, p.195).

Um olhar atento à escrita de Breuer também percebe o mesmo rigor empírico que será, na formulação inicial de Freud, uma marca muito forte. Breuer se atém profundamente à forma como os fenômenos se apresentam. E apesar de procurar demarcar um campo

propriamente psicológico, apresenta convincentes argumentos para discordar das teses de Moebius, quanto a se considerar como fenômenos histéricos apenas aqueles que fossem ideogênicos, por duas razões principais: isso não faria jus à fenomenologia da histeria e com isso a antinomia preservada por ele entre a vida da alma e a vida do corpo se perderia, ficando a alma hipostasiada. Assim Breuer procura definir a histeria.

Considero que a histeria é um quadro clínico empiricamente descoberto e baseado na observação, da mesma maneira que a tuberculose pulmonar. Esses quadros clínicos empiricamente obtidos ganham mais precisão, profundidade e clareza com o progresso de nossos conhecimentos, mas não devem nem podem ser desmontados por eles. (FREUD, v.II, 1988, p.196).

Breuer insiste em sua preocupação empírica ao discordar de Moebius, ao agir dessa forma ele se posiciona como clínico, numa postura que Freud manterá em suas pesquisas apesar do rompimento posterior que se deu entre eles.

(...) a histeria deve continuar a ser uma unidade clínica, mesmo se ficar demonstrado que suas manifestações são determinadas por várias causas e que algumas delas são acarretadas por um mecanismo psíquico e outras, não. (FREUD, v.II, 1988, p.196).

A posição equilibrada assumida por Breuer entre os aspectos somáticos e anímicos, principalmente em sua crítica a Moebius e seu acento psicológico, parece-me significativa para compreender posturas teóricas posteriores em Freud, possivelmente ainda como ecos da influência exercida nela pela amizade de Breuer. Ele prossegue reiterando sua crítica com mais argumentos convincentes. De maneira quase chistosa, usa como exemplo o fenômeno da ereção, pois com freqüência pensamentos e idéias provocam ereções, mas seria equívoco considerá-los como causas exclusivas, existindo, obviamente, também causas fisiológicas para o referido fenômeno.

De conformidade com nossa experiência de um grande número de processos fisiológicos, tais como a secreção de saliva ou de lágrimas, as modificações no trabalho do coração, etc., é possível e plausível presumir que o mesmíssimo processo pode ser igualmente acionado por idéias e por estímulos periféricos e outros estímulos não-psíquicos. O contrário teria de ser provado e estamos muito longe disso. Com efeito parece certo que muitos fenômenos descritos como histéricos não são provocados apenas por idéias. (FREUD, v.II, 1988, p.197).

A preservação da unidade clínica da histeria era imprescindível, do contrário seria infrutífera a pesquisa posterior. Deveria existir, nas histéricas, além do aspecto puramente psicológico, algum tipo condição anormal dos aparelhos relativos associada a uma idéia nítida. Apenas dessa maneira se originaria a variada fenomênica da histeria.

Endosso a opinião de que as “representações”, imagens mnêmicas puras e simples, sem qualquer excitação do aparelho perceptivo, jamais, nem mesmo no ápice de sua nitidez e intensidade, atingem o caráter de existência objetiva, que é a marca das alucinações. (FREUD, v.II, 1988, p.198).

Isso se confirmava para Breuer com a constatação do fato de que os mesmos fenômenos causados por idéias, também podiam ser ocasionados por estímulos periféricos. É necessária a tensão constante entre os dois pólos: somático e psíquico, para o correto entendimento da histeria com finalidades práticas (clínicas). Já nesse texto, onde ainda não se pode, a rigor, afirmar tratar-se de um texto psicanalítico há uma idéia que ganhará vulto posterior. Ao prosseguir com seu argumento, Breuer afirma.

As irradiações que ocorrem também em pessoas não-neuróticas são mais intensificadas e formam-se irradiações de um tipo que, na verdade, só encontramos em pacientes neuróticos, mas que se baseiam no mesmo mecanismo que as outras. (FREUD, v.II, 1988, p.199).

Segue uma longa citação, necessária para se compreender a importância da refutação da compreensão postulada por Moebius, principalmente da sua noção de “ideogênico”, em contraponto a “psicogênico”.

Se existe, portanto, um grande número de fenômenos histéricos característicos que não podemos supor que sejam ideogênicos, pareceria acertado limitar a aplicação da tese de Moebius. Não definiremos como histéricos os fenômenos patológicos que são causados por representações, mas apenas asseveraremos que um grande número de fenômenos histéricos, provavelmente mais do que suspeitamos hoje em dia, são ideogênicos. Mas a alteração patológica fundamental que se acha presente em cada caso e que permite às representações, bem como aos estímulos não-psicológicos, produzirem efeitos patológicos, reside numa excitabilidade anormal do sistema nervoso. Até que ponto essa excitabilidade é de origem psíquica é uma outra questão.

Contudo, mesmo que apenas alguns dos fenômenos da histeria sejam ideogênicos, na verdade são eles que podem ser considerados especificamente histéricos, e é a investigação deles, a descoberta de sua origem psíquica, que constitui o avanço recente mais importante na teoria desse distúrbio. Surge então uma outra pergunta: como se dão esses fenômenos? Qual é seu “mecanismo psíquico”? (FREUD, v.II, 1988, p.200).

O intuito da comunicação preliminar escrita a quatro mãos era justamente esse, indicar os achados que apontavam para uma possibilidade de explicação dos mecanismos psíquicos envolvidos nos processos histéricos. A preocupação com esses aspectos é patente, mesmo assim, Breuer postula a existência de irradiações anormais presente nas histéricas. Convém salientar neste ponto, que ambos, Freud e Breuer, estavam cientes das hipóteses de

Janet acerca do fenômeno da divisão da psique postulada pelo psiquiatra francês. Esse pormenor gerou muitas controvérsias como discutirei adiante.

O primeiro caso de histeria que Freud afirma ter utilizado o método desenvolvido por Breuer foi o de Emmy von N. (*Frau Fanny Moser*). A ortopedia psíquica utilizada por Freud nesse caso ainda era muito diversa do que viria a se tornar o método psicanalítico posteriormente. Em alguns momentos chega mesmo a soar grotesco o procedimento empregado de “apagar” as memórias entendidas como traumáticas de sua paciente, ele mesmo reconhece certos exageros em suas anotações, quando a paciente se queixou em estado vígil de não se recordar mais de momentos extremamente importantes de sua vida.

Nessa ocasião, meu vigor parece ter ido longe demais. Quando, já se passado dezoito meses, revi a Sra. Emmy num estado de saúde relativamente bom, ela se queixou de que havia um grande número de momentos importantíssimos de sua vida dos quais tinha apenas a mais vaga lembrança. (FREUD, v.II, 1988, p.90).

O próprio termo psicanálise só seria utilizado por Freud bem depois, a princípio ele utilizava termos como “análise”, “análise psíquica” ou “análise psicológica”. Somente num artigo sobre a etiologia das neuroses de defesa, escrito em francês é que introduziu o termo psicanálise (FREUD, 1988, v.II). Não obstante, esse caso inicial é valioso para perceber o percurso de Freud em direção à formulação da hipótese de um inconsciente psíquico, em seu confronto empírico com as exigências e descobertas da clínica.

Como aludido anteriormente, Freud se utilizou da hipnose de uma maneira inusitada nesse caso, ao invés de simplesmente suprimir o aparecimento dos sintomas com as sugestões hipnóticas, ele utilizou a técnica do hipnotismo para prospectar a memória dos pacientes, e ao vencer o esquecimento e as defesas destes, descobrir a relação existente entre os sintomas e a história do paciente. Ainda ligado a assim chamada “teoria do trauma”, Freud eliminava os sintomas através da sistemática supressão das memórias dolorosas. Todavia, seus achados clínicos permitem que se veja, com olhar atento, como ele já se encaminhava paulatinamente para as suas formulações posteriores.

Frau Moser se utilizava com freqüência de uma exclamação carregada de angústia, que entrecortava seu discurso coerente “Fique quieto! – Não diga nada! – Não me toque!”. Freud supôs que houvesse em ação uma alucinação apavorante e que a fórmula utilizada servia para manter afastado o material intromissivo. Desta ocorrência Freud constata um importante dado.

Essas interpolações chegavam ao fim tão de súbito quanto começavam, e a paciente retomava seu relato anterior, sem dar continuidade à sua excitação momentânea e sem explicar ou pedir desculpas por seu comportamento – provavelmente, portanto, sem que ela própria notasse a interpolação. (FREUD, v.II, 1988, p.80).

Frau Moser também possuía uma grande facilidade para ser influenciada pelo hipnotismo, o que certamente facilitou o trabalho clínico de Freud, bem como, seu trabalho como pesquisador. Esse ponto é digno de nota.

Ela é uma excelente paciente para o hipnotismo. Bastou levantar um dedo diante dela e ordenar-lhe que dormisse para que se reclinasse com uma expressão atordoada e confusa. (FREUD, v.II, 1988, p.81).

Dado o papel de destaque que suponho que o hipnotismo¹² tenha tido para a formulação da teoria do inconsciente, esse é um dado relevante. Talvez esse caso não tivesse entrado para os anais da psicanálise não fosse por essa susceptibilidade de *Frau Moser* ao transe hipnótico, e certamente sem isso, não haveria nesses primórdios das pesquisas de Freud – antes da interpretação dos sonhos – outra possibilidade de prospectar as representações inconscientes.

Freud destaca em nota de rodapé a reação da paciente em seu estado de vigília ao tratamento realizado através do método catártico com a utilização de hipnose. Novamente Freud aponta para uma dissociação presente na paciente, em seu estado vígil jamais se interessara por detalhes do seu tratamento sob o efeito da sugestão hipnótica e parecia mesmo ignorar tudo a seu respeito.

Toda vez que despertava da hipnose, ela olhava ao redor por um momento, de maneira confusa, fixava os olhos em mim, parecia ter recuperado os sentidos, punha os óculos, que costumava tirar antes de dormir, e então ficava bem animada e senhora de si. Embora, no curso do tratamento (...) discutíssemos todo tipo de assuntos, e embora eu a fizesse dormir duas vezes quase todos os dias, ela nunca me fez nenhum comentário sobre a hipnose, nem nunca formulou uma única pergunta a respeito da mesma; e em seu estado de vigília, tanto quanto possível, parecia ignorar o fato de estar sendo submetida a tratamento hipnótico. (FREUD, v.II, 1988, p.81-82).

A paciente, *Frau Moser*, podia se recordar através da hipnose de vívidos momentos traumáticos de sua vida, e nesse estágio de desenvolvimento dos conhecimentos de Freud a terapia consistia em “eliminar esses quadros de modo que não pudesse mais vê-los diante de si.” (FREUD, v.II, 1988). Freud sempre a questionava sobre seu passado e eventos

¹² O editor inglês de Freud, no início do v.II das obras completas, relata que: “Mais ou menos na mesma época, de fato, seu interesse pela sugestão hipnótica era acentuado o bastante para levá-lo a traduzir um dos livros de Bernheim em 1888 e outro em 1892, bem como a fazer uma visita de algumas semanas às clínicas de Liébeault e Bernheim em Nancy, no verão de 1889.”

relacionados aos seus sintomas atuais, particularmente sobre seus medos. Em dado momento, Freud percebeu algo no mínimo curioso. Enquanto em estado vígil ela de nada se recordava do tratamento hipnótico, quando em transe, sabia tudo acerca do tratamento a que estava sendo submetida.

Durante essa hipnose convenci-me de que ela sabia de tudo o que acontecera na última hipnose, enquanto na vida de vigília não tem nenhum conhecimento disso. (FREUD, v.II, 1984, p.85).

Aqui já se encontra um achado empírico de extrema importância para a elaboração posterior de sua teorização sobre o inconsciente. Achados clínicos dessa ordem colocavam em xeque a concepção tradicional da filosofia das luzes de um sujeito auto-determinado e transparente a si mesmo. Concepção essa que era pressuposto tácito da forma de pensar mais usual acerca da histeria como mostrado anteriormente. Todavia, a empiria apresentada pelos fenômenos com os quais Freud se defrontava apontava para uma realidade diversa, com a qual ele tinha de se haver no decorrer de seu trabalho com seus pacientes do método catártico.

Freud também aponta em nota que é provável que o método de associação livre tenha se originado do tratamento de *Frau Moser*, particularmente das massagens que lhe aplicava e que a levavam a falar de maneira espontânea, mesmo livre da influência da hipnose. O que ressalta ainda mais a importância desse caso para aquilo que viria a ser a teoria de Freud sobre as neuroses e suas formulações sobre o inconsciente. O próprio Freud assim pensava, ou pelo menos assim parece indicar a singela nota.

Todas as vezes, portanto, mesmo enquanto a massagem, minha influência já começa a afetá-la; a paciente fica mais tranqüila e mais lúcida, e mesmo sem que haja perguntas sob hipnose consegue descobrir a causa de seu mau humor daquele dia. Tampouco sua conversa durante a massagem é tão sem objetivo como poderia parecer. Pelo contrário, encerra uma reprodução razoavelmente completa das lembranças e das novas impressões que a afetaram desde nossa última conversa e, muitas vezes, de maneira bem inesperada, progride até as reminiscências patogênicas, que ela vai desabafando sem ser solicitada. É como se tivesse adotado meu método e se valesse de nossa conversa, aparentemente sem constrangimento e guiada pelo acaso, como um complemento de sua hipnose. (FREUD, v.II, 1988, p.85-86).

Os sintomas da paciente, associados aos fenômenos presenciados durante o transe hipnótico, bem como seu genuíno desconhecimento desses aspectos de seu comportamento levam Freud a seguinte conclusão.

Assim, seu comportamento na vida de vigília é dirigido pelas experiências que teve durante o sonambulismo, embora acredite, enquanto está acordada, nada saber a respeito delas. (FREUD, v.II, 1988, p. 86).

Não é demasiado ressaltar a importância dos casos apresentados por Freud nos Estudos sobre Histeria. Aqui, com o uso peculiar da hipnose começado com Breuer, e os rudimentos de técnica analítica que começavam a desabrochar em meio à labuta clínica, e, com o avanço na compreensão de Freud, o gradual abandono da hipnose e da teoria de sedução, encontra-se uma das raízes profundas da técnica e teoria psicanalítica.

Ouvir, para Freud, tornou-se mais do que uma arte; tornou-se um método, uma via privilegiada para o conhecimento, à qual os pacientes lhe davam acesso. Um dos guias a quem Freud sempre foi grato era Emmy von N., na verdade baronesa Fanny Moser, uma rica viúva de meia-idade que Freud atendeu em 1889 e 1890 e tratou com a técnica hipno-analítica de Breuer. (...) Ao longo do tratamento ela apresentou lembranças traumáticas altamente interessantes para Freud – uma prima sendo levada para um manicômio, sua mãe no chão depois de um acesso. Mas, ainda melhor, ela proporcionou uma veemente lição prática ao seu médico. Quando Freud a interrogava com insistência ela se aborrecia, “muito rispidamente”, e pedia que ele parasse de “lhe perguntar de onde veio isso ou aquilo, mas que a deixasse me contar o que ela tinha a dizer”. Ele já havia reconhecido que, por mais tediosas e repetitivas que fossem suas narrativas, ele nada ganhava com suas interrupções, mas que tinha que ouvir as histórias dela até o fim, com todos os seus minuciosos detalhes. Emmy von N., como ele disse à sua filha em 1918, também lhe ensinou algo mais: “O tratamento pela hipnose é um procedimento inútil e sem sentido”. Foi um momento decisivo; levou-a “a criar a terapia psicanalítica, mais sensata”. Se algum dia existiu um médico capaz de converter seus erros em fonte de discernimento, foi Freud. (GAY, 2004, p.81).

Há uma parábola budista em que um monge ao precisar atravessar um caudaloso rio, cuja travessia a nado seria muito arriscada, calhou de encontrar abandonado, às margens, um bote. Graças a isso pôde atravessar sem grandes riscos. Convencido da grande utilidade do bote, ele o colocou as costas e penosamente o arrastou à custa de grande sacrifício ao longo do caminho. Freud também encontrou um meio de realizar uma importante travessia em seu caminho para a criação da psicanálise, a técnica hipno-analítico de Breuer, todavia, diferente do monge da historieta budista, Freud soube o momento preciso de se desfazer dele quando se tornou um estorvo. Freud assim descreveu sua discordância teórica com Breuer.

Minha primeira divergência com Breuer surgiu de uma questão relativa ao mecanismo psíquico mais apurado da histeria. Ele dava preferência a uma teoria que, se poderia dizer, ainda era até certo ponto fisiológica; tentava explicar a divisão mental nos pacientes histéricos pela ausência de comunicação entre vários estados mentais (“estados de consciência”, como os chamávamos naquela época), e construiu então a teoria dos “estados hipnóides” cujos produtos se supunham penetrar na “consciência desperta” como corpos estranhos não assimilados. Eu via a questão de forma menos

científica; parecia discernir por toda parte tendências e motivos análogos aos da vida cotidiana, e encarava a própria divisão psíquica como o efeito de um processo de repulsão que naquela época denominei de “defesa”, e depois de “repressão”. Fiz uma tentativa efêmera de permitir que os dois mecanismos existissem lado a lado separados um do outro, mas como a observação me mostrava sempre uma única e mesma coisa, dentro de pouco tempo minha teoria da “defesa” passou a se opor à teoria “hipnóide” de Breuer. (Freud, 1976a, v.XV, p.20).

Frau Moser, ao mostrar a Freud os inconvenientes da hipnose, permitiu a Freud se libertar do método catártico desenvolvido por Breuer. Com isso ele deu o passo decisivo em favor da técnica da associação livre. Essa nova técnica foi utilizada por Freud no outono de 1892 com sua paciente “*Fräulein Elisabeth von R.*”. Durante o exame físico realizado na paciente, Freud encontrou o primeiro indício para o diagnóstico: sua excitação sexual ao ter as coxas pressionadas. Esse prazer sexual experimentado durante o exame ela negava a si mesma em sua vida consciente. Foi à conversa com a paciente, utilizando o método da associação livre, que se converteu na chave para a cura. Freud comparava esse procedimento à “técnica de escavar uma cidade soterrada”. Quando *Fräulein Elisabeth von R.* quedava-se silenciosa, ou respondia que nada lhe passava pela cabeça, Freud se recusava a aceitar essa resposta. Havia aqui, através do reticente “nada” recebido como resposta a pergunta por associações, o véu a ser removido para se descortinar outro importante mecanismo psicológico: a resistência. Esse caso também levou Freud a importantes *insights*. A paciente passara a falar de seus sintomas durante as sessões, e eles surgiam no momento em que começava a falar deles e amainavam quando terminava seu relato. Não obstante, havia aqui uma lição a ser aprendida que o levaria a se afastar ainda mais das primeiras convicções elaboradas com Breuer, não bastava apenas falar! Os traumas precisavam ser “elaborados” (*Bearbeitung*). O que levou a recuperação de sua paciente foi a compreensão a que ela chegou: amava seu cunhado e havia recalçado desejos perversos pela morte da irmã¹³. (GAY, 2008).

“Na primavera de 1894”, contou Freud, “soube que ela ia a um baile exclusivo, ao qual tratei de conseguir acesso, e não deixei escapar a oportunidade de ver minha ex-paciente a voar numa dança ligeira. (GAY, 2008, p.82).

¹³ Segundo Peter Gay: “mais tarde, conversando com sua filha, Elisabeth von R., nascida Ilona Weis em Budapeste, em 1867, não reconheceu que Freud tivesse resolvido seus sintomas neuróticos. Ela o descreveu como ‘apenas um jovem especialista de nervos, com barba, ao qual me mandaram’. Ele havia tentando ‘me convencer de que eu estava apaixonada pelo meu cunhado, mas não era realmente isso’. Contudo, acrescenta sua filha, o relato da história familiar de sua mãe, feito por Freud, era fundamentalmente correto, e o casamento de sua mãe era feliz. A paciente pode ter decidido, de modo mais ou menos consciente, reprimir a interpretação de seus problemas por Freud. Ou Freud pode ter lido paixões inaceitáveis em seu fluxo de eloquência livre e desinibido. De qualquer forma, aí estava uma de suas ex-pacientes – um histerica que freqüentemente sofria de sérias dores nas pernas, ao andar ou ficar de pé – a dançar noite adentro.” (2008, p.82).

Em 1892, Freud tratou de “Miss Lucy R.” e, por essa época, ele já havia percebido o valor da atenção intencional. Após nove semanas Freud conseguiu livrá-la de seu sintoma mais proeminente: a sensação de um desagradável cheiro de pudim queimado associado a sentimentos de depressão. Nesse ponto de sua labuta clínica – que incluía seus esforços teóricos – Freud já estava ciente das leis mentais e da peculiar linguagem dos sintomas. Devido a isso, ao invés de minimizar ou ignorar a importância do bizarro sintoma, o utilizou como guia até as origens do mal neurótico da paciente. Algo estava claro, “tinha de haver uma razão real e suficiente para que um cheiro específico estivesse ligado a um estado particular de ânimo”. (GAY, 2008).

Abandonei o hipnotismo e procurei substituí-lo por algum outro método, porque estava ansioso por não ficar restringido ao tratamento de condições histeriformes. Uma maior experiência também dera lugar a duas graves dúvidas em minha mente quanto ao emprego do hipnotismo, mesmo como um meio para a catarse. A primeira foi que até mesmo os resultados mais brilhantes estavam sujeitos a ser de súbito eliminados, se minha relação pessoal com o paciente viesse a ser perturbada. Era verdade que seriam restabelecidos se uma reconciliação pudesse ser efetuada, mas tal ocorrência demonstrou que a relação emocional pessoal entre médico e paciente era, afinal de contas, mais forte que todo o processo catártico, e foi precisamente esse fator que escapava a todos os esforços de controle. E, certo dia, tive a experiência que me indicou, sob a luz mais crua, o que eu há muito tinha suspeitado. Essa experiência ocorreu com uma de minhas pacientes mais dóceis, com a qual o hipnotismo me permitia obter os resultados mais maravilhosos e com quem estava comprometido a minorar os sofrimentos, fazendo remontar seus ataques de dor a suas origens. Certa ocasião, ao despertar, lançou os braços em torno do meu pescoço. A entrada inesperada de um empregado nos livrou de uma discussão penosa, mas a partir daquela ocasião houve um entendimento tácito de que o tratamento hipnótico devia ser interrompido. Fui bastante modesto em não atribuir o fato aos meus próprios atrativos pessoais irresistíveis, e senti que então havia apreendido a natureza do misterioso elemento que se achava em ação por trás do hipnotismo. A fim de excluí-lo, ou de qualquer maneira isolá-lo, foi necessário abandonar o hipnotismo. (FREUD, 1976b, v. XX, p.40)

Para chegar aos elos de memória inconscientes ligados ao surgimento do sintoma, Freud continuou a aplicar em Lucy, o mesmo método utilizado com sua outra paciente, Elizabeth: a associação livre.

Ele devia muito a Elisabeth von R., Lucy R. e outras histéricas. Em 1892, Freud havia esboçado as linhas gerais da técnica psicanalítica: observação atenta, interpretação hábil, associação livre sem a sobrecarga da hipnose, e elaboração. (GAY, 2008, p.82).

Houve ainda o singelo caso de “Katrina” relatado por Freud a Fliess em agosto de 1893 em sua correspondência. Uma jovem camponesa que o havia servido em uma estalagem nas montanhas havia percebido que ele era médico e lhe confiou seus sintomas nervosos:

fôlego curto, vertigens e uma terrível sensação de sufocamento. Freud conversou francamente com a jovem e no decorrer dessa entrevista analítica improvisada e fortuita ela revelou que, aos quatorze anos, um tio seu havia feito várias tentativas violentas, apesar de malogradas, de seduzi-la. *A posteriori*, ela o viu deitado sobre uma prima e relacionou sua própria experiência à cópula, doravante a lembrança repugnante a levava a desenvolver uma neurose de angústia combinada com histeria. Segundo o relato feito por Freud a narrativa da jovem camponesa ajudou a descarregar seus sentimentos melancólicos. (GAY, 2008, p.83).

[...] casos como este, belos como o de Katrina ou não, representavam um avanço tanto para a técnica como para a teoria: em 1895, nos *Estudos sobre a Histeria* e em suas comunicações confidenciais a Fliess, Freud avançava para algumas generalizações de grande alcance. Acumulando e ordenando as peças do grande quebra-cabeça que é a mente humana, ele estava desenvolvendo as idéias psicanalíticas, e também seu respectivo vocabulário, que se tornariam canônicas no final do século. (GAY, 2008, p.83).

O próprio Freud relata as novidades acrescentadas por ele ao método desenvolvido por Breuer e que viriam a constituir a sua *jovem ciência*.

Entre os outros novos fatores que foram acrescentados ao processo catártico como resultado de meu trabalho e que o transformou em psicanálise, posso mencionar em particular a teoria da repressão e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente. (FREUD, 1976a, v.XV, p.25).

O termo inconsciente é utilizado pela primeira vez em 1886 em um relatório sobre os seus estudos em Paris e Berlim (FREUD, v.I, 1987), todavia, é na interpretação dos sonhos que o termo surge como um conceito de grande relevância para suas formulações teóricas.

Freud usou pela primeira vez o decisivo termo “psicanálise” em 1896, em francês e a seguir em alemão. Mas, desde algum tempo antes, ele vinha trabalhando na direção da psicanálise. De fato, o famoso divã, presente de agradecimento de uma paciente, fazia parte da mobília de seu escritório, quando mudou-se, em setembro de 1891, para Bergasse 19. (GAY, 2008, p.109).

A interpretação dos sonhos foi publicada em 4 de novembro de 1899, pela editora Franz Deuticke, com sede em Leipzig e Viena. Todavia na página de rosto constava a data 1900. O título lacônico era provocativo “*Die Traumdeutung*” literalmente “Interpretação de Sonho” lembrava aquelas brochuras baratas sobre sonhos dirigidas a pessoas supersticiosas. A primeira edição vendeu em seis anos apenas 351 exemplares e apenas em 1909 houve uma segunda edição. (GAY, 2008).

Ele observou em 1910 que a considerava sua “obra mais significativa”. Se , acrescentou ele, “chegasse a ser reconhecido, a psicologia normal teria de ser

refeita sobre novas bases”. Em 1931, no prefácio a terceira edição inglesa, Freud prestou novamente sua ponderada homenagem ao livro dos sonhos. “Ele encerra, mesmo segundo meu juízo, a mais valiosa de todas as descobertas que à minha boa sorte coube fazer. Uma percepção dessas ocorre no destino de alguém apenas uma vez na vida”. (GAY, 2008, p.22).

Toda a experiência de Freud até então o havia guiado para *A Interpretação dos Sonhos*, suas viagens, suas pesquisas, os livros que leu e traduziu para o alemão, o contato com seus pacientes. Tudo confluía para esse livro fundamental.

Apesar dos inevitáveis falsos pontos de partida e dos desvios igualmente inevitáveis de suas primeiras pesquisas, todas as suas descobertas dos anos 1880 e 1890 confluíram para *A Interpretação dos Sonhos*, e mais: muito do que ele viria a descobrir adiante, e não só sobre os sonhos, estava implícito naquelas páginas. (GAY, 2008, p.22).

No capítulo VII, de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud tratou da psicologia dos processos oníricos, após detalhado exame das técnicas de interpretação. Após analisar o sonho em que um pai vê o filho morto lhe alertando que está em chamas, Freud tece a seguinte advertência.

Não há possibilidade de explicarmos sonhos como um processo psíquico, uma vez que explicar algo significa fazê-lo remontar a alguma coisa já conhecida, e não há, no momento, nenhum conhecimento psicológico estabelecido a que possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos habilita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a formular diversas novas hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo das forças que nele atuam. (FREUD, v.V, 1987, p. 469).

Em artigo de 1912 (*Alguns comentários sobre o conceito de inconsciente na psicanálise*). Freud fez o esforço de precisar seu entendimento do que passara a designar por inconsciente. Essa formulação, bem posterior ao seu *A Interpretação dos Sonhos*, ajuda a tornar mais claro o que já aludimos acima.

Freud afirma, em oposição ao que ele denomina de “objeção oriunda da filosofia”, que não se pode afirmar que “consciente” seja idêntico a “psíquico”, utilizando como argumento a existência da memória. Ele então define os termos “consciente” e “inconsciente”.

(...) designemos como “consciente” apenas a representação que está sendo percebida e que está presente em nossa consciência. Portanto, estaremos atribuindo ao termo “consciente” unicamente esse sentido. Em contrapartida, todas as representações latentes que tenhamos motivos para supor que existam na dimensão psíquica – como era o caso da memória – serão denominadas “inconscientes”. (FREUD, 2004, p.83).

As representações inconscientes são, portanto, percebidas apenas de maneira indireta.

Uma representação inconsciente é, portanto, aquela que não percebemos, mas cuja existência admitimos, com base em outros indícios e evidências. (FREUD, 2004, p.83).

Essa definição possui caráter meramente descritivo, todavia Freud também admite a existência de um aspecto dinâmico do inconsciente. Aspecto esse essencial para se compreender o papel das representações inconscientes nas neuroses. Freud também distingue entre representações pré-conscientes e inconscientes. Para ele o termo inconsciente também designa.

Ele denomina não só idéias latentes em geral, mas sobretudo aquelas com determinado caráter dinâmico, ou seja, aquelas que, apesar de sua intensidade e atividade, se mantêm distantes da consciência. (FREUD, 2004, p.83).

O pai da psicanálise chega à conclusão de que as leis da atividade psíquica inconsciente diferem daquelas da atividade consciente. Em larga medida, essa conclusão deriva de seus estudos com a interpretação dos sonhos, e leva a uma terceira formulação mais sofisticada para o inconsciente. Sendo essa definição expressa no referido artigo como a mais importante.

À falta de uma expressão melhor e menos ambígua, daremos o nome de “o inconsciente” ao sistema que se revela por meio de um signo indicativo da inconsciência de cada um dos processos psíquicos que o compõem. (FREUD, 2004, p.89).

Todos os elementos da técnica psicanalítica elaborada por Freud em seu laborioso trabalho como “especialista em nervos”, somente adquire coesão e sentido quando pensados sob a ótica do inconsciente psíquico. Há elementos incompatíveis com a consciência que se tornam inconscientes, e há uma força considerável que os mantém à distância, o recalque. Ao falar dos sintomas, a resistência atua para mantê-los afastados da consciência, pois eles são deveras desagradáveis ou percebidos como imorais. Infelizmente, essas representações não são fracas reminiscências que permanecem imóveis como estátuas num museu de cera, elas são dinâmicas, e atuam mesmo quando a consciência não se apercebe delas. Esse panorama obscuro e nebuloso subjaz tacitamente no dramático teatro do sintoma que se apodera dos neuróticos, e também das pessoas perfeitamente saudáveis em sonhos e lapsos. Justamente esses sintomas, que aparecem como retorno do recalque, são as pistas para se chegar à possibilidade de compreender as razões do sofrimento neurótico. Razões que permanecem ocultas por densas trevas até serem perturbadas pela intromissão do analista, que persegue seu rastro incerto, qual corsa fugidia, atrás da associação livre e da interpretação dos sonhos. Falar da psicanálise e de seus elementos é, inelutavelmente, falar do inconsciente.

6 CONCLUSÃO: O FANTASMA NO CASTELO DO MATERIALISMO

Forma não difere do vazio: o que é vazio não difere da forma.
Forma em si é vazia; vazio em si é forma. Como também
são os sentimentos, percepção, intenção e consciência.
(SUTRA DO CORAÇÃO)

Assim como nos relata Assoun, Freud estava ligado a modelos epistemológicos antigos, e parece ter sido durante sua vida impermeável aquilo que não decorresse desses referentes (1993), mesmo assim, Freud é outra coisa. Em certa medida, consegue transbordar a esses modelos.

Todo o esforço de pesquisa e reflexão despendido até aqui tem por finalidade compreender o caminho, ou caminhos, palmilhados por Freud para formular sua idéia de um inconsciente psíquico. Desde o contexto histórico traçado no terceiro capítulo, com a atenção dada a sua formação científica, sua formação religiosa e sua personalidade. Donde se percebe um Freud que, como judeu, estava acostumado a se opor à “massa compacta”, e com a fibra moral para enfrentar o isolamento que seria o preço de muitas de suas convicções. Além dessa coragem, que ele não cansou de demonstrar, Freud também era um ateu convicto. Um ateu supersticioso é verdade, acochado por muitos dos sintomas que ele mesmo desvelou sob o escrutínio atento de sua técnica analítica. Um ateu com formação religiosa e conhecimento da bíblia e suas interpretações, e com interesse e curiosidade pelos assuntos religiosos que se manifestou como temática em suas pesquisas.

Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse. (FREUD, 1976b, v.XX, p.18).

Apesar de seu interesse pela religião, Freud era um “herdeiro do iluminismo do século XVIII”, e liberto das crenças que animaram seus ancestrais, travou, outrossim, uma batalha para desmascarar essas mesmas crenças. Nessa fronteira tênue, Freud agia com grande liberdade e coragem. Suas crenças fundamentais eram na ciência, que professava com ardor quase religioso, e em si mesmo e seu destino, na fama que iria granjear para si como cientista. Somente em retrospecto, essa pretensão, que aos seus contemporâneos poderia soar como pedantismo e excesso de autoconfiança, mostra-se quase clarividente. Do jovem desconhecido

que em carta à noiva zombava de seus biógrafos por ter lançado às chamas todos os seus papéis e anotações, ao Freud pai da psicanálise. Esse mesmo jovem, em quem sua família depositava inamovível fé em seu brilhante futuro, tinha ainda preocupações mais mundanas, além da de arrelhar a nós, pobres pesquisadores do futuro. Precisava ganhar a vida, para poder finalmente desposar sua noiva, nada mais prosaico.

Todavia algo o movia para além das preocupações cotidianas, e, justamente da prosaica tentativa de se estabelecer como burguês em Viena, ele retirou a argamassa para a construção de seu monumental edifício teórico. Saindo do laboratório de fisiologia, onde poderia ter permanecido feliz e distraído com os enigmas que seu mestre Brücke lhe propunha desvendar, premido pela necessidade financeira, Freud encontra em sua clínica a esfinge que lhe acozaria até o fim de seus dias, e tal qual Édipo, ele ousaria responder ao enigma da besta quimérica.

Em seu paciente e consciencioso trabalho com as histéricas Freud encontrou os caminhos para suas idéias mestras: o inconsciente, a sexualidade infantil e o complexo de Édipo. Interessa aqui o inconsciente, o que fez Freud encarar de maneira diferente o mesmo mal que outros médicos também tratavam cotidianamente?

Freud teve influências decisivas em seu caminho como pesquisador dos mistérios da alma. Breuer foi uma dessas influências decisivas, seu bom amigo – a quem no final tratou com imerecida ingratidão – lhe ajudou a abandonar as práticas ineficazes com que as histéricas eram comumente tratadas: banhos frios, eletroterapia, etc. Ao lhe confiar os meandros tortuosos do tratamento de Annan O., Breuer plantou na alma de Freud uma semente que germinaria sob a poderosa influência de Charcot. Em sua viagem a França, Freud aprendeu algo extremamente valioso, e que poucos de seus pares sabiam: devia-se levar a sério os sintomas das histéricas! Eis a fabulosa lição de Charcot, aprendida por Freud, não tanto pela força dos argumentos de Charcot, mas pela força de sua personalidade, pela influência de sua grandeza como pesquisador, seu carisma, seu *rapport* para com o jovem Freud. Charcot também lhe mostrou mais algumas coisas bem úteis, reforçou em seu espírito o valor da hipnose, algo que Breuer já lhe mostrara. Seus pares médicos de língua alemã, a exemplo de Maynert, desconfiavam da hipnose e a relegavam ao rol das atrações circenses e à prática dos embusteiros. Outra barreira foi rompida com o encontro com Charcot: também homens podiam apresentar os sintomas de histeria. O primeiro passo para aquilo que Freud formularia anos depois.

Se acreditamos que as neuroses não diferem, em qualquer aspecto essencial, do normal, o seu estudo promete render valiosas contribuições para o conhecimento do normal. (FREUD, 1975, v.XXIII, p.212).

O rigor com que Charcot tratava os dados empíricos advindos de seus pacientes levou Freud a logo se afastar ligeiramente das concepções do grande homem, para se manter fiel ao seu exemplo. Para Charcot, apenas os histéricos poderiam sob a influência da hipnose desenvolver os sintomas característicos dessa doença, para ele a sugestão possuía um papel pequeno. Freud logo veio a seguir uma senda um pouco diferente, *cum grano salis* qualquer um podia, sob o efeito da hipnose, desenvolver as anestésias e paralisias típicas da histeria. Em seu retorno a Viena, e ao convívio com Breuer, ele não tardou em experimentar por si mesmo a “*talking cure*”, como havia Anna O., batizado o método catártico. Palavras proféticas da jovem histérica. Com o tempo Freud “transformaria” o método de Breuer numa genuína “cura pela fala”. Ainda tendo como principal ferramenta de seu arsenal terapêutico, a hipnose, Freud a utilizou de maneira inusitada. Ao invés de apenas utilizar de sugestão para suprimir os sintomas, ele prospectava as reminiscências de suas pacientes para saciar sua curiosidade de pesquisador. Em meio às águas barrentas e turvas que eram as almas atormentadas de suas pacientes ele achou ouro.

Freud descobriu que os mecanismos por detrás da hipnose diferiam em muito do que se postulava até então. Começava a se desenhar o *Spaltung* que ele estava prestes a vislumbrar com clareza. As histéricas abreagiam seus sintomas ao relembrar memórias dolorosas e incompatíveis com sua disposição moral, normalmente de cunho sexual. Mesmo esquecidas, essas reminiscências mantinham sua força coercitiva e eram a causa da miríade de manifestações sintomáticas. Mesmo sem estarem cientes disso, e esse é justamente o ponto, elas “sofriam de reminiscências”. A hipnose foi crucial para que Freud pudesse ter esses primeiros vislumbres, mas não a hipnose da maneira como era praticada, e sim o método inovador que havia sido esboçado, a princípio, por Breuer.

Ao considerar os sintomas histéricos, ao invés de ali enxergar apenas um elaborado embuste, Freud descobriu um sério motivo para levá-las a sério. Havia algo para além da consciência, uma força quase diabólica que parecia agir no espírito de seus pacientes de modo contrário a eles mesmos, uma *outra* vontade. A chave para desvendar esse mecanismo foi a hipnose. Sob sugestão hipnótica se podia dar uma ordem, essa ordem seria totalmente esquecida, mas não perderia em nada sua força, quando o momento apropriado surgisse, o sujeito seria compelido, mesmo sem saber por que a realizar automaticamente a tarefa ordenada. Com isso, um véu foi removido por Freud, e lhe permitiu ter o vislumbre

fundamental para postular a existência do recalque e da resistência. Bem como a existência de uma instância psíquica diferente da consciência, e não simplesmente uma outra forma de consciência, um inconsciente.

Muitos de seus pares tinham uma razão forte para duvidar da realidade dos sintomas apresentados por seus pacientes. Como expus no quarto capítulo, as duas teorias vigentes, a anatomopatológica e a fisiológica, foram incapazes de demonstrar a existência de qualquer causa orgânica para as neuroses. A corrente fisicalista de Brücke, assim como o agnosticismo de Du Bois-Raymond eram extremamente respeitados no âmbito da ciência médica positivista, e o postulado de uma “psicologia sem alma” de inspiração kantiana de Raymond, assim como o reducionismo e mecanicismo de Brücke e seus pares gozavam de imensa reputação. Se não havia algo de errado com o corpo das histéricas, então não havia *nada* de errado. Logo, elas só podiam estar fingindo, pois havia ali um pressuposto tacitamente aceito, de origem iluminista, de que o homem era transparente a si mesmo. Ou, dito de outra forma, se é que havia uma psique, essa era igual à consciência. Nem mais, nem menos.

Freud continua reducionista, e positivista materialista, mas ele introduz nas crenças de seus mestres algo de estranho. Com a percepção da existência de uma dinâmica inconsciente Freud rompe com esse pressuposto tácito; havia um motivo para acreditar nas histéricas afinal. Os sintomas, como retorno do recalçado, representavam a ação de forças fora do controle da volição consciente.

O mais importante pressuposto de toda a teoria psicanalista é a existência de processos mentais inconscientes e que esses processos são a causa de certos tipos de distúrbio que não podem ser explicados como resultado de doenças orgânicas. (PALMER, 2001, p.27).

Freud sempre se definiu com um cientista, e a sua criação como uma ciência. Certamente, o inconsciente não era uma novidade, outros autores haviam tratado do tema. Todavia, a ousadia de Freud reside no fato de ter conseguido subverter seus modelos positivistas ao introduzir esse conceito, sem abandonar esses mesmos modelos. Freud também procurou uma aplicação eminentemente prática para sua descoberta. O uso do termo descoberta deve ser frisado, o inconsciente para Freud não era simplesmente uma abstração, mas uma exigência empírica. A formulação de algo com o qual havia se deparado em sua prática clínica, e que lhe doravante viria a lhe servir como uma ferramenta de decifração da alma.

A neurose, como resultado do recalque, é um axioma da psicoterapia de que Freud nunca se afastou. Outro axioma se refere ao caráter daquilo que é recalcado. Já em 1896, ele apresentou a tese de que “no fundo de todo caso de histeria há uma ou mais ocorrências de experiência sexual prematura, ocorrências pertinentes aos primeiros anos da infância...”. (PALMER, 2001, p.28).

Para Freud o inconsciente, e todas as conseqüências práticas e teóricas advindas dessa hipótese, não formavam o corpo de uma filosofia, mas uma ciência com fins eminentemente práticos. Ele não se perde no mundo de ar rarefeito da pura abstração. Sua idéia de um inconsciente orienta sua prática clínica, assim como a decifração dos mistérios da psicose – que confessava não ter conseguido meios para tratar. A estrutura conceitual que criou, tendo como pedra angular o inconsciente, também lhe servia como arma para desmascarar a religião, e decifrar a cultura. Grande parte de sua obra dedica-se a isso.

O viés prático de suas elucubrações já estava presente mesmo quando ainda se utilizava da hipnose, mas é com o abandono desta que a práxis propriamente psicanalítica vai se estabelecer, a associação livre, a interpretação (*Deutung*). Com a associação livre, Freud abre um espaço inaudito, aqueles que por tanto tempo haviam sido segregados, colocados à margem, aqueles a de quem não se podia aproximar “sem se traçar um círculo mágico” (FOUCAULT, 2008), agora tinham voz. E ao invés de serem simplesmente separados, em um mundo a parte, havia para eles uma possibilidade de tratamento e cura.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ASSOUN, P.L. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- . *Metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CONFÚCIO. *Analectos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, M. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- . *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- . *A interpretação dos sonhos*. 2v. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 4-5. Rio de Janeiro: Imago, 1987a.
- . *Conferências introdutórias a psicanálise*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XV-XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.
- . *Esboço de psicanálise*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- . *Estudos sobre histeria*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- . *História do movimento psicanalítico*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974a.
- . *Relatório sobre os meus estudos em Paris e Berlim*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987b.

- . *O interesse científico da psicanálise*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974b.
- . *Um estudo autobiográfico*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- GOETHE, J.W. *Fausto: uma tragédia*. 2v. São Paulo: Ed.34, 2004.
- HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HENNING, M. Neuroquímica da vida cotidiana. *Cadernos do IPUB*, VI, 18, 123-132. Rio de Janeiro: UFRJ/IPUB, 2000.
- JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. v1. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- JUNG, C.G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- . *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- . *Estudos de história do pensamento científico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense universitária, 1991.
- LEITE, M.P.S. *A negação da falta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- LEVIN, Kenneth. *Freud: a primeira psicologia das neuroses – uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PALMER, Michael. *Freud e Jung: sobre a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- PENNA, A.G. *História das idéias psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PESSOTI, Isaias. *A loucura e as épocas*. São Paulo: Ed.34, 1994.
- POINCARÉ, H. *O valor da ciência*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- POMMIER, G.A. *Neurose infantil da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- QUINET, Antonio. *A lição de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)